

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Flavia Pala Falavina

DOS PRINCÍPIOS DA LITERATURA, DE UGO FOSCOLO: UMA
TRADUÇÃO COMENTADA

Florianópolis 2016

Flavia Pala Falavina

DOS PRINCÍPIOS DA LITERATURA, DE UGO FOSCOLO: UMA
TRADUÇÃO COMENTADA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Área de concentração: Teoria, história e crítica da tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Karine Simoni (UFSC)

Florianópolis 2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Falavina, Flavia

Dos Princípios da Literatura, de Ugo Foscolo : uma
tradução comentada / Flavia Falavina ; orientador, Karine
Simoni - Florianópolis, SC, 2016.

221 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, . Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Foscolo. 3. De' principj
della letteratura. 4. tradução comentada. 5. sistema
literário brasileiro. I. Simoni, Karine . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução. III. Título.

FOIHA DE ASSINATURA

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho de pesquisa e de uma importante etapa da minha vida, gostaria de agradecer a todos que de alguma maneira colaboraram com a minha jornada.

À minha orientadora Karine Simoni, pela oportunidade de conhecer Foscolo, pelas palavras de incentivo, pelas dedicadas correções, pelo material emprestado e pelo exemplo de profissionalismo.

À CAPES pelo incentivo à pesquisa.

A Andréia Guerini e Carolina Torquato, por participarem da minha banca de qualificação, pela leitura atenciosa e pelas sugestões.

Aos professores da banca de defesa, por aceitarem o convite e dedicarem tempo ao meu trabalho.

Aos professores e colegas tradutores que conheci durante as disciplinas, por compartilharem seus conhecimentos.

Aos amigos da PGET, pela companhia, pelas conversas, pela escuta e por distribuírem ideias e risadas.

À minha mãe, pelo cuidado, pela paciência, pelos ensinamentos e pelo amor.

À minha irmã, pela maior amizade.

Ao meu pai, por me ensinar o valor das culturas.

Ao Brunno, meu companheiro de vida, por estar sempre ao meu lado.

RESUMO

Este trabalho consiste em uma tradução comentada do ensaio *De' principj della letteratura*, de Ugo Foscolo (1778-1827). Trata-se de um texto elaborado em 1808 para a aula que daria um ano mais tarde na Università di Pavia. A influência do mundo clássico e dos preceitos iluministas modernos, que percorriam a Itália no período pós Revolução Francesa, desempenham um papel fundamental na escrita de Foscolo e conferem ao ensaio características dos movimentos literários neoclássico e romântico. Decorrente do envolvimento com as questões políticas e culturais do seu tempo, Foscolo divulga na aula pavese valores literários que ressaltam a eloquência e a utilidade à pátria. Tendo em vista a importância da eloquência, a tradução utilizou, como referencial teórico, Henri Meschonnic (2010) e Antoine Berman (2002; 2012), que partem de uma concepção de texto que não separa a forma do sentido, mas se atem ao discurso. O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro foi feita uma contextualização literária e histórica da obra foscoliana, no segundo foi incluída a tradução do ensaio *De' principj della letteratura*, e nos comentários da tradução foram observados os seguintes pontos: sintaxe, pontuação, léxico e notas.

Palavras-chave: Foscolo; *De' principj della letteratura*; tradução comentada; sistema literário brasileiro

RIASSUNTO

Questo lavoro consiste in una traduzione commentata del saggio *De' principj della letteratura* di Ugo Foscolo (1778-1827). Si tratta di un testo elaborato nel 1808 per la lezione che sarebbe stata pronunciata un anno dopo all'Università di Pavia. L'influenza del mondo classico e dei precetti illuministi moderni, che percorrevano l'Italia nel dopo Rivoluzione Francese, svolgono un ruolo fondamentale nella scrittura di Foscolo e attribuiscono al saggio caratteristiche del neoclassicismo e del romanticismo. Visto il coinvolgimento con le questioni politiche e culturali del suo tempo, Foscolo durante la lezione pavese trasmette valori letterari, tra i quali spiccano l'eloquenza e il servizio alla patria. Tenendo conto l'importanza dell'eloquenza, la traduzione utilizza come riferimento teorico Henri Meschonnic e Antoine Berman, che partono da una concezione di testo che non separa la forma dal senso, ma che si appoggia al discorso. Il lavoro è diviso in tre capitoli: nel primo è stata fatta una contestualizzazione letteraria e storica dell'opera foscoliana, nel secondo è stata inclusa la traduzione del saggio *De' principj della letteratura*, e nei commenti della traduzione sono stati osservati i seguenti punti: sintassi, punteggiatura, lessico e note.

Parole-chiave: Foscolo; *De' principj della letteratura*; traduzione commentata; sistema letterario brasiliano

ABSTRACT

This work consists of an annotated translation of the essay *De' principj della letteratura*, from Ugo Foscolo (1778-1827). It is a text written in 1808 to the lesson that he would give a year later at the Università di Pavia. The influence of the classical world and modern Enlightenment precepts, that were flowing through Italy in the post French Revolution period, play a key role in the Foscolo's writings and gives to the essay characteristics of neoclassical and romantic literary movements. Due to the involvement in the political and cultural issues of his time, Foscolo discloses in the pavese lesson literary values that emphasize the eloquence and the usefulness to the fatherland. Recognizing the importance of eloquence, the translation has used as theoretical references, Henri Meschonnic and Antoine Berman, who start from a conception of text that does not separate the form of the sense, but sticks to the speech. The study is divided into three chapters: in the first one a literary and a historical context of Foscolo's writings was made, in the second one is included the translation of the essay *De' principj della letteratura* and in the translation's comments the next points were observed: syntax, punctuation, lexicon and notes.

Key-words: Foscolo; *De' principj della letteratura*; annotated translation; Brazilian literary system

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 FOSCOLO NO SISTEMA LITERÁRIO ITALIANO.....	25
1.1 Experiência histórica entre o clássico e o moderno.....	26
1.2 Foscolo ensaísta.....	49
1.3 Ensaio no período <i>pavese</i>: aulas de literatura.....	65
2 UMA TRADUÇÃO DO ENSAIO <i>DE' PRINCIPJ DELLA LETTERATURA</i>.....	81
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO TRADUTÓRIO DO ENSAIO <i>DE' PRINCIPJ DELLA LETTERATURA</i>.....	121
3.1 <i>De' principj della letteratura</i>: uma análise do ensaio.....	122
3.2 Considerações sobre a tradução.....	160
3.2.1 Ritmo: pontuação e sintaxe.....	174
3.2.2 Léxico.....	188
3.2.3 Sobre as notas.....	207
CONCLUSÃO.....	211

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa e tradução comentada do ensaio de Ugo Foscolo intitulado *De' principj della letteratura* surgiu como sugestão da minha orientadora, Profa. Dra. Karine Simoni. A pesquisa integraria um projeto mais amplo que visa à tradução comentada de todos os ensaios do período *pavese*, que são, especificamente, os textos referentes às aulas que o autor ministrou na Università di Pavia, em 1809. A sugestão foi aceita, no entanto, o que conhecia de Foscolo era pouco e relacionava-se principalmente às suas poesias. Logo no início da pesquisa, porém, me surpreendi com a multiplicidade literária e a vasta produção de Foscolo. Desde seus primeiros escritos, como *Tieste* (1795) ou *Piano di studi* (1796), às últimas páginas produzidas na Inglaterra, *La Commedia di Dante Alighieri, illustrata da Ugo Foscolo* ou o *Discorso storico* que precede o *Decameron di Messer Giovanni Boccaccio* (ambos de 1825), passando por importantes obras da literatura italiana como o romance epistolar *Ultime lettere di Jacopo Ortis* (publicado em várias versões entre 1798 e 1817) e *Dei Sepolcri* (1807), a produção de Foscolo foi intensa e contínua e transitou não apenas pela poesia e pelo romance, gêneros através dos quais ganhou notoriedade, mas também pelo teatro, pela tradução e pela ensaística política, histórica e literária.

Ugo Foscolo, originariamente Niccolò, nasceu em Zaquintos, na Grécia, em 6 de fevereiro de 1778, filho de pai italiano, de origem veneziana, e mãe grega (respectivamente Andrea Foscolo e Diamantina Spathys). Enquanto jovem, em 1793, se transferiu para a ainda não unificada Itália e passou a reconhecê-la como pátria. Em decorrência de

desavenças políticas, Foscolo se auto-exilou em 1815 e terminou seus dias na Inglaterra. Morreu de hidropisia em 10 de setembro de 1827, em Turnham Green, nos arredores de Londres.

Pela relevância literária e histórica de seus escritos, que expressam a inquietude do período pós Revolução Francesa, Foscolo é considerado um importante autor do século XIX pela crítica literária italiana. Contudo, apesar da proximidade cultural entre o Brasil e a Itália, os estudos sobre Foscolo no Brasil ainda são poucos e as traduções de seus textos para o português brasileiro ainda mais raras.

Parece-me relevante elucidar, primeiramente, os vínculos culturais e literários entre a Itália e o Brasil para que se esclareça a importância das traduções brasileiras de obras literárias italianas. No livro *A contribuição italiana para a formação do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda relata momentos da história brasileira cuja presença da cultura italiana foi significativa, desde a influência náutica e mercantil para os portugueses navegadores ou a participação de italianos para o desenvolvimento econômico e para a expansão do território nacional do Brasil, até a formação de uma literatura e cultura brasileiras – dissociada, ainda que não completamente, daquela constituída na América espanhola. Assim, as duas culturas são “tão distantes no espaço, mas tão próximas nas suas raízes comuns e seculares” (HOLANDA, 2002, p. 109) e, por isso, ao voltarmos para a literatura ou cultura italiana, nos apropriamos, de certo modo, um pouco mais da nossa própria cultura.

Mesmo evidenciada a estreita relação entre os dois países, ainda há muito o que se estudar e traduzir da literatura italiana para o

português brasileiro, as poucas traduções de Ugo Foscolo são um exemplo disso. No sítio eletrônico WorldCat¹ (segundo o próprio sítio, a maior rede do mundo de conteúdos e serviços de livrarias), constam traduções das obras de Foscolo para pelo menos vinte e oito línguas, dentre as quais para o alemão, francês, espanhol, grego, tcheco, russo, catalão, armênio, persa, japonês, turco, finlandês, dentre tantas outras, só para citar a extensa variedade delas. Essas traduções, em grande parte, abrangem as duas obras mais conhecidas de Foscolo: *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, publicada em definitivo em 1817, e *Dei Sepolcri*, de 1807. Para o português brasileiro, constam publicadas no formato de livro somente a tradução de Andréia Guerini e Karine Simoni de *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, sob o título *As últimas cartas de Jacopo Ortis*, publicada pela editora Rocco em 2015, e a tradução de Luiz Vicenti di Simoni de *Dei Sepolcri*, que em *Gemidos poéticos, sobre os túmulos; ou carmes epistolares*, de 1842, reuniu e traduziu, junto com a obra foscoliana, textos de outros autores sobre o tema dos túmulos.

Além dessas publicações, há ainda o artigo científico *Para uma tradução D'Os Sepulcros, de Ugo Foscolo* (2009), de Gleiton Lenzt, publicado pela revista *Alea: estudos neolatinos*, que consiste na tradução integral do poema de Foscolo, disponível somente em meio virtual, e a dissertação de mestrado de Maria Tereza Buonafina, com orientação de Roberta Barni, intitulada *As “ultime lettere di Jacopo Ortis”, de Ugo Foscolo: análise acompanhada de tradução comentada e anotada* (2007), pela Universidade de São Paulo, na qual consta uma

¹ Disponível em: <www.worldcat.org>. Acesso em: 10 de jan. de 2016.

tradução não integral da obra. Há, além disso, alguns estudos sobre o autor e sua obra no meio acadêmico, no entanto, não foram compilados neste trabalho por não se tratarem de traduções.

Podemos observar, a partir desses dados, que são poucas as traduções de Foscolo para o português e essas partem das obras mais conhecidas do autor. Posta a proximidade cultural, e se comprarmos com outros países como Inglaterra ou França, por exemplo, a ausência de traduções se evidencia ainda mais.

Sobre os ensaios, que são o interesse de estudo deste trabalho, não foram identificadas traduções integrais para o português publicadas, mesmo, segundo Karine Simoni (2009, p. 12), que constituam a maior parte da obra de Foscolo. Palumbo (2010, p. 146) aponta que os ensaios foram para Foscolo, além de um modo de sobrevivência, visto que Foscolo foi pago para escrever vários deles, um instrumento para pensar e questionar a hereditariedade das tradições, interpretar a literatura a ele contemporânea e complementar a sua obra de poeta. Adiciono que, por ter utilizado o gênero ensaístico para refletir também sobre temas referentes à política e à história, é possível não só compreendermos melhor a obra literária do autor, mas também obtermos um panorama político-sócio-cultural da época, através da visão de Foscolo, visto como um sujeito ativo e testemunha dos acontecimentos.

Exponho ainda, especificamente em relação aos ensaios *pavesi* sobre a língua e a literatura, as palavras de Marzia Vicentini sobre os escritos de Foscolo que se ocupam da língua (na visão de Foscolo, como veremos, a língua e a literatura não são consideradas independentemente). Nesta citação, Vicentini confirma que o estudo dos

ensaios foscolianos é importante porque estão inseridos no centro das discussões linguísticas da época e, nesse sentido, têm uma relevante contribuição histórica e teórica:

Com esses escritos o nosso autor se coloca no centro das discussões linguísticas que percorrem o grande século filosófico e das análises desses escritos deverá resultar seja uma maior consciência da importância histórica dessas discussões, seja uma avaliação da contribuição teórica da intervenção foscoliana² (VICENTINI, 1992, p. 6).

Depois da reflexão sobre a importância de se estudar os ensaios de Foscolo sobre a língua e a literatura, e visto que ainda não há traduções desses textos no Brasil, apresento, neste trabalho, uma tradução comentada do ensaio *De' principj della letteratura*, escrito em 1808, por ocasião de um convite que recebeu para proferir, um ano mais tarde, aulas sobre eloquência na Università di Pavia, e publicado pela primeira vez em 1825 em Piacenza. Utilizei, para fins de estudo e como texto de partida para a tradução, o volume *Lezioni, articoli di critica e di polemica (1809-1811)*, de 1933, da coleção *Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo*, publicada pela editora Le Monier, de Florença,

² “Con questi scritti il nostro autore si immette nel centro delle discussioni linguistiche che percorrono il grande secolo filosofico e dalla loro analisi dovrà risultare sia una maggiore consapevolezza dell’importanza storica di queste discussioni, sia una valutazione dell’apporto teorico dell’intervento foscoliano” (tradução minha).

ao longo de todo o século XX, por ser uma edição reconhecida pela crítica italiana.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, *Foscolo no sistema literário italiano*, discutirei o tempo cultural e político no qual Foscolo esteve inserido, apresentando seus motivos políticos e patrióticos ao elaborar o ensaio/aula – já que expressa que a literatura era um elemento fundamental para a construção de uma identidade nacional – e expondo as características clássicas e modernas de sua escrita. Após essa etapa, abordarei os ensaios de Foscolo em geral, através dos temas e posicionamentos literários, para depois discorrer sobre cada um dos ensaios *pavesi*.

O segundo capítulo é dedicado à tradução do ensaio *De' principj della letteratura*. Optei por inseri-la no corpo do trabalho, pois as análises realizadas no capítulo subsequente tratam e fazem reflexões sobre a mesma. Dessa forma, a tradução e, conseqüentemente, o trabalho do tradutor, é posto em destaque.

No terceiro capítulo, *Considerações sobre o processo tradutório do ensaio De' principj della letteratura*, exponho, primeiramente, uma leitura interpretativa do ensaio, pois entendo que toda tradução é e origina-se de uma leitura pessoal que está situada no tempo e no espaço. Depois, apoiando-me em teóricos como Berman (2002; 2012) e Meschonnic (2010), reflito sobre o projeto de tradução, evidenciando uma abordagem tradutória que não cinde o texto em forma e conteúdo, mas trata-o enquanto um discurso, cujo *modo de dizer* é, também e ao mesmo tempo, *o que é dito*, ou seja, a forma como o conteúdo é expresso constitui o próprio conteúdo. E, por fim, faço

algumas considerações sobre a tradução, apontando, a partir da estrutura, função sintática e léxico, minhas escolhas tradutórias.

1 FOSCOLO NO SISTEMA LITERÁRIO ITALIANO

O capítulo se apresenta dividido em três partes. No primeiro momento, será discutido o momento histórico no qual Foscolo esteve inserido, expondo como a Revolução Francesa, os ideais iluministas e o atraso econômico e político italiano em relação a outros países europeus influenciaram na temática da literatura foscoliana. A partir disso, será mostrada a presença da cultura clássica e da emergente cultura moderna no período e como Foscolo as incorporou.

No segundo momento do capítulo, me restringirei à atividade ensaística de Foscolo, a qual se volta aos temas da história, da crítica literária, da política e dos costumes. No que concerne à história, adianto que Foscolo busca ressaltar os antigos e grandes feitos do passado, como as revoluções que aconteceram dentro do território italiano, a vida de personalidades importantes e a própria história da língua italiana, para citar exemplos. Ao abordar os textos literários, sua crítica parte de um método, que prima não por regras prontas de análise, mas pela observação do crítico, baseando-se no conhecimento de mundo e nos sentimentos, e também nesse caso procura rememorar os importantes nomes da literatura italiana. Os ensaios políticos, por sua vez, exaltam a necessidade da liberdade e da independência da pátria a partir de uma análise que se volta à história e à experiência. Por fim, nos textos em que aborda os costumes, analisará a arte, a vida pública e doméstica, a moda etc.

No terceiro momento, será mostrada uma síntese dos ensaios sobre a literatura do período *pavese*, ou seja, os ensaios referentes às

aulas que ministrou na Università di Pavia, e os assuntos tratados em cada uma delas. Com isso, espero proporcionar uma leitura mais situada e aprofundada da tradução do ensaio *De' principj della letteratura*.

1.1 Experiência histórica entre o clássico e o moderno

O momento histórico, político e cultural no qual viveu Ugo Foscolo foi tumultuoso e decisivo para a história ocidental, e um dos acontecimentos mais marcantes do período foi, sem dúvida, a Revolução Francesa. As mudanças advindas da Revolução, desencadeada em 1789, foram significativas não só cultural e politicamente, mas geograficamente – visto que o mapa europeu foi redesenhado em decorrência do grande número de invasões e dominações por parte dos revolucionários franceses. Embebida pelos ideais iluministas, a Revolução abalou o Antigo Regime, marcado pelo despotismo que privilegiava a nobreza e o clero e pela opressão e miséria vividas pelo povo, vitimizado pelos pesados impostos que lhe eram cobrados. A emancipação do indivíduo sob o lema de liberdade, igualdade e fraternidade, e a tentativa de por fim aos antigos modelos de instituição permeados pela tradição e pelos hábitos supersticiosos tornou-se a nova ordem (PERRY, 2002, p. 319-323).

A historiografia aponta que a fase radical da Revolução Francesa ocorreu entre 1792 e 1794 e culminou na execução do rei Luís XVI, em 1793. Com a morte do rei e a consequente abolição da monarquia e dos privilégios aristocráticos, teve início a ditadura jacobina, encabeçada por Robespierre, que almejava centralizar o

governo e controlar a economia, visando salvar a república e a revolução. Tal governo ficou conhecido como Reinado do Terror, assim chamado pela perseguição e morte aos que discordavam da nova ordem, que teve seu fim em 1794, com a decapitação de seu líder (PERRY, 2002. p. 336-338)³.

Os acontecimentos da França provocaram apreensão no restante da Europa, pois as ideias revolucionárias e a execução de Luís XVI foram vistas pelos governantes como ameaça ao poderio estabelecido. De fato, a expansão territorial francesa não viu seu desfecho com a queda do Reinado do Terror, mas continuou, sob outros preceitos, com os futuros generais que tomaram o poder, entre eles Napoleão Bonaparte.

Após os anos de estudo no seminário em Split, na Dalmácia, entre 1785 e 1792, Foscolo transfere-se para Veneza, a fim de se reunir à família (um ano após o falecimento do pai Andrea, em 1788, sua mãe já havia se transferido para a ilha grega Corfu e posteriormente para Veneza), instalando-se definitivamente na cidade italiana em 1793. Em Veneza, deparou-se com um cenário no qual estava presente a discussão sobre os ideais de liberdade e igualdade, ao mesmo tempo em que a tirania dos líderes advindos da revolução provocava um sentimento de descontentamento e contradições. Foi nessas circunstâncias que ele iniciou a sua formação como poeta, em meio às transformações que chegavam aos estados italianos através do expansionismo francês e às discussões políticas e filosóficas advindas do movimento iluminista que já se faziam presentes nas bocas e escritos de alguns intelectuais

³ Para ampliar a discussão, sugiro as seguintes leituras: *França revolucionária (1789-1799)*, de Michel Vovelle. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*, de Eric J. Hobsbawm, *A Revolução Francesa*, de Georges Lefebvre.

italianos, como foi o caso de Cesarotti, grande influência para Foscolo (CAMPANA, 2009, p. 33). Contudo, antes de considerarmos a particular situação política da Itália nesse período, é fundamental que tratemos o Iluminismo com maior precisão, dado que, assim como a Revolução Francesa, o movimento influenciou a vida e a obra de Foscolo.

Ferroni (2003, p. 41-43) afirma que o Iluminismo surgiu na Europa a partir da crise da consciência europeia do Antigo Regime, e pode ser caracterizado como um movimento intelectual que propôs uma nova concepção das relações entre cultura, sociedade e realidade e criou as premissas da sociedade moderna ao tentar submeter o desenvolvimento social ao controle da razão, rompendo dessa maneira com as antigas tradições e visões de mundo. Os iluministas foram influenciados pelo racionalismo (ou cartesianismo); no entanto, superaram essa corrente em dois aspectos: em primeiro lugar, substituíram a noção de que as ideias são inatas à mente humana pela convicção de que a razão se alimenta sobretudo da experiência. Daí provém a intenção de emancipar o homem da tradição e do mito, delegando a ele a responsabilidade pelo destino da sociedade. Caberia, portanto, ao homem reconhecer e se afastar dos erros, da ignorância e da opressão do passado, condição essencial para assegurar o progresso social. Em segundo lugar, destaca-se a ideia de relativismo cultural, edificada a partir da concepção do *bom selvagem* de Rousseau, segundo a qual a natureza do homem é essencialmente boa, e do interesse em direção à América e ao Oriente, o que permitiu ao europeu reconhecer a autonomia e o valor das singularidades culturais. Ao relativismo se

coligam, por fim, a defesa da tolerância religiosa e política, de liberdade, de democracia e de respeito por opiniões outrem⁴.

A Revolução Francesa irrompeu justamente a partir desse novo modelo de sociedade proposto pelos iluministas. Em pouco tempo, tais preceitos, que ganharam força na França sobretudo durante os reinados de Felipe D'Orléans e de seu sobrinho Luís XV, adquiriram expressividade para além das fronteiras francesas. Ao chegarem à Itália, porém, ressoaram diferentemente e, para que se clarifique o cenário italiano em relação à Revolução e aos ideais iluministas, é importante considerarmos o significativo atraso da Itália defronte às grandes potências políticas, econômicas e culturais da Europa (como a própria França, a Inglaterra e a Holanda) durante e após o século XVIII, e antes da Revolução e da expansão napoleônica. Economicamente, a Itália esteve restrita a um antigo modelo que ainda continha resíduos do feudalismo, como privilégios para a aristocracia e para o clero e uma economia de subsistência baseada no campo, com ausência de tecnologias e de comércio em grande escala. Socialmente, as relações se encontravam estáticas, sem possibilidades de ascensão social; a burguesia não era uma classe significativa; e a legislação era confusa, contraditória, ineficiente e colaborava para o continuísmo do exercício governamental autoritário. Culturalmente, a intelectualidade laica ainda estava subordinada ao ensino religioso que censurava e intervinha nos debates; e vigorava uma formação de natureza retórica (ASOR ROSA, 2009, p. 223-224). Sobre o assunto, Ferroni (2003, p.49) complementa:

⁴ Para aprofundamento no assunto, sugiro como leitura *Emílio: ou da educação*, de Jean-Jacques Rousseau, e *Ensaio sobre o entendimento humano*, de John Locke. O primeiro autor é citado no ensaio que o trabalho se propõe traduzir e o segundo é influência expressa para os escritos de Foscolo.

A tradição cultural italiana, obrigada, todavia, a confrontar-se com o predomínio intelectual do Iluminismo, precisou abrir-se à realidade concreta e a uma renovada responsabilidade civil. A ausência de uma sólida burguesia capaz de sustentar as reformas, a fragmentação política do país e o seu extremo particularismo enfraqueceram a capacidade de ação e de penetração da cultura iluminista italiana e limitaram a sua incidência sobre os sucessivos desenvolvimentos da nossa literatura⁵.

É possível constatar que o quadro italiano acima citado impediu que a Itália vivesse o movimento iluminista da forma como o vivenciaram outras nações, como a França e a Inglaterra. Apesar disso, segundo Asor Rosa (2009, p. 233), o Iluminismo foi um movimento de grande importância para a Itália. Afirma ele:

Não obstante os limites indicados, o Iluminismo italiano representa um momento esplêndido de renovação e europeização da nossa cultura, e é justamente por isso que merece ser colocado no início da nossa cansativa retomada nacional. Ele estabelece um momento do mais abrangente movimento de renovação do pensamento político, filosófico e literário europeu durante o curso do século XVIII. Os reformadores italianos tiveram nítida consciência dessa relação e quiseram, eles mesmos, tornar clara as contribuições estrangeiras para seus pensamentos⁶.

⁵ “La tradizione culturale italiana, costretta comunque a confrontarsi col predominio intellettuale dell’*Illuminismo*, dovette aprirsi alla realtà concreta e a una rinnovata responsabilità civile. La mancanza di una solida borghesia capace di sostenere le riforme, la frantumazione politica del paese e il suo estremo particolarismo indebolirono la capacità di azione e di penetrazione della cultura illuministica italiana e limitarono la sua incidenza sui successivi sviluppi della nostra letteratura” (tradução minha).

⁶ “Nonostante i limiti indicati, l’*Illuminismo* italiano rappresenta un momento splendido di rinnovamento ed europeizzazione della nostra cultura, ed è proprio

De fato, foi justamente o Iluminismo o responsável pelo início da mudança da situação econômica, política e cultural da península. A interferência cultural francesa, que já se mostrava expressiva desde o fim do século XVII, como pode ser atestado através do grande número de traduções de obras francesas e do próprio uso da língua francesa nos ambientes intelectuais italianos, colaborou fortemente para a absorção do modelo de sociedade que já emergia em outros países. Sobre a influencia da cultura francesa na Itália entre o período de 1650 até 1800, Mona Baker (2005, p. 478) confirma:

Na segunda metade do século XVIII, todavia, o interesse no francês começou a assumir o lugar do latim. Entre 1650 e 1800, a cultura francesa, não inteiramente ignorada na Itália durante os séculos anteriores, propagou-se pelas regiões setentrional e central da Itália, como também ocorreu no restante da Europa. [...] Durante a segunda metade do século XVIII, a cultura francesa expandiu-se ainda mais pelas traduções de obras na filosofia, ciência, economia, e política, quatro áreas que certamente eram inseparáveis dos escritos dos *philosophes* franceses⁷.

perciò che merita d'esser messo all'inizio della nostra faticosa ripresa nazionale. Esso costituisce un momento del più generale moto di rinnovamento del pensiero politico, filosofico e letterario europeo durante il corso del Settecento. I riformatori italiani ebbero viva coscienza di questo rapporto e vollero essi stessi mettere in piena luce contributi stranieri al loro pensiero” (tradução minha).

⁷ “In the later half of the eighteenth century, however, interest in French began to take over from Latin. Between 1650 and 1800, French culture, not altogether ignored in Italy during previous centuries, spread throughout the northern and central regions of Italy, as it did all over the rest of Europe. [...] During the latter half of the eighteenth century, French culture was spread further by translations of works on philosophy, science, economics and politics, four areas which were of course inseparable in the writings of the French *philosophes*” (tradução minha).

Elucido ainda a presença da cultura francesa na Itália a partir de um olhar para a língua. No século XVII, a língua francesa estava de tal forma inserida na cultura italiana que chegou a modificar, em parte, a estrutura rígida e latinista da língua local. A situação ocorria porque, segundo Claudio Marazzini (2004, p. 150-155), nesse período surgiu uma série de polêmicas acerca da língua italiana, originadas pela reação francesa ao “mau gosto” do movimento literário barroco disseminado principalmente na Itália e na Espanha. Disso resultou um julgamento cultural que se fundamentava na ideia do “gênio das línguas”⁸. Somado a isso a estagnação cultural, política e econômica da Itália, difundiu-se no exterior a imagem de que a língua italiana não teria uma estrutura apta para expressar de modo ordenado o pensamento humano, ocupando, assim, o lugar restrito de instrumento da lírica amorosa e do melodrama, ao contrário do francês, ao qual se atribuía cada vez mais as virtudes da razão e da clareza. Além disso, a Revolução Francesa e a expansão napoleônica contribuíram para que o francês fosse imposto aos países conquistados, colaborando assim para que a língua francesa ocupasse o lugar de língua internacional.

Diante da desvalorização da língua italiana e do prestígio da língua francesa, esta passou a ser imprescindível para qualquer italiano

⁸ A questão do “gênio das línguas” foi colocada primeiramente pelo padre Bouhours na segunda metade do século XVII com as obras *Les entretiens d’Ariste et d’Eugène* (1671) e *La manière de bien penser dans les ouvrages d’esprit* (1687) e depois amplamente discutida por outros escritores no século XVIII, como foi o caso de Rivarol em *De l’universalité de la langue française* no século XVIII. A ela está relacionada a atribuição de uma virtude *estrutural* congênita para cada idioma.

culto. Marazzini (2004, p. 154-155) relata ainda que, para os italianos, o uso do francês ultrapassava os limites da necessidade:

Em certos casos, além disso, o francês era usado por escritores da Itália setentrional em anotações particulares, em anotações cotidianas, em rascunhos e também em cartas para amigos, parentes e conhecidos. Esse fato é bastante interessante, porque não há qualquer justificativa em um estado exterior de necessidade, mas deriva de uma livre escolha de gosto e de costume⁹.

Ainda com referência à questão linguística, cito, baseada em Pierre Milza (2006, p. 537-538), o radical grupo do *Caffè*¹⁰ que propunha um *desenvelhecimento* da língua italiana (contrário ao movimento purista que pretendia ressuscitar a língua de Dante e Maquiavel), um processo que deveria introduzir novas palavras, além de palavras que haviam passado por mutações através da linguagem familiar e uma adaptação às formas e ao léxico do francês. Pietro Verri, um dos integrantes do *Caffè*, associava à modernização da língua italiana reflexões sobre a necessária renovação da economia italiana, o que por sua vez convergia com os ideais da reforma¹¹, movimento que

⁹ “In certi casi, inoltre, il francese veniva usato da scrittori dell’Italia settentrionale per appunti privati, per annotazioni diaristiche, per abbozzi, e anche per lettere ad amici, parenti, conoscenti. Questo fatto è assai interessante, perché non trova alcuna giustificazione in uno stato esterno di necessità, ma deriva da una libera scelta di gusto e di costume” (tradução minha).

¹⁰ Jornal fundado por Pietro Verri, Alessandro Verri, seu irmão, e Cesare Beccaria que esteve ativo por dois anos (de 1764 a 1766) e ganhou reconhecimento por suas críticas aos conservadorismos da cultura italiana. O jornal representou um dos momentos mais altos da cultura iluminista italiana e tratou de temas relacionados à economia, ao direito, à língua, à educação etc. (<http://www.treccani.it/enciclopedia/il-caffe/>)

¹¹ Foi o projeto de modernização da estrutura estatal italiana influenciado pelos preceitos iluministas. O projeto visava, basicamente, reformar a burocracia administrativa do Estado, recuperar o atraso econômico, rever o direito civil e

buscou vencer o atraso político e econômico da Itália. Por outro lado, como foi dito, havia puristas, como Antonio Cesari, Basilio Puoti e Garducci, contrários à renovação da língua, que difundiam a ideia de que a abertura para a língua francesa poderia ocasionar um enfraquecimento do italiano.

As discussões sobre a língua eram, efetivamente, expressões de um debate mais profundo sobre a cultura, a política e a economia italiana e demonstram, sobretudo, que na Itália “uma das características principais do Iluminismo consiste no seu pluralismo¹²” (MILZA, 2006, p. 536), o que significa dizer que na península italiana o Iluminismo não evidenciava uma doutrina, mas um agrupado de valores não necessariamente concordantes. A respeito disso, Milza (2006, p. 536-537) assevera:

Isto é verdade no que diz respeito à Europa e aos seus prolongamentos atlânticos, mas talvez mais na Itália que alhures, devido à diversidade das experiências históricas e políticas, à ausência de um Estado centralizador e unificador e ao influxo dos modelos estrangeiros. Aqui, como na Alemanha, o conteúdo ideológico do Iluminismo varia não somente no tempo, segundo as influências externas dominantes, mas também no espaço, em função das tradições culturais e das condições políticas ou religiosas que caem sobre os literatos¹³

penal vigentes e tornar o Estado laico
(<http://www.treccani.it/enciclopedia/riforma/>).

¹² “una delle caratteristiche principali dell’Illuminismo consiste nel suo pluralismo” (tradução minha).

¹³ “Questo è vero rispetto all’Europa e ai suoi prolungamenti atlantici, ma forse più in Italia che altrove, a causa della diversità delle esperienze storiche e politiche, dell’assenza di uno Stato accentratore e unificatore e dell’influsso dei modelli stranieri. Qui, come in Germania, il contenuto ideologico dell’Illuminismo varia non solo nel tempo, a seconda delle influenze esterne

Na Itália, a efervescência do pluralismo, caracterizado pelos debates entre posições favoráveis à preservação ou à renovação da cultura italiana e pela heterogeneidade política, social e religiosa das diversas regiões, proporcionou o questionamento da própria identidade italiana. Contudo, ao mesmo tempo, essa condição gerou a necessidade de se afirmar uma identidade nacional, pois com a ameaça estrangeira representada pelas frequentes invasões decorrentes da expansão napoleônica, aflorava-se entre os italianos um forte sentimento do *ser nação*. Foscolo, estando inserido nesse contexto sócio-político, dedicou-se intensamente à discussão sobre o futuro da política e da identidade italiana, o que é facilmente notado em seus textos.

É o caso da *Ode a Bonaparte liberatore* (1797), na qual o jovem Foscolo demonstrava o sentimento patriótico e a aproximação com os ideais iluministas. Nessa ode, em um primeiro momento, Foscolo exalta a chegada do general francês na Itália, já que Napoleão havia lutado contra a Áustria que naquele momento ameaçava a liberdade do Reino da Itália. Contudo, dois anos mais tarde, em 1799, com a republicação da obra já em sua sexta edição, em uma carta dedicatória anexa, o autor descreve o militar com características arrogantes e ditatoriais. Assim, se por um lado Foscolo mostrava-se um entusiasta da ideologia libertária propagada pelos revolucionários franceses, por outro, se mostrava desapontado com os desdobramentos da presença francesa na Itália e com nova situação que se instaurava na península. Dessa maneira, é visível na obra tanto a celebração da possibilidade do estabelecimento de uma nação livre e autônoma quanto

dominanti, ma anche nello spazio, in funzione delle tradizioni culturali e delle costrizioni politiche o religiose che gravano sui letterati” (tradução minha).

o receio de que a política vigente se sobressaísse aos ideais e anulasse a expectativa de tornar a Itália unificada e livre dos estrangeiros¹⁴ (PALUMBO, 2010, p. 16-17).

Fatos que colaboraram decisivamente para a desilusão de Foscolo em relação a Napoleão foram a tomada de algumas regiões da Itália, a custa de saques e assassinatos, e a assinatura do Tratado de Campofórmio em 1797, no qual as regiões do Vêneto, da Ístria e da Dalmácia foram cedidas para a Áustria. Anos mais tarde, em 1815, após a queda de Bonaparte e o início do período da Restauração, Foscolo deixou a Itália para não pronunciar o juramento de fidelidade à Áustria, requerido a todos os oficiais (antes desse fato, mesmo sendo escritor, ele serviu à pátria italiana quase que ininterruptamente). Primeiramente rumou para a Suíça e, no ano seguinte, partiu para a Inglaterra, onde permaneceu até sua morte, em 1827 (PALUMBO, 2010, p.10). Sua posição final anti-bonapartista foi ao encontro do ideal do *Risorgimento* italiano que almejava a construção de uma pátria livre e a formação de uma identidade cultural e política em âmbito nacional.

Segundo Verdenelli (2007, p.8), Foscolo considerava que o único meio de superar a crise política e social era a literatura, que no seu entender deveria colocar em sintonia as letras e os problemas do tempo em que vivia. Pelas frequentes menções de Foscolo à defesa da liberdade e da unidade da pátria, muitos críticos o enquadraram entre os principais autores pré-*risorgimentali*, porém, mesmo que alguns de seus ideais tenham futuramente coincidido com aqueles do *risorgimento*

¹⁴ A obra pode ser encontrada no segundo volume de *Opere complete di Ugo Foscolo*, edição de 1860, disponível online no site: <<https://play.google.com/books/reader?printsec=frontcover&output=reader&id=bGFHAAAAYAAJ&pg=GBS.PP6>>.

italiano, para o crítico literário Andrea Campana (2009, p. 12), essa rotulação é simplista e redutiva, pois nem todos os democratas do *risorgimento* consentiram com a posição de Foscolo, já que o autor viveu o sentimento democrático com expressa moderação. Assim afirma Campana (2009, p. 20):

Foscolo esteve sempre movido pela ideia de que a revolução francesa pudesse ser, na Itália, o *medium* (único possível) para a criação de estados “democráticos” regenerados: em um primeiro momento, a sua atenção política se concentrou na “pátria” Veneza; sucessivamente, quando, enfim, mostrava-se impossível agir em Veneza, voltou-se à “pátria” Itália, com a adesão ao projeto de um estado nacional unitário e independente, aquilo que será realizado – mesmo com todos os seus problemas – somente em 1861, mas ele permanece sempre, no fundo, orientado pela constituição parisiense de ’89 (monarquia constitucional baseada no sistema censitário) e fiel a uma atitude política semelhante àquela tida por Melchiorre Cesarotti (1730-1808) no *Patriotismo iluminado*, portador de um moderado sentimento democrático e de um convite a apaciar os tons e os embates do debate civil¹⁵.

¹⁵ “Il Foscolo fu sempre mosso dall’idea che la rivoluzione francese potesse essere, in Italia, il *medium* (l’unico possibile) per la creazione di stati “democratici” rigenerati: in un primo momento, la sua attenzione politica si concentrò sulla “patria” Venezia; successivamente, quando ormai si era rivelato impossibile agire a Venezia, sulla “patria” Italia, con l’adesione al progetto di uno stato nazionale unitario e indipendente, quello che sarà realizzato – pur con tutti i suoi problemi – solo nel 1861, ma egli rimase sempre, sotto sotto, orientato verso la costituzione parigina dell’89 (monarchia costituzionale basata su sistema censitario), e fedele ad un atteggiamento politico simile a quello tenuto da Melchiorre Cesarotti (1730-1808) nel *Patriottismo illuminato*, latore di un temperato sentimento democratico e di un invito a smorzare i toni e gli scontri del dibattito civile” (tradução minha).

É importante ressaltar que, embora a orientação política de Foscolo não correspondesse inteiramente aos preceitos *risorgimentali*, são constantes em suas obras, como foi visto, os temas ligados à pátria e à liberdade, além da hostilidade perante a tirania. As ideias expressas na *Ode a Bonaparte liberatore*, de 1797, não diferem substancialmente dos escritos posteriores, como *An Account of the Revolution of Naples during the Years 1798-99*, de 1821, o qual aborda, como o nome sugere, a revolução de Nápoles. Nesse texto, Foscolo afirma que o caminho percorrido pelo povo e a autonomia dos estados eram condicionados por dois motivos: o abuso da força e o desprezo da justiça. Além disso, o autor responsabiliza a França e a Inglaterra pela difícil situação política da Itália (PALUMBO, 2010, p.132).

A discussão sobre o abuso do poder e a tirania não estavam presentes somente em Foscolo. Para Pozzi e Mattioda, o fortalecimento da burguesia na época do iluminismo favoreceu várias correntes de pensamento que colocavam em discussão a origem do poder. Assim afirmam:

[...] particularmente, o jusnaturalismo tinha iniciado uma crítica ao poder real que estaria ligada à reflexão de muitos outros pensadores, os quais começavam a discutir os princípios repressores do poder político e da Igreja católica. Teorizar um direito natural do homem significava colocar em dúvida os fundamentos do poder absoluto dos soberanos; significava pensar formas de poder menos assimétricas entre o vértice e a base da nação¹⁶ (2010, p. 155).

¹⁶ “[...] in particolare il giusnaturalismo aveva iniziato una critica del potere regale che si sarebbe legata alla riflessione di molti altri pensatori, i quali iniziavano a mettere in discussione i principi repressivi del potere politico e della Chiesa cattolica. Teorizzare un diritto naturale dell’uomo significava porre

É importante ressaltar que o comprometimento literário com questões políticas e sociais foi comum entre os autores *neoclassicistas*. A corrente, apesar de ser caracterizada em grande parte pelo resgate do clássico, acolhia também os valores modernos, característica que foi designada pelo prefixo *neo*. Para Asor Rosa (2009, p. 347), era próprio do neoclassicismo – e principalmente notado em Foscolo, Giordani e Leopardi – levar a reflexão sobre a língua, que até então era prevalentemente cultural, ao âmbito social e político, cruzando a questão “nacional” com as problemáticas da complexa realidade italiana.

Vale lembrar que a fusão entre preceitos clássicos e modernos é característica própria do momento histórico no qual Foscolo está inserido que, apesar de carregar muito da sociedade moderna, nos questionamentos sociais e políticos que mudaram o paradigma do *antigo* regime, por exemplo, ainda está enraizado pela condição renascentista, que foi, justamente, o que permitiu os novos e posteriores movimentos. A Renascença, ao recuperar os preceitos clássicos e as tendências artísticas e filosóficas eruditas da antiga Grécia e Roma, voltou-se sobretudo ao plano terreno e ao homem (verificável no humanismo e no naturalismo). Foi a partir dessa mudança de olhar que o homem permitiu-se questionar o teocentrismo e as condições sociais rigidamente hierarquizadas vigentes na Idade Média e construir a Idade Moderna.

A nova concepção de mundo, que colocou por terra o paradigma da Idade Média, se formou e se estabeleceu no período que compreende desde a Renascença italiana, no século XV, até o

in dubbio i fondamenti del potere assoluto dei sovrani; significava pensare forme di potere meno asimmetriche tra il vertice e la base della nazione” (tradução minha).

Iluminismo, no século XVIII. Nesse período, o comércio e a indústria se expandiram e o capitalismo tornou-se o novo regime econômico; no plano religioso, emergiu o protestantismo decorrente da Reforma; a classe média, cada vez mais numerosa, passou a ter um papel mais ativo na vida cultural e política; no âmbito cultural, o clero perdeu o monopólio do ensino, proporcionando uma mudança de orientação também nas artes e na literatura; e a ciência e a razão, por fim, passaram a guiar o pensamento, ocupando o antigo lugar da teologia (PERRY, 2002, p. 216). A partir dessas considerações, pode-se dizer que a cultura renascentista foi o berço da Idade Moderna.

A fusão do classicismo ao racionalismo foi também favorecida pelas recentes e numerosas descobertas arqueológicas que invadiram todos os campos do conhecimento. Cito como exemplo as cidades de Pompéia e Herculano, soterradas pela erupção do Vesúvio e cujas escavações fizeram notar ao mundo, através das antiguidades encontradas, características da antiga sociedade romana e do seu cotidiano. (ASOR ROSA, 2009, p. 341).

Em Foscolo, a cultura mista, marcada pela retomada da tradição clássica, mas também alimentada pela presença da não conformista civilização europeia moderna, ganha também um viés íntimo, decorrente de sua história pessoal.

Como foi dito, Foscolo nasceu na Grécia, filho de mãe grega, portanto, é de lá que advém seu profundo contato com o mundo grego, afinal, sua primeira língua foi o grego moderno e o dialeto de Zaquintos, esse último de certa dimensão oral. Sua memória poética clássico-mitológica-simbólica (referente à cultura clássica grega que foi permeada por grandes mitos e representações simbólicas) tem forte

ligação com sua origem. De acordo com Palumbo, a razão poética de Foscolo se constrói sobre os alicerces dos antigos, como ele mesmo afirma: “Deduzi esse modo de poesia dos Gregos, os quais, das antigas tradições, traziam sentenças morais e políticas, apresentando-as não ao silogismo dos leitores, mas à fantasia e ao coração¹⁷” (FOSCOLO, -- *apud* PALUMBO, 2010, p.82). Pode-se afirmar assim que Foscolo absorveu da tradição grega a valorização da moral e da política, além da fantasia e dos sentimentos, e sobre esses elementos construiu a sua razão poética. Destaco também que da identificação com o universo artístico-cultural grego, indescrivível aos valores de beleza, graça, harmonia, medida e delicadeza, surgiram os ideais estéticos que permearam toda a obra de Foscolo, da poesia aos ensaios. Vale indicar que alguns dos próprios gêneros literários que o autor utilizou são consequências dessa mesma educação, por exemplo, as traduções feitas a partir das línguas clássicas, como da *Ilíada* e da *Odisseia*, e a elaboração das tragédias, como *Tieste* (1795), *Ajace* (1811) e *Ricciarda* (1812)

A herança grega comumente remete a uma pátria que, ao longo da história, foi estudada, transportada e elevada ao patamar de mito pelo conjunto de suas riquezas culturais. Toda a tradição e conhecimento que os antigos poetas gregos deixaram era para Foscolo uma experiência vívida que poderia inclusive se adequar aos homens de sua contemporaneidade. O apreço pelo mundo clássico não advém somente de sua origem, pois, como abordado anteriormente, a Europa havia já passado pelo Renascimento e ainda trazia resquícios dessa época; além do mais, Foscolo está inserido também no neoclassicismo, que via na

¹⁷ “Ho desunto questo modo di poesia da’ Greci i quali dalle antiche tradizioni traevano sentenze morali e politiche presentandole non al sillogismo de’ lettori, ma alla fantasia e al cuore” (tradução minha).

tradição da antiga Grécia, e também de Roma, a única forma possível de se fazer arte sublime. É importante salientar, porém, que a corrente neoclassicista, vista por vezes como pré-romântica, não foi simplesmente uma reprodução do período greco-romano clássico, pois trazia em sua raiz o *neo*, ou seja, algo novo que se caracterizou justamente pelo envolvimento com as inquietações políticas e sociais que despontaram do Iluminismo e culminaram na Revolução Francesa. Segundo Asor Rosa (2009, p. 343), um exemplo desse engajamento é verificável nos textos e na vida do neoclássico André Chénier (1762-1794) que, ao mesmo tempo em que se utilizou da tradição clássica, procurou igualmente transmitir os sentimentos que estavam vinculados à nova condição existencial, assim, transitou da reflexão sobre a morte ao amor e ao sonho nostálgico da paz idílica. Chénier, que foi uma influência para Foscolo, empenhou-se no processo revolucionário da França e morreu guilhotinado na época do Terror. Foi, também, pelo comprometimento com as tensões dessa época que o neoclassicismo pode ser definido, por vezes, como pré-romântico.

Tais características podem ser observadas também em Foscolo. Apesar de se considerar *veneziano de direito* e sentir-se italiano por educação e origem, a aquisição da língua italiana foi uma tarefa difícil. Quatro anos depois de sua chegada à Itália, na *Ode a Bonaparte liberatore* assume: “Jovem, como sou eu, nascido na Grécia, educado entre os Dalmáticos e balbuciente por somente quatro anos na Itália”¹⁸ (FOSCOLO, -- *apud.* VERDENELLI, 2007, p.15-19). Mesmo com a dificuldade linguística inicial, foi da Itália, principalmente da sua

¹⁸ “Giovane, qual mi son io, nato in Grecia, educato fra Dalmati, e balbettante da solo quattr’anni in Italia” (tradução minha).

passagem por Milão, Vêneto e Toscana, lugares de grande importância cultural, que proveio a sua tradição literária prevalentemente setentrional: do Vêneto adveio a conciliação do novo com o velho, ou do clássico com o moderno; de Milão, a atualização cultural e os curiosos saberes iluministas relacionados com o saber prático, científico e moderno, assim como a tradição poética clássica; e, da Toscana, longe de qualquer debate e polêmica, remota politicamente e literariamente, a serenidade (PALUMBO, 2010, p. 11-12). Dessa diversidade de ambientes e influências surgirão também as influências românticas em Foscolo, das quais falarei adiante.

O resultado das experiências de Foscolo, citadas por Palumbo, culminou, segundo Pallaveri (1892, p. 39-41), em um novo método científico-indutivo que Foscolo teria criado para compor o seu *modus operandi*. Filósofos e cientistas como Bacon, Galileu e Descartes, que questionaram os julgamentos do que a Igreja considerava barbárie, teriam inspirado Foscolo a elaborar suas ideias através da observação da natureza. Assim constata Pallaveri (1892, p. 42):

[...] Foscolo olhava para as leis da natureza até quando pudessem ser vantajosas para o estudo do coração humano, e, por isso, para a intenção sua suprema, qual era o ofício da literatura. É verdade que no confronto das leis da criação e das humanas faculdades colocava muito justamente o princípio, não se deve nunca esquecer o limite da mesma natureza imposto à humana inteligência. Pois que, somente pela exata proporção entre as

virtudes intelectuais e o objeto por elas percebido pode manar a verdade¹⁹.

Para Foscolo, as descobertas da ciência colaboravam para o desenvolvimento das faculdades da mente e dos sentimentos, imprimindo um modo mais racional e livre de pensar para o homem, se comparado com a forma dogmática e supersticiosa que predominava anteriormente. Utilizar-se dessa nova perspectiva do pensamento em seus textos, valendo-se de argumentos que se fariam convencer por meio do verificável, interferiria positivamente na abordagem das virtudes (valores morais e políticos), objetivo almejado por Foscolo.

A política e os valores morais foram tanto temas do mundo greco-latino como também do período moderno-iluminista, mas se fizeram presentes de maneiras diferentes em suas respectivas épocas. Enquanto que no período clássico os temas se articulavam a partir do ideal, vide por exemplo *A república* de Platão, no moderno-iluminista eles se voltavam para o real. Em Foscolo, pode-se dizer que há uma intersecção entre o plano ideal (greco-latino) e o real (moderno-iluminista), pois o ideal, político e moral, está presente em suas obras, todavia não dissociado da história, da observação e da experiência. Foscolo, portanto, ao tratar do ideal de pátria, por exemplo, buscou,

¹⁹ “[...] il Foscolo guardava alle leggi di natura fin quanto potevano giovare allo studio del cuore umano, e per esso all'intento suo supremo, qual era l'ufficio della letteratura. Vero è che nel confronto delle leggi del creato e delle umane facoltà poneva assai giustamente il principio, non doversi scordare mai il limite dalla stessa natura imposto all'umana intelligenza. Poiché soltanto dall'esatta proporzione fra le virtù intellettive e l'oggetto da esse percepito può scaturire il vero” (tradução minha).

repassando as bem-sucedidas histórias do passado aos seus leitores, construir praticamente uma identidade nacional italiana (“praticamente” porque esteve envolvido com o assunto durante toda a sua vida e expressou tal desejo por meio da literatura, aulas, escritos jornalísticos ou mesmo servindo formalmente à pátria). Esse, então, não se trata do ideal ilusório. Foscolo evitava o uso do termo *illusão* em sua conotação antiga de sonho, utopia ou fantasia, pois esse sentido não era mais aceitável em um mundo iluminista e materialista. A *illusão*, destacada do ideal e reconduzida pelo laico, adquire em Foscolo uma característica pessimista, como podemos observar no trecho em que Pallaveri cita Foscolo (1892, p. 55):

E as nossas mesmas paixões não passam, no fim das contas, de efeitos das nossas ilusões. Humana vida? Sonho, enganoso sonho! [...] Ó, não é tudo *illusão*? tudo! [...] O gênero humano não pode nunca ver coisa alguma senão através mil *illusões*²⁰.

A partir dessa abordagem do ideal e do ilusório, destaco, então, a aproximação com o movimento romântico vigente na Europa, principalmente na Inglaterra e na Alemanha. No romantismo, segundo Berardi (1994, p. 189), estão manifestas duas tendências, uma objetiva, que se volta ao real, e outra subjetiva, que se volta ao sentimento. Berardi ainda afirma que no romantismo é recorrente a atmosfera pessimista, noturna e sepulcral. Assim, Foscolo, ao fazer referência ao *ideal*, utiliza-se de um olhar objetivo – porque recorre à história, à

²⁰ “E le stesse nostre passioni non sono in fine del conto che gli effetti delle nostre illusioni. Umana vita? Sogno ingannevole sogno! [...] Oh non è tutto *illusione*? tutto! [...] Il genere umano non può mai vedere cosa veruna se non a traverso di mille illusioni” (tradução minha).

política e à praticidade – e de um olhar sentimental – porque apela às paixões –, e ao fazer referência à ilusão, constrói uma atmosfera pessimista.

As características românticas foram, dessa maneira, assimiladas por Foscolo, vide, para citar alguns exemplos, as obras *Dei Sepolcri* (1807) e *Ultime lettere di Jacopo Ortis* (1798), essa última inspirada em *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, com imitação de seu modelo formal e igualmente voltada às emoções individuais, mas com uma grande diferença, para Foscolo era capital o interesse político (PALUMBO, 2010, p. 40). Apesar do romantismo tratar os sentimentos com mais intensidade e melancolia que o classicismo, Pozzi e Mattioda (2010, p. 156) afirmam que já na literatura neoclássica, ou iluminista, a burguesia, reagindo à sociedade de corte, assumia uma postura de colocar a público as emoções.

Foscolo também se aproxima do romantismo ao fazer alusão ao *mito*, pois, segundo Verdenelli (2007, p. 23-24), a abordagem foscoliana difere daquela clássica:

O mito não mais como elegante e hipnótico efeito estilístico, literário, mas um mito modernamente ativo, justamente no sentido da caducidade das coisas, da morte, obrigando Foscolo a encontrar os necessários anticorpos poéticos. E o anticorpo mais válido é aquele que se orienta sobre a função eternizante da poesia, aquela que dissolve o peso do contingente em sublime e clara visão [...] porque no mito foscoliano tem verdadeiramente de tudo: sangue, inocência, tragédia, poesia, história, autobiografia, sublimidade, visão²¹.

²¹ “Il mito non più come elegante e ipnotico effetto stilistico, letterario, ma un mito modernamente attivo proprio sul senso della caducità delle cose, della morte, obbligando il Foscolo a trovare i necessari anticorpi poetici. E

Em Foscolo, portanto, é possível reconhecer temas clássicos como o próprio mito, ou o rito, o ideal, o trágico, o sublime e a memória, dentre outros, que, todavia são utilizados pelo poeta a partir de um olhar moderno. Também é desinente dessa corrente, moderna e clássica simultaneamente, a poética utilizada por Foscolo na elaboração de textos dos mais variados gêneros literários. Para Foscolo, o valor da literatura e a sua utilidade estavam intrínsecos à forma de poesia, de modo que, almejando a digna literatura e conferindo utilidade às letras, o autor aplicava a poeticidade à sua escrita. A julgar pelo *Discorso quarto* da *Chioma di Berenice*, ao discorrer sobre a lírica, ele afirma (1803, p. 53): “Ora, a poesia deve, por instituição, contar memoráveis histórias, ínclitos fatos e heróis, excitar os ânimos para os valores, os homens para a civilidade, as cidades para a independência, os intelectos para o verdadeiro e para o belo²²”. A poesia, vista dessa forma, era a responsável por levar os monumentos perpétuos da história, conhecidos através da literatura, a outros tempos, assegurando e emanando tradições, fossem elas sociais, políticas ou religiosas. Através da lírica, a partir dessa abordagem, se perpetuavam as leis dos homens, ou os valores morais. Essa acepção de poesia, enquanto literatura capaz de transcender a atualidade e levá-la para outros tempos, é perceptível, dentre outras, na já citada obra *Dei Sepolcri* (1807), na qual o autor

l'anticorpo più valido è quello che si orienta sulla funzione eternatrice della poesia, quella che scioglie il peso del contingente in sublime e tersa visione [...] perché nel mito foscoliano c'è davvero di tutto: sangue, innocenza, tragedia, poesia, storia, autobiografia, sublimità, visione” (tradução minha).

²² “Ora la poesia deve per istituto contare memorabili storie, íncliti fatti ed eroi, accendere gli animi ai valori, gli uomini alla civiltà, le città all'indipendenza, gli ingegni al vero e al bello” (tradução minha).

buscou através das sepulturas manter a memória dos grandes homens e a perpetuação das virtudes.

Rememorar as histórias, fatos e heróis para destacar os valores ali contidos e por meio deles chegar à civilidade, independência, verdade e beleza eram para Foscolo a origem da poesia e da literatura e a sua utilidade. Segundo Palumbo (2010, p. 80), a perspectiva dessa literatura era representar e materializar as ideias contidas no conhecimento que a história carrega. A isso podemos relacionar o que Pozzi e Mattioda dizem sobre a percepção do tempo histórico na época do resgate aos clássicos:

A percepção do tempo histórico e do mundo real imposta pelo Renascimento se manteve intacta até a Revolução francesa: a convicção, isto é, que o mundo tenha sido e seja igual a si mesmo da antiguidade ao século XVIII serve de fundamento para a teoria da prudência, para a capacidade de fazer previsões políticas baseando-se na história antiga e na experiência²³ (2010, p. 170).

Mas, para evocar os valores e a memória e falar aos sentimentos e ao intelecto dos homens, Foscolo dizia ser necessário usar a linguagem adequada e, portanto, se atentou e teorizou sobre a importância de um alto registro estilístico. Para ele, somente por meio de uma bela e eloquente língua as ideias permaneceriam no tempo e permitiriam a universalidade dos temas tratados.

Pode-se dizer que através do elaborado artifício literário Foscolo buscou revivificar obras, homens e momentos da história, no

²³ “La percezione del tempo storico e del mondo reale imposta dal Rinascimento si mantiene intatta fino alla Rivoluzione francese: la convinzione, cioè, che il mondo sia stato e sia uguale a sé stesso dall’antichità al XVIII secolo fa da fondamento alla teoria della prudenza, alla capacità di fare previsioni politiche basandosi sulla storia antica e sull’esperienza” (tradução minha).

entanto, devemos lembrar que o retorno ao passado é uma invenção, no sentido de que a seleção do fato e do ponto de vista não refletem toda a história, o que, portanto, significa que o retorno de Foscolo aos feitos, homens e obras não passa de uma invenção de um passado glorioso italiano. E através da invenção desse passado permeado por grandes feitos e da reflexão sobre a situação política e social italiana a ele contemporânea, Foscolo edificava uma imagem de pátria pela qual lutar. Através da literatura, que era para ele a grande detentora do conhecimento e, por isso, também instrumento pedagógico, Foscolo revisitava um passado inventado e projetava essa imagem para o futuro, inventando, desse modo, também um ideal de futuro. Assim, ao mesmo tempo em que o ideal de uma futura pátria requeria a invenção de um passado de glórias, o passado criava a invenção de uma vida futura.

Nesse tópico busquei mostrar como o tempo e o local em que Foscolo viveu, permeados por grandes mudanças políticas, sociais e culturais advindas do Iluminismo e da Revolução Francesa, mas ao mesmo tempo inseparáveis da influência do período clássico, mudanças estas que repercutiram na sua escrita literária. Compreender que Foscolo leva para a sua literatura traços do clássico e do moderno, e do neoclássico e do romântico, é necessário para melhor compreender sua atividade ensaística, que será objeto de estudo do próximo item.

1.2 Foscolo ensaísta

Foscolo, enquanto ensaísta, escreveu uma vasta obra e nesse gênero dedicou-se ao estudo da história, da literatura, da política e dos costumes da época. Seu envolvimento com o gênero literário em questão

pode ser observado através do número e frequência de suas produções. Nas palavras de Simoni (2009, p.12):

[...] o estudioso da obra crítica de Foscolo depara-se com um vasto conjunto de ensaios, conferências, observações e notas escritas pelo autor durante mais de vinte anos, principalmente no período em que esteve exilado na Inglaterra (12 de setembro de 1816 – 10 de setembro de 1827), de forma que os ensaios constituem a maior parte da obra de Foscolo.

Não obstante a importante e larga produção ensaística de Foscolo, nessa área “os estudos ainda são fragmentados, e ao se considerar a contribuição para a teoria e a crítica literárias, a lacuna é ainda maior” (SIMONI, 2008, p.13). Ao trazer esse panorama para o Brasil, a falta de estudos é ainda mais visível. Sendo assim, antes de apresentar os ensaios do período *pavese* é capital retratar brevemente o trabalho ensaístico de Foscolo e seu posicionamento a respeito dos temas tratados: a história, a literatura, a política e os costumes. Esclareço, no entanto, que não há uma fronteira clara e fixa que separem esses temas. Foscolo, ao tratar sobre a literatura, por exemplo, não deixa de abordar a história da região à qual pertence o autor cuja crítica foscoliana se direciona, os costumes, sua biografia e modo de escrita. Assim, é próprio do seu método crítico, a interdisciplinaridade.

A atividade ensaística esteve presente na trajetória literária de Foscolo desde o *Piano di studi* (1796), texto no qual delineou tendências culturais, gostos literários e filosóficos, ideias de futuras obras e confirmou seu interesse pela escrita histórica, principalmente de caráter político, à qual dedicou-se constantemente até o fim de sua vida. O *Piano di Studi* se apresentava como uma maneira de julgar, analisar e

intervir no ambiente histórico e literário do qual fazia parte. Segundo Verdenelli (2007, p 46), o *Piano* não apenas demonstra a amplitude dos estudos de Foscolo e a pretensão em alargar seus próprios interesses culturais, mas desvela que sua concepção de literatura não poderia se desvincular da moral, da política, da história e da filosofia.

Para além do *Piano di studi*, nos textos históricos eram frequentes os *comentários*, característica que demonstrava o interesse do autor em descrever os fatos de uma forma não puramente documentária, mas buscando interpretá-los e julgá-los. Pretendia com isso “iluminar a ‘verdade’ que emerge e confiar a sua lição ‘aqueles poucos que saibam aproveitar’”²⁴ (PALUMBO, 2010, p. 128). Entendo, portanto, que para Foscolo era possível aclarar a verdade por meio da interpretação e do julgamento da história e, desse modo, ao atingir a verdade e conseguir difundi-la para outros, seria possível defender a dignidade e evitar a tirania. Palumbo (2010, p.128) sustenta que a importância da aquisição da verdade se faz clara com o anúncio de Foscolo a respeito da necessidade de existir um novo Tácito, alguém que testemunhasse os anos difíceis e que através de um julgamento posterior aos fatos cumprisse com a tarefa de avaliar as violências vividas – papel que foi exercido pelo próprio Foscolo.

Embora Foscolo pretendesse identificar as dificuldades vividas ao longo do tempo para evitá-las, paralelamente também retirava da história exemplos a serem copiados para o presente, como aqueles presentes na literatura clássica com seus heróis e grandes feitos. Desenvolvia, a partir dessa última abordagem, uma ideia monumental da

²⁴ “illuminare la ‘verità’ che emerge e consegnare la sua lezione a ‘que’ pochi che se ne sapprano giovare” (tradução minha).

história e, revivificando-a, cultivava em si a ânsia e a esperança de tornar a sua pátria tão gloriosa como entendia que tinha no passado. Foscolo, sobre a importância da história, escreve (1933, p.34):

Ó Italianos, eu vos exorto às histórias, porque nenhum povo além vós pode mostrar nem mais calamidades para lamentar, nem mais erros para evitar, nem mais virtudes que vos façam respeitar, nem maiores almas dignas de serem libertadas do esquecimento por qualquer um de nós que saiba que se deve amar e defender e honrar a terra que vos foram nutridoras, aos pais e a nós, e que dará paz e memória às nossas cinzas. [...] Nas histórias todas se explica a nobreza do estilo, todos os afetos das virtudes, todo o encanto da poesia, todos os preceitos da sabedoria, todos os progressos e os beneméritos do italiano saber²⁵.

Assim, nos ensaios históricos, o autor atestou seu apreço pela justiça e liberdade e denunciou o abuso de força por parte do Estado. Esse tema foi frequente em grande parte de sua produção enquanto *historiador* e pode ser percebido também em alguns de seus ensaios críticos, como já foi dito. Alguns outros exemplos da proximidade do autor com a história podem ser verificados em *Commentari della storia di Napoli* (1801), *Ode a Bonaparte liberatore* (1797), *Della servitù dell'Italia* (1815), *An account of revolution of Naples during the years 1798-99* (1821), *Frammenti di storia del regno italico*, dentre outros.

²⁵ “O Italiani, io vi esorto alle storie, perchè niun popolo più di voi può mostrare nè più calamità da compiangere, nè più errori da evitare, nè più virtù che vi facciano rispettare, nè più grandi anime degne di essere liberate dalla obblivione da chiunque di noi sa che si deve amare e difendere ed onorare la terra che vi fu nutrice ai nostri padri ed a noi, e che darà pace e memoria alle nostre ceneri. [...] Nelle storie tutta si spiega la nobiltà dello stile, tutti gli affetti delle virtù, tutto l’incanto della poesia, tutti i precetti della sapienza, tutti i progressi e i benemeriti dell’italiano sapere” (tradução minha).

Já os textos relacionados à crítica e à história literária se concentram principalmente no período em que esteve exilado na Inglaterra (1815-1827), mesmo que nos anos precedentes tivesse elaborado outros importantes textos de mesmo cunho. Ainda na Itália, os ensaios foram para Foscolo, além de um modo prático de sobrevivência, uma vez que era deles que retirava parte de seu sustento, uma maneira de pensar e questionar a hereditariedade das tradições, interpretar a literatura a ele contemporânea e complementar sua obra de poeta, por isso seus escritos literários não buscaram somente resgatar ou iluminar autores da história da literatura, mas também procuraram elaborar uma teoria e método crítico. Cito como exemplo a aula sobre a língua, contida em *Lezioni su la letteratura e la lingua*, intitulada *Della lingua italiana: considerata storicamente e letterariamente*, na qual Foscolo dedicou-se a autores como Dante, Petrarca, Boccaccio, entre outros, evidenciando, através do momento histórico, da região e da língua por eles utilizada, o motivo por terem se sobressaído e se tornado nomes importantes para o percurso da literatura italiana. Para tanto, contudo, utilizou de um método de análise que se fundamentava em princípios, anteriormente elaborados, sobre a boa literatura.

Sobre a atividade crítica de Foscolo, baseado nas palavras de De Sanctis, Bettarelo escreve:

Também não podemos deixar de lembrar, e o fazemos com De Sanctis, que Foscolo é o primeiro crítico moderno das letras, modernos pelo seu gosto e pelo seu método, procurando, no seu juízo, harmonizar o preciso dado da filologia com os dados da poesia. Sua crítica nunca foi, e aí estão só discursos sobre a língua, uma pura análise gramatical ou léxica, mas uma interpretação filosófica da literatura italiana, assim

como no seu “Discurso sul testo della Commedia di Dante” ou os seus “Saggi sopra il Petrarca” nunca representaram um exemplo de fria e mecânica crítica histórica, psicológica ou biográfica, mas unida aos dados da vida ou do tempo, uma interpretação estética, interpretação dos valores concretos da expressão, com um respeito, um pudor e uma aderência inigualável, sensível às alusões poéticas do texto que até hoje, não podemos prescindir desses ensaios se tencionamos estudar Dante e Petrarca (1979, p. 23).

Palumbo (2010, p. 154 - 155), também descreve o papel do crítico, de acordo com a maneira como Foscolo exercia a atividade:

Como se vê, se trata de um objetivo historiográfico e literário ao mesmo tempo. O crítico pode contextualizar a obra, colocando-a em relação com o sistema literário e com as convenções linguísticas e temáticas que o regulam. À essa atenção ao sistema acompanha uma outra exigência, que requer entrar nos territórios mais árduos do gosto e da beleza. Nesse campo, o leitor de profissão trava um desafio contínuo, que o constringe a justificar minuciosamente, parte por parte, as razões do bom êxito ou da falência criativa. [...] O trabalho do crítico [...] tende a preencher a distância entre a palavra do autor, como ela foi gerada na mente, e a compreensão do leitor. Recompõe as escolhas rápidas feitas pelo gênio criativo e a legitima com a lenta análise do raciocínio. [...] remontando o caminho da criação estética, termina, assim, por coincidir com o poeta e por assumir a sua mesma mente²⁶.

²⁶ “Come si vede si tratta di un obiettivo storiografico e letterario insieme. Il critico può contestualizzare l’opera, mettendola in rapporto con il sistema letterario e con le convenzioni, linguistiche e tematiche, che lo regolano. A questa attenzione al sistema si accompagna un’altra esigenza, che sollecita a entrare nei territori più ardui del gusto e della bellezza. In questo campo, il lettore di professione ingaggia una sfida continua, che lo costringe a giustificare

A atividade de crítica literária desenvolvida por Foscolo pode ser considerada hoje limitada, pois é questionável a ideia de que o autor, através do uso da palavra escrita, queira ou consiga explicitar uma única intenção e, sobretudo, que essa intenção seja alcançável para o leitor, afinal um texto não possui apenas uma única interpretação correta e estática. Por mais analítico e racional que seja o percurso do crítico, admite-se hoje que um texto contém e possibilita diferentes leituras, a depender do interlocutor, do tempo e do espaço no qual é recebido. Não obstante a relativização, os textos críticos de Foscolo são expressivos para compreendermos como a crítica era elaborada naquele período e como o próprio autor a formulava. Um estudo desses textos pode colaborar, além de tudo, para compreender como a literatura era vista na Itália naquele momento e complementar a leitura da obra foscoliana com outras possibilidades interpretativas. Ademais, devo ressaltar que Foscolo parece ter cumprido bem o papel, já que ao reconhecimento de poeta e literato foi acrescida a nova responsabilidade, a de crítico.

Dentre seus ensaios mais notáveis como crítico literário, destacam-se *Principj di critica poetica* (1823), *Saggio sulla letteratura contemporanea in Italia* (1818), *Saggio sulla Traduzione de' due primi canti dell'Odissea del Pindemonti* (1809), *A parallel between Dante and Petrarch* (1823), *Frammenti sul Machiavelli* (1811), *Discorso storico sul testo del Decamerone* (1825), *Discorso sul testo della Divina*

minutamente, pezzo per pezzo, le ragioni della buona riuscita o del fallimento creativo. [...] Il lavoro del critico [...] tende a colmare la distanza tra parola dell'autore, come essa si è generata nella mente, e comprensione del lettore. Ricompone le scelte rapidissime compiute dal genio creativo e la legittima con la lenta analisi del ragionamento. [...] percorrendo a ritroso il cammino della creazione estetica, finisce così per coincidere con il poeta e per assumere la sua medesima mente” (tradução minha).

Commedia (1825) e, um dos mais apreciados pela crítica e considerado o mais belo e consistente, *Sull'origine e sull'ufficio della letteratura* (1809) (SIMONI, 2008, p.). O crítico literário De Sanctis (1996, p. 784) analisa positivamente este último:

O conceito dominante dessa prosa é o homem sobreposto ao literato. Foscolo te dá a fórmula da nova literatura, a sua força não está fora, mas dentro, na consciência do escritor, no seu mundo interior. Dante e Petrarca vistos por esse aspecto resplandecem de nova luz. O estilo se desfaz da elocução e de cada artifício técnico, e se internaliza no pensamento e no sentimento. Mesmo Beccaria é ultrapassado. Nos aproximamos da estética. Não existe ainda a ciência, mas existe o gosto e a tendência²⁷.

Com suas palavras, De Sanctis ressalta que, além do estilo voltado à elocução, há duas outras particularidades no texto crítico de Foscolo: a força do mundo interno e o gosto e a tendência pela ciência. Sobre isso também Pallaveri (1892, p. 263) diz:

A crítica costuma ser tardia: somente agora, isto é, que ao vigor e às espontâneas inspirações do intelecto e ao ímpeto das generosas paixões sucedem os frios cálculos da meditação. Mas necessária é, de qualquer modo, para que seja grande, aliás, infinito o número dos leitores, os quais necessitam que as obras dos grandes escritores se tornem menos árduas para a

²⁷ “Il concetto dominante di questa prosa è l'uomo soprapposto al letterato. Foscolo ti dà la formola della nuova letteratura, la sua forza non è al di fuori, ma al di dentro, nella coscienza dello scrittore, nel suo mondo interiore. Dante e Petrarca visti da questo aspetto risplendono di nuova luce. Lo stile si scioglie dall'elocuzione e da ogni artifício tecnico, e s'interna nel pensiero e nel sentimento. Lo stesso Beccaria è oltrepassato. Ci avviciniamo all'estetica. Non ci è ancora la scienza, ma ce n'è il gusto e la tendenza” (tradução minha).

inteligência por meio da interpretação ou da crítica²⁸.

Observamos que Pallaveri, de forma semelhante a De Sanctis, também destacou a aproximação da ciência na atividade crítica de Foscolo quando afirma que as “espontâneas inspirações do intelecto” e o “ímpeto das generosas paixões” foram sucedidos pelos “frios cálculos da meditação”, ou seja, por aquele aspecto pertencente à tendência que a ciência e a filosofia traziam. Todavia, ao afirmar que as paixões foram substituídas pelos “frios cálculos da meditação”, o autor parece diminuir em Foscolo a presença dos aspectos relativos ao mundo interior, ou seja, aqueles que se voltam à consciência e aos sentimentos. A presença da característica mais empirista nos textos críticos de Foscolo são realmente perceptíveis, pelo fato de suas análises se fundamentarem na experiência, na história e na própria língua. No entanto, segundo Foscolo, antes o homem *sente*:

O homem sabe que vive, não pensa, não raciocina, não calcula senão porque sente, não sente continuamente senão porque imagina; e não se pode nem sentir, nem imaginar sem paixões, ilusões e erros. A filosofia só muda o objeto das

²⁸ “La critica suole venir tarda: soltanto allora cioè che al vigore ed alle spontanee ispirazioni dell’ingegno e all’impeto delle generose passioni subentrano i freddi calcoli della meditazione. Ma necessaria è ad ogni modo, da che sia grande, anzi infinito il numero de’ lettori, i quali abbisognano che le opere de’ sommi scrittori sieno rese men ardue all’intelligenza loro per mezzo dell’interpretazioni o della critica” (tradução minha).

paixões; e o prazer e a dor são os mínimos termos de cada raciocínio²⁹ (1933, p. 20).

Com seus textos críticos Foscolo pretendeu retomar o prestígio das letras e difundi-las, algo que poderia ter sido um objetivo por si só. Todavia, Foscolo destaca mais um objetivo: pensar a política, interpretá-la e irradiar os conceitos de liberdade e independência, temas caros para ele. Como consta escrito a respeito das *Lezioni Pavesi*, sua opção por lecionar na Universidade de Pavia se deu “não tanto por amor às letras, quanto por utilidade à pátria”³⁰ (FOSCOLO, 1933, p. XVIII). De fato, podemos constatar dos seus escritos o engajamento político em busca de liberdade e identidade nacional. No ensaio de 1798 intitulado *Istruzioni politico-morali*, que por sua vez pode ser encontrado no livro *Prose* (1912), o engajamento de Foscolo é claro, pois sua temática central é a instrução moral e política do povo para a conquista da independência, seja ela em relação aos estrangeiros ou em relação aos tiranos da própria nação. Para o jovem Foscolo, a independência nacional deveria ter por base e defesa a soberania popular, assim afirma que:

[...] é necessário, portanto, que essa mesma soberania não esteja apoiada no direito, mas no fato. Todos os povos por direito foram livres, mas quase todos no fato tornaram-se escravos. Pronto, formidável, armado deve estar sempre aquele povo que detesta a escravidão. Se com um braço pousa as armas, oferece o pé às correntes. A

²⁹ “L’uomo non sa di vivere, non pensa, non ragiona, non calcola se non perchè sente, non sente continuamente se no perchè immagina; e non si può nè sentire, nè immaginare senza passioni, illusioni ed errori. La filosofia non cambia che l’oggetto delle passioni; e il piacere e il dolore sono i minimi termini d’ogni ragionamento” (tradução minha).

³⁰ “non tanto per amore alle lettere, quanto per l’utilità della patria” (tradução minha).

França tornou-se livre com a espada, e se manteve livre com a guerra³¹ (1912, p. 40).

O parecer de Foscolo sobre a independência italiana é acompanhado por um patriotismo radical que pode se identificar, por vezes, com o jacobinismo, no que se refere às ideias político-institucionais, como lutar por uma pátria independente – e sobretudo democrática, republicana e dotada de instituições representativas – e garantir a conquista da liberdade através da força de um exército formado pelos próprios cidadãos prontos a defender o povo e não oprimi-lo. Porém, conforme anteriormente mencionado, é problemático incluí-lo dentre os democratas radicais, já que Foscolo se inspirava no modelo monarquista da constituição francesa de 1789 (CAMPANA, 2009, p. 46). Desse modo, ainda que por pouco tempo tenha assumido um radicalismo relativo, e não jacobino, deve-se considerar que na maior parte de sua vida Foscolo manifestou uma posição política moderada. É indubitável, contudo, independente de sua moderação ou radicalismo, que o amor à Pátria e o desejo de que a Itália conquistasse a união e a liberdade sempre foram temas que o ocuparam e inquietaram. Foscolo repete em uma carta para a condessa de Albany de 31 de maio de 1814: “Quem não tem pátria, para mim, não tem nada sobre a terra”³² (1854, p. 25). Não é incomum que em suas obras ele defenda a pátria italiana, sempre com a esperança que um dia ela pudesse ressurgir.

³¹ “[...] bisogna dunque che questa stessa sovranità non sia appoggiata al diritto, ma al fatto. Tutti i popoli per diritto furono liberi, ma quasi tutti in fatto divennero schiavi. Pronto, formidabile, armato dev`essere sempre quel popolo che aborre la schiavitù. Se con un braccio posa le armi, offre il piè alle catene. La Francia divenne libera con la spada, e si mantenne libera con la guerra” (tradução minha).

³² “Chi non ha patria, secondo me, non ha nulla sopra la terra” (tradução minha).

Eleonora Forenza, na obra *Il nostro Gramsci*, organizada por Angelo D’Orsi, discorre no capítulo *Ugo Foscolo: icona della retorica nazionale* sobre trechos dos *Cadernos do Cárcere* em que o intelectual, filósofo e cientista político Antonio Gramsci aborda a obra de Foscolo relacionando-a com a construção de uma retórica da identidade nacional. Para Gramsci, Foscolo teve um papel ativo, pode-se dizer inclusive fundador, na idealização da cultura *risorgimentale*. Esse papel se desenvolveu por meio da exaltação das glórias nacionais literárias e artísticas do passado – Foscolo retomou as bem sucedidas obras e histórias para desenvolver e transformar a tradição e a cultura italiana elevando-as a um status supremo, ou mítico – usando essencialmente a retórica enquanto um artifício prático e realista (2011, p.68). Para Gramsci, esse movimento foi válido para despertar as energias latentes e entusiasmar a juventude, mas foi também *deformação* porque se tornou motivo decorativo, retórico e exterior. A construção de uma pátria e de uma indelével identidade nacional deveria ter por alicerces o movimento de construção advindo do povo e não se basear em uma elaboração mítica de um passado glorioso. Segundo Gramsci, o povoamento foi o grande ausente do *Risorgimento*.

Eleonora Forenza se contrapõe a essa visão de Gramsci, alegando que o filósofo reduziu a obra foscoliana a uma retórica nacional consciente de criação de um mito, de uma ideologia. Não podemos deixar de levar em consideração que o posicionamento de Gramsci foi influenciado pelos estudiosos de esquerda que divulgaram uma leitura equivocada dos textos políticos de Foscolo ao dizer que seus

escritos eram um “manifesto da passiva aceitação do imobilismo social”³³ (CAMPANA, 2009 p.13). O autor também acrescenta que:

A ala católica-conservadora do movimento *risorgimentale*, na pessoa de Niccolò Tommaseo (1802-1874), até o estigmatiza como poeta sordidamente e hipocritamente antipopular, e cria os pressupostos para aquela desconfiança que outras gerações de estudiosos de esquerda e progressistas têm nutrido em sua direção ³⁴ (CAMPANA, 2009, p.12-13).

Ainda Campana (2009, p.13), afirma que Foscolo foi, inclusive, utilizado indevidamente pela direita fascista que o definiu como “antecipador do fascismo”. Claramente, Foscolo não foi um republicano radical exaltador da soberania popular (ainda que tivesse defendido isso por pouco tempo), no entanto, isso não o enquadra dentre os extremistas de direita, pois, a partir de seus textos, é possível notar que ele divulga a liberdade e a independência do poder político. Ao posicionar-se pró liberdade sem, no entanto, defender a democracia, ele se afasta das massas, o que tampouco significa que cultivava a passividade popular. Era frequente que incitasse o leitor a observar, vivenciar, construir seu caminho e chegar a conclusões por si próprio. Esse era justamente o caminho para que o homem não caísse no estado de submissão perante estrangeiros ou tiranos. A seguir podemos ver um trecho no qual

³³ “manifesto della passiva accettazione dell’immobilismo sociale” (tradução minha).

³⁴ “L’ala cattolica-conservatrice del movimento risorgimentale, nella persona di Niccolò Tommaseo (1802-1874), addirittura lo stigmatizza come poeta sordidamente e ipocritamente antipopolare, e crea i presupposti per quella diffidenza che più generazioni di studiosi di sinistra e progressisti hanno nutrito verso di lui” (tradução minha).

incentiva seus alunos à observação, à meditação e à experiência, usando a si próprio de referência:

As observações sobre a natureza do homem, sobre eu mesmo e sobre as histórias, começaram a tomar conta de mim, pois que educado sempre livremente, instruído pelos fatos e nunca guiado pelas teorias, eu vivo entre as paixões, as opiniões e os estudos dos homens; depois a assídua meditação, o experimento sem preconceito e a comparação dos tempos passados com os presentes verificaram gradativamente aquelas observações, validaram os seus efeitos, porque me apareciam sempre certos, sempre contínuos, e foram finalmente reduzidos nesses princípios que me parecem universais. [...] Agora me resta dizer a vocês qual método me parece mais apropriado, donde de vocês se remontam analiticamente aqueles princípios. Como eu os deduzi pela observação, assim também vocês devem se convencer por meio da observação³⁵ (FOSCOLO, 1933, p.70-71).

³⁵ “Le osservazioni su la natura dell’uomo, su me medesimo e sulle storie cominciarono a somministrarmeli, dacchè educato sempre liberamente, istruito dai fatti, e non mai guidato dalle teorie, io vivo tra le passioni, le opinioni e gli studi degli uomini; poi l’assidua meditazione, l’esperimento spregiudicato e il paragone dei tempi passati con i presenti hanno gradatamente verificate quelle osservazioni, avvalorati i loro effetti, perchè mi apparvero sempre certi, sempre continui, e li hanno finalmente ridotti in questi principj che mi sembrano universali. [...] Or mi rimane a dirvi qual metodo a me sembri più acconcio, onde da voi si risalga analiticamente a que’ principj. Com’io li ricavai dall’osservazione, così pure voi dovete persuadervene per mezzo dell’osservazione” (tradução minha).

Ressalto ainda que a escrita e a postura de Foscolo vão além de um simples discurso que se ocupa dos sucessos passados (mesmo estando bastante presente e pretendendo com as glórias entusiasmar os leitores-cidadãos e colocá-las como um exemplo a ser seguido). Ao abordar a política, ele reflete com profundidade sobre a sociedade e o homem, suas origens, histórias e natureza, o que é facilmente observável em seus textos, como na reflexão do seguinte exemplo:

[...] que as distinções entre estado de natureza e de sociedade são fantasmas platônicos para serem deixados a Rousseau e aos seus partidários; visto que Rousseau, separando a natureza do homem da sociedade, planta por princípio das suas declamações que as letras, sendo fruto das sociedades, corrompem a natureza do homem; entretantes, naquele seu discurso contra as ciências e as letras, admitindo por axioma que nascem das paixões dos homens, como no exemplo em que ele diz, “a geometria nasceu da avareza, a astronomia da superstição, a poesia da credulidade, a eloquência da ambição”, ele derruba sobre si mesmo o seu pomposo edifício, pois que, se as letras e as ciências nascem das paixões, ele deveria primeiramente ou mostrar que a natureza concede aos homens a capacidade de dar um curso diferente às suas paixões ou indicarnos o meio de mudar a natureza do homem³⁶ (1933, p. 63-64).

³⁶ “[...] che le distinzioni di stato di natura e di società sono fantasmi platonici da lasciarsi a Rousseau ed a’ suoi partigiani; poichè Rousseau, dividendo la natura dell’uomo dalla società, pianta per principio delle sue declamazioni che le lettere, essendo frutto delle società, corrompono la natura dell’uomo; e frattanto in quel suo discorso contro le scienze e le lettere, ammettendo per assioma che nascano dalle passioni degli uomini, come per esempio, a quanto egli dice: “la geometria nacque dall’avarizia, l’astronomia dalle superstizioni, la poesia dalla credulità, l’eloquenza dall’ambizione”, egli sovverte da sè medesimo il suo pomposo edifizio, dacchè, se le lettere e le scienze nascono dalle passioni, egli dovea prima o mostrae che la natura concede agli uomini di

Finalmente, nos ensaios foscolianos, além de contemplar a história, a literatura e a política, foram considerados também os hábitos e costumes, conceito que por vezes pode abranger o termo *cultura* em geral. Sobre esse assunto, me volto, porém para o que será relevante para a leitura dos ensaios do período *pavese*. Simoni, citando Mario Fubini (2009, p. 146), afirma:

Nos estudos, nas artes, nos costumes, na vida pública e doméstica, no gosto, na moda mesmo, ele quer corrigir os seus concidadãos e erguê-los aquele tipo de dignidade e de elevação, que ele contempla no coração. E é com essa mesma intenção que ele examina os usos e os caracteres, que açoita os defeitos, que procura a história das letras, das ideias, da língua, dos vários fatos civis, os sintomas da grandeza e da decadência nacional³⁷.

Destaco que a partir da análise cultural (dos costumes, artes, letras, moda etc), Foscolo ressaltava os “sintomas da grandeza e da decadência nacional” , como ocorria também nas análises históricas, literárias e políticas. A importância dos costumes também está presente no ensaio cujo presente trabalho se propõe traduzir. Foscolo, ao explicar o seu método de ensino da literatura, dentre outras coisas, diz que deve ser examinado “2º o estado das ciências, das letras e das artes nos seus tempos; [...] 3º os costumes, a religião e as instituições políticas das suas

dar corso diverso alle loro passioni, o indicarci il mezzo di cangiare la natura dell'uomo” (tradução minha).

³⁷ “Negli studii, nelle arti, nei costumi, nella vita pubblica e domestica, nel gusto, nella moda stessa egli vuol correggere i suoi concittadini, e rialzarli a quel tipo di dignità e d'elevatezza, ch'egli vagheggia nel cuore. Ed è con questo intento ch'egli ne esamina gli usi e li carattere, che ne sferza i difetti, che cerca nella storia delle lettere, delle idee, della lingua, dei vari fatti civili, i sintomi della grandezza e della decadenza nazionale” (tradução minha).

pátrias; e assim aparecerá o quanto aqueles poetas aproveitaram de seus concidadãos”³⁸ (1933, p.73). Ou seja, era também a partir dos costumes que Foscolo averiguava como a literatura influenciava os cidadãos e como era influenciada.

Depois de uma síntese da atividade ensaística de Foscolo, perpassando pelos escritos históricos, críticos, políticos e de costumes, segue uma análise sobre os ensaios do período *pavese*, nos quais se insere o ensaio que o presente trabalho se propõe traduzir.

1.3 Ensaios no período *pavese*: aulas de literatura

Os ensaios do período *pavese* foram elaborados por Foscolo para as aulas que ministrou na *Università di Pavia* entre fevereiro e junho de 1809. A cadeira de professor de Eloquência foi oferecida por meio de um decreto vice-real datado de 24 de março de 1808, todavia, em 15 de novembro do mesmo ano, antes mesmo que proferisse as aulas, a cadeira foi suspensa. Diante da situação, Foscolo poderia aproveitar seus honorários ainda que não lecionasse, mas optou por dar as aulas “não tanto por amor às letras, quanto pela utilidade à pátria”³⁹ (1933, p. XVIII), como explicitou na carta a Giovio de 3 de fevereiro de 1809, já anteriormente citado.

Pertencentes ao mesmo período, e escritos para o mesmo fim, encontram-se os ensaios: *Della origine e dell’ufficio della letteratura*, a

³⁸ “lo stato delle scienze, delle lettere e delle arti de’ suoi tempi [...] 3° i costumi, la religione e gli istituti politici delle loro patrie; e così apparirà quanto que’ poeti abbiano giovato a’ loro concittadini” (tradução minha).

³⁹ “non tanto per amore alle lettere, quanto per l’utilità della patria” (tradução minha).

aula inaugural que foi pronunciada no dia 22 de janeiro de 1809; *Lezioni su la letteratura e la lingua*, subdividido em duas aulas intituladas *De' principj della letteratura* e *Della lingua italiana: considerata storicamente e letterariamente*, pronunciadas respectivamente nos dias 2 e 5 de fevereiro do mesmo ano; *Della morale letteraria*, distribuída em três aulas, *La letteratura rivolta unicamente al lucro*, *La letteratura rivolta unicamente alla gloria* e *La letteratura rivolta all'esercizio delle facoltà intellettuali*, proferidas dias 18 de maio, 5 de junho e 6 junho; e a última aula ministrada em Pavia recebeu o título de *Orazione sulla giustizia*, não se sabe exatamente em que dia, mas ocorreu não muito depois de 6 de junho daquele ano.

Segundo o prefácio de Emilio Santini à edição de *Lezioni, articoli di critica e di polemica* (de 1933), as publicações dos ensaios paveses se deram separadamente, e de modos diversos. A aula inaugural *Della origine e dell'ufficio della letteratura*, pouco tempo depois de proferida, foi publicada pela *Stamperia Reale*. Cartas do Diretor Geral, de Luigi Pellico e do próprio Foscolo asseguram que a publicação não ultrapassou o dia 8 de março de 1809. Após a publicação da aula inaugural, Foscolo recebeu críticas de leitores ofendidos pelos princípios expostos no texto. Por conta disso surgiu o desejo de republicar o ensaio, mas dessa vez constariam também a sua defesa, uma dedicatória e mais notas, algo que infelizmente não ocorreu. Todavia, há um esboço de uma carta intitulada *In difesa dell'Orazione inaugurale: Lettera al sig. G.B. Giovio* e outros fragmentos que ganharam o título de *Esperimento sopra i principj della letteratura e sopra il metodo d'istituzioni letterari* que deveriam acompanhar a reimpressão da *Orazione*.

As *Lezioni pavesi*, consideradas separadamente da aula inaugural, foram publicadas pela primeira vez entre *Alcuni scritti e dettati inediti di U. Foscolo* em 1825, pelas prensas Del Maino (histórica tipografia de Piacenza), sem os cuidados do autor, que se encontrava exilado na Inglaterra. Nessa edição constavam somente a primeira, a segunda e a última aula. A primeira delas, *De' principj della letteratura*, tinha a aparência de um texto completo, finalizado e elaborado para ser inteiramente lido em alta voz, dadas as marcas de oralidade. Nessa edição havia uma advertência anônima dizendo que um aluno de Foscolo teria recolhido os *Scritti e Dettati* no momento da aula e os copiou do autor. Uma suposição de Bianchini diz que o aluno deveria ser Defendente Sacchi e afirma, para mais, que a cópia não era para fins editoriais. De qualquer maneira, há indícios também em outras edições que o texto teria mesmo sido copiado por algum aluno, haja vista as inversões de períodos, erros, repetições, inexatidão e confusão de estilo, características que não condiziam com a escrita de Foscolo. Além do texto publicado em Piacenza, encontra-se na Biblioteca Labronica outra cópia com correções feitas pelo próprio Foscolo. A julgar pelas múltiplas diferenças entre ambos os textos, acredita-se que a cópia da Biblioteca Labronica deve ter sido redigida por outra pessoa mais atenta e com maior familiaridade com a escrita. Já a segunda aula, *Della lingua italiana: considerata storicamente e letterariamente*, parecia ser mais um resumo ou esquema que uma aula escrita integralmente. Essa teria sido redigida por alguém que escutou a aula e não teria sido copiada de um manuscrito original. Por fim, a última aula, *Orazione sulla giustizia*, advém de uma transcrição do próprio texto de Foscolo, assim como a primeira aula pavese.

As aulas *Della morale letteraria* foram publicadas tardiamente, em 1834, mas em sua primeira impressão editada por Caleffi, em Lugano, consta o texto integral cedido por uma amiga de Foscolo chamada Quirina Mocenni Magiotti. Todavia, a reprodução não condizia exatamente com o cedido, sendo possível encontrar erros, lacunas e arbítrios se comparados. Como visto anteriormente, Foscolo declarou que optou lecionar mais para ser útil à pátria que por amor à literatura. A afirmação parece excluir uma visão da literatura desvinculada de sua motivação patriótica, no entanto, ainda que não seja exclusória, certamente evidencia que o discurso sobre a literatura nas *lezioni* cruza com aquele sobre a sociedade e a política. Para Verdenelli (2007, p. 265), as aulas de Foscolo, mesmo afrontando questões literárias específicas, demonstram uma ampla exigência moral e civil da literatura.

Nas duas primeiras aulas é possível observar que há um vínculo entre literatura e utilidade, que coincide com o discurso sobre a pátria presente nas demais aulas. A reincidência dessa temática indica a coerência do autor em relação aos seus princípios.

Com o intuito de expor tal coerência, e também para que compreendamos melhor o teor da primeira aula que o presente trabalho se proporá traduzir mais adiante (a primeira das *lezioni pavesi*), me concentrarei brevemente no conteúdo de cada uma das *lezioni*. Sendo assim, seguirei com um breve relato sobre os assuntos abordados na aula inaugural, nas três aulas contidas em *Della morale letteraria* e, por fim, na aula de encerramento, *Orazione sulla giustizia*. Na sequência exponho a tradução para depois seguir com o relato das duas aulas contidas em *Lezioni su la letteratura e la lingua*, tratadas com um maior

aprofundamento, o que nos proporcionará construir um caminho de interpretação das mesmas.

A aula inaugural *Dell'origine e dell'ufficio della letteratura* é, para Verdenelli (2007, p. 266), a prosa mais articulada e complexa de todo o ciclo de exposições em Pavia. Isso se dá pela riqueza cultural e argumentativa demonstrada pelo autor no decorrer do seu exercício persuasivo a respeito da literatura. A persuasão é possível por meio da arte da mediação, da qual deriva a aparência solene da tessitura estilística de Foscolo. Sobre a importância que Foscolo atribui à mediação, Verdenelli (2007, p. 266) afirma: “Com a arte da meditação, o literato podia entrar, finalmente, no ciclo vital da história, conduzindo os governantes à arte da moderação, sem a qual não teriam sido suficientemente persuasivos no pedido de obediência aos próprios súditos”⁴⁰.

A afirmação de Verdenelli novamente nos aponta para o dever maior que Foscolo confere à literatura: a difusão das letras em prol da utilidade à pátria. O discurso solene cumpre, então, o papel de promover e propagar a voz que se atenta em servir à nação. A solenidade está presente desde, e principalmente, na aula inaugural. Embora a palavra *solene* vincule-se a um discurso que segue regras estritas e restritivas, caracterizado por uma forma rígida que faz alusão à estrutura mais que ao conteúdo (como em uma retórica vazia, muito utilizada na época de Foscolo), na aula inaugural e na primeira aula sobre a literatura, o ensaísta utilizou-se da prosa solene para aprofundar-se em conceitos e

⁴⁰ “Con l’arte della mediazione, il letterato poteva entrare finalmente nel ciclo vitale della storia, guidando i governanti all’arte della moderazione, senza la quale non sarebbero stati sufficientemente persuasivi nella richiesta di obbedienza ai propri sudditi” (tradução minha).

para preparar um caminho linguístico que representasse e exemplificasse a “boa” literatura, que para Foscolo deveria ser rica em estrutura e teor e, concomitantemente, servil à pátria. A solenidade de Foscolo não se caracteriza pelo aprisionamento e servidão à forma, ou seja, não é limitada pela retórica, pelo contrário, a forma é o que proporciona legitimidade e aprofundamento ao seu texto, é o alicerce de sua eloquência. Essencialmente, essa perspectiva é a herança de uma qualidade que Foscolo construíra ainda enquanto poeta.

É igualmente importante salientar que na *Orazione Inaugurale* Foscolo anuncia a sua aproximação ao modelo prático e idealista do filósofo napolitano Giambattista Vico (1668-1744), que funde a escrita criativa, o estudo histórico-crítico e o engajamento civil em uma produção que implica no culto de uma forma de arte que movimenta o pensamento (GIBELLINI, 2012, p. 21). Se a Vico é inerente a característica de teólogo-legislador, também essa característica está presente em Foscolo que, semelhantemente, atribuiu a si mesmo o papel de professor do intelecto e da moral, criando e difundindo suas leis e, ao mesmo tempo, o papel de propagador da admiração das letras e da pátria, como no trecho em que diz:

Nós, portanto, amando as letras e a pátria e recolocando toda a nossa glória e todos os emolumentos da vida nesse amor, seguiremos constantemente aquilo que nos reserva mais honras para os estudos, mais utilidade para os Italianos, cumprindo os deveres todos das disciplinas⁴¹ (FOSCOLO, 1933, p.74, 75).

⁴¹ “Noi dunque, amando le lettere e la patria e riponendo tutta la nostra gloria e tutti gli emolumenti della vita in questo amore, seguiremo costantemente ciò che ci promette più onore agli studi, più utilità agli Italiani, adempiendo i doveri tutti delle discipline” (tradução minha).

Não apenas Vico, mas outras influências, como os ensinamentos de Maquiavel, Hobbes e Rousseau, estão presentes nos pensamentos expressos nas *lezioni pavesi*.

Ainda sobre a referência à literatura na aula inaugural, Foscolo não poderia deixar de explicar acerca da origem e escopo da mesma. Para o autor a faculdade da palavra é intrínseca à faculdade do pensamento, pois é por meio da palavra que o homem representa o que pensa. Daqui resulta que se o pensamento é natural ao homem, também as *letras* o são. A isso Foscolo agrega que a elaboração do pensamento ocorre a partir da distinção e nomeação do que vemos e sentimos (das paixões e das imagens), dessa forma, a qualidade da faculdade da palavra conduz à qualidade do pensamento (da distinção das coisas do mundo e dos sentires do homem). Assim explica:

Todo homem sabe que a palavra é meio de representar o pensamento; mas poucos se dão conta que a progressão, a abundância e a economia do pensamento são efeitos da palavra [...] Porque as paixões e as imagens, nascidas do sentir e do conceber, ou permaneceriam todas indistintas ou tumultuadas [...] ou desapareceriam em grande parte por deixar viver somente as pouquíssimas ideias ligadas ao instinto da própria conservação⁴² (FOSCOLO, 1933, p. 6).

Ao estabelecer a relação de interdependência entre palavra e pensamento com a afirmação de que a funcionalidade dos signos

⁴² “Ogni uomo sa che la parola è mezzo di rappresentare il pensiero; ma pochi si accorgono che la progressione, l’abbondanza e l’economia del pensiero sono effetti della parola [...] Chè le passioni e le immagini nate dal sentire e dal concepire o si rimarrebbero tutte indistinte o tumultuanti [...] o svanirebbero in gran parte per lasciar vive soltanto le pochissime idee connesse all’istinto della propria conservazione” (tradução minha).

permite a elaboração, a distinção e, contemporaneamente, a reprodução do pensamento, Foscolo lança a proposição da comunicação entre os homens. Para o autor, a comunicação é o que diferencia o estado “animal” do estado de civilização. O seguinte trecho, assim, confirma:

E eis que já manifestado que sem a faculdade da palavra as potências mentais do homem jazeriam inertes e mortificadas, e ele, privado dos meios de comunicação necessários para o estado progressivo de guerra e de sociedade, se confundiria com as feras. Donde, depois, resultou que não existiriam sociedades de nações sem força, nem força sem concórdia, nem estabilidade de concórdia sem leis convalidadas pela religião, nem longa utilidade de ritos e de leis sem tradição, nem certeza de tradição sem símbolos, a partir dos quais o significado da palavra impetra longuíssima vida⁴³ (FOSCOLO, 1933, p.15).

Conclui-se, por meio dessa reflexão que a faculdade da palavra, além de ter sido pensada linguisticamente por Foscolo, foi abordada politicamente. Essa aproximação política também pode ser constatada na constância e importância do tema da eloquência, como em: “A filosofia moral e política renunciou a sua preponderância sobre a prosperidade dos estados, pois que, abandonando a eloquência, perdeu-

⁴³ “Ed ecco ormai manifestato che senza la facoltà della parola le potenze mentali dell' uomo giacerebbero inerti e mortificate, ed egli privo di mezzi di comunicazione necessarij allo stato progressivo di guerra e di società, confonderebbersi con le fiere. Donde è poi risultato che non vi sarebbero società di nazioni senza forza, ne forza senza concordia , né stabilità di concordia senza leggi convalidate dalla religione, né lunga utilità di riti e di leggi senza tradizione, né certezza di tradizione senza simboli dai quali il significato della parola impetrasse lunghissima vita” (tradução minha)

se na metafísica”⁴⁴ (FOSCOLO, 1933, p. 21). A recorrência do tema ocorre porque, segundo Foscolo, para que o pensamento moral e político pudesse colaborar com a prosperidade da sociedade, deveria se unir à eloquência. Contudo, a eloquência, ou persuasão, só obtém êxito se munida pelo belo uso da palavra – Foscolo, todavia não promove a ideia da palavra enquanto uma vazia eloquência, essa deveria efluir da densidade dos pensamentos (ou razão) e dos sentimentos (ou paixões).

Por fim, é essencial destacar que, seja através de uma abordagem linguística ou política das letras, é constante que Foscolo se aproxime da história para alicerçar suas teorias. Na aula inaugural, por exemplo, é possível notar o recurso histórico no resgate das fábulas, pois Foscolo, ao retomá-las, buscava sinais da verdadeira civilidade dos homens, feito que resultou em uma ressignificação da funcionalidade das mesmas.

Veremos mais adiante que a intercorrência da história estará presente em todos os ensaios *pavesi*, isso porque, segundo Verdenelli (2007, p. 270): “Virtude, poesia, sabedoria, progresso, nobreza de estilo vêm, portanto, da história, e o não aproveitar desse não comum patrimônio cultural, significa excluir-se daquele desenho de civilidade que informa as mesmas “Lezioni pavesi”⁴⁵.

No que concerne às aulas contidas em *Della morale letteraria* (*La letteratura rivolta unicamente al lucro*, *La letteratura rivolta*

⁴⁴ “La filosofia morale e politica ha rinunziata la sua preponderanza su la prosperità degli stati da che, abbandonando l' eloquenza, si smarri nella metafisica” (tradução minha).

⁴⁵ “Virtù, poesia, sapienza, progresso, nobiltà di stile vengono, dunque, dalla storia, e il non approfittare di questo non comune patrimonio culturale, significa portarsi fuori da quel disegno di civiltà che informa le stesse Lezioni pavesi” (tradução minha).

unicamente alla gloria e La letteratura rivolta all'esercizio delle facoltà intellettuali), há um significativo corte estilístico e pragmático se comparadas às antecedentes. A comunicação, citando um caso análogo, ganha nessas aulas um novo destaque, um valor central e estratégico na elaboração de um projeto social e político de literatura. De acordo com Verdenelli (2007, p 273), esse aspecto mais funcional que Foscolo agrega à literatura é perceptível nos conteúdos discutidos e também na linguagem utilizada, uma prosa mais direta com um vocabulário que desvela, principalmente, a sensibilidade política.

Na primeira aula do bloco, *La letteratura rivolta unicamente al lucro*, como o próprio título sugere, Foscolo incute conotações culturais fortes e negativas em certos tipos de literatura. Se o autor transmite, nesta aula e em aulas anteriores, que o valor positivo da literatura é levar um conhecimento útil ao homem através de uma bela língua, o título já externa uma crítica ao fazer literário que almeja somente o lucro. No decorrer do ensaio, ao utilizar-se de um léxico negativo, como no excerto em que diz: “Não devemos, portanto, tolerar que o ânimo artífice das obras nobres seja contaminado pela inveja, pela maldade, pela venalidade, pela bajulação, pela impostura, pela mentira, pela servidão e por outros maus hábitos que deformam e despedaçam todos os nervos do intelecto”⁴⁶ (FOSCOLO, 1933, p. 99), a opinião crítica do autor se confirma. A vista disso, o texto conduz a ideia de que o lucro não é construtivo para a literatura, pois, segundo sua visão, é difícil individualizar os verdadeiros valores literários se a literatura intentar

⁴⁶ “Non dobbiamo quindi tollerare che l'animo artefice d'opere nobili sia contaminato dall'invidia, dalla malignità, dalla venalità, dall'adulazione, dall'impostura, dalla menzogna, dalla servitù e dagli altri vizi che deformano e spezzano tutti i nervi dell'intelletto” (tradução minha).

unicamente o comércio. Por outro lado, Foscolo também insere o lucro entre as aspirações da sociedade, assim como o deleite, o saber, a dignidade, a estima, os bens etc. Como todas essas aspirações são inerentes às necessidades da sociedade, voltar-se ao lucro torna-se também inevitável. Dessa forma, Foscolo redime a negatividade inicial sem, contudo, anular a atenção do que ele considera verdadeiros valores literários.

Na sua segunda aula da *Morale letteraria*, *La letteratura rivolta unicamente alla gloria*, o autor discorre sobre a glória correlacionando-a à liberdade. Foscolo afirma que a liberdade, antes de ser política, deve ser humana e de pensamento, no entanto, sua importância só é ressaltada através do seu contraponto: a servidão (assunto sobre o qual o autor se detém longamente). O autor afirma que a liberdade, ou seu contrário, atinge o pensar e o sentir humano, por conseguinte, a literatura, sendo inerente ao pensamento e ao sentimento, também é atingida pela liberdade ou pela servidão. Posto, ademais, que a liberdade do movimento do coração e a independência da mente é o que há de mais caro, sagrado e necessário para a felicidade e, portanto para a literatura, a servidão será tratada como um elemento nocivo. Disso resulta que somente por meio da liberdade é que a literatura pode atingir uma expressão mais completa e uma verdade mais autêntica, logo, é apenas dessa liberdade que pode emanar a glória duradoura, e não a glória atingida facilmente e de passageiros aplausos.

Na terceira aula do bloco, *La letteratura rivolta all'esercizio delle facoltà intellettuali*, Foscolo retoma que o principal objetivo da literatura não deve ser a riqueza e a glória, pois essas, por não derivarem da *natureza* da arte, são vantagens acessórias, incertas e passageiras.

Para que os literatos não se percam no fácil aplauso ou no raso ganho econômico devem entender que a meta, vantagem única da arte, deve ser a satisfação do animo, já que o único, eterno e universal suspiro dos homens é a intenção de felicidade. Os males, todavia, não deixam de acompanhar a arte e todas as outras coisas, porque são indissociáveis ao homem, entretanto podem ser encarados como uma lição útil, visto que aumentam a energia da paixão e motivam um sentimento reativo. Assim, para Foscolo, a literatura pode tornar-se significativa se reforçar a faculdade da sociedade e a razão do coração.

Por último, a aula *Sull'origine e i limiti della giustizia* trata da justiça como um bem que depende da força para se estabelecer. Para chegar à determinada averiguação também se baseou em exemplos da história, como Pallaveri (1897, p. 88) constata: “Porque o romano mesmo, tão celebrado pela sabedoria das suas legislações, cobiçando a conquista do mundo, escrevia com sangue dos vencidos as suas leis, e com a espada ensanguentada concedia aquela *civilis aequitas*”⁴⁷. Como o exemplo dos romanos, Foscolo afirma que uma sociedade não pode se proteger das usurpações internas e externas senão por meio da força. A sociedade, para Foscolo, só pode ser justa se houver leis, e as leis só são válidas e seguidas se protegidas pelo uso da força.

A *civilis aequitas*, ou a Razão de Estado, citada por Pallaveri e também referida por Foscolo nesta aula, está relacionada à conservação do gênero humano. Para o autor, são os direitos recolhidos nessa *razão* que legislam as normas do justo. Sem os direitos naturais, religiosos e

⁴⁷ “Poiché il romano stesso, cotanto celebrato per la sapienza delle sue legislazioni, agognando alla conquista del mondo, scriveva col sangue dei vinti le sue leggi, e con la spada insanguinata concedeva quella *civilis aequitas*” (tradução minha).

civis que visam manter a sociedade, os homens cairiam na *anarquia*. Pallaveri ainda aponta sobre a Razão de Estado (1897, p 89): “Semelhante Razão, cujo supremo dever deveria ser sempre a conservação e o bem-estar do Estado, compreende em si, diz Foscolo, cada dever e direito, cada lei ou comando, tudo mana dela, e nela retorna”⁴⁸. A *razão*, portanto consiste em preservar a inviolabilidade do direito de cada homem ao livre exercício das faculdades.

É pertinente destacar que, em Foscolo, a apologia da força, ou do uso de armas, não o insere dentre extremistas jacobinos. Segundo Campana (2009, p. 46):

A recorrência às armas para perseguir necessários propósitos políticos não é por si só um sintoma de extremismo: o próprio Foscolo repetirá o adágio soloniano: “*O fundador de uma República deve ser um déspota*”; eis, portanto, que o momento das armas parece, para muitos desta geração (também tendencialmente moderados), como uma passagem obrigatória, ainda que dramática (mas também sempre temporânea e circunscrita), sobre novas bases institucionais e sobre novas ordens sociais, e que tenha como propósito final a criação (aclamada por uma tradição longa, de séculos) de um estado italiano finalmente unido e independente do estrangeiro⁴⁹.

⁴⁸ “Siffatta Ragione, il cui supremo ufficio dovrebbe esser sempre la conservazione e il benessere dello Stato, comprende in sé, dice il Foscolo, ogni dovere e diritto, ogni legge o comando, tutto scaturisce da lei, e in lei ritorna” (tradução minha).

⁴⁹ “Il ricorso alle armi per perseguire necessari scopi politici non è di per sé un sintomo di estremismo: lo stesso Foscolo ripeterà l’adagio soloniano: “*Il fondatore di una Repubblica deve essere un despota*”; ecco dunque che il momento delle armi appare a molti di questa generazione (anche tendenzialmente moderati) come un passaggio obbligato, ancorché drammatico (ma pur sempre temporaneo e circoscritto), su nuove basi istituzionali e su nuovi ordini sociali, e che abbia come scopo finale la creazione (aclamata da

Outro ponto a se notar nessa aula é a sua aproximação à condição pessimista, ou melancólica, que já se apresenta como uma característica romântica. É possível averiguar essa circunstância ao relacionar a palavra *uomo* a *debole*, quando afirma a crueldade da natureza do homem acessando uma posição anti jusnaturalista, ou ainda ao contemplar o sentimento de ser apenas um átomo no universo. Para Verdenelli, com essa negatividade Foscolo reforça uma instância poética nas *lezioni pavesi*, é no negativo que encontra sua melhor inspiração. Apesar desse olhar se configurar diversas vezes durante o texto, não é a anulação do homem que se sobressai, mas a progressão poética, na qual o materialismo é filtrado por um tratamento especialmente humano (2007, p.278). Seus registros podem se mostrar ora mais calmos e pacatos ora mais profundos, mas indubitavelmente expressam suas voracidades internas.

Apresentadas as aulas *pavesi* e abordados os temas e assuntos que tratam, podemos agora seguir com a tradução da aula *De' principj della letteratura*. Gostaria antes de atentar o leitor para o fato de que a aula foi escrita com o objetivo de ser inteiramente lida em sala de aula, por isso notaremos uma escrita voltada à oralidade, e que terá como interlocutor primeiramente os alunos ouvintes. Além do mais, poderemos notar neste ensaio assuntos que foram abordados em outras aulas ministradas/escritas, como a exaltação da utilidade da literatura à pátria, já que todas foram preparadas para abordar o mesmo tema: a literatura.

una tradizione lunga di secoli) di uno stato italiano finalmente unito e indipendenti dallo straniero” (tradução minha).

Entendo, por fim, que o estudo sobre Foscolo – suas influências, objetivos, a atividade ensaística e as próprias *Lezioni Pavesi* – é importante para se fazer uma tradução mais ética e consciente, ou mesmo para se fazer uma leitura mais profunda do texto. A tradução dos ensaios teóricos de Foscolo sobre a literatura pode colaborar para os estudos italianísticos no Brasil, ajudar a compreender o momento histórico/cultural no qual o autor esteve inserido ou mesmo complementar e aprofundar a leitura de suas obras mais conhecidas.

2 UMA TRADUÇÃO DO ENSAIO *DE' PRINCIPJ DELLA LETTERATURA*

<p>[59] LEZIONI SU LA LETTERATURA E LA LINGUA</p> <p>LEZIONE PRIMA</p> <p>De' principj della letteratura.</p> <p>Nel viaggio della vita (qualunque siensi gli studi ed i casi a cui la natura e la fortuna ci abbiano destinati) stimo meno pericoloso partito d'appigliarci ad una strada, dopo di averla esaminata prudentemente, per quanto può l'occhio e la previdenza dell'uomo. Non che questo sia ottimo partito e sicuro; ma è l'unico ad ogni modo che ci preservi dalle perplessità, le quali accrescono gli affanni e i timori</p>	<p>[59] AULAS SOBRE A LITERATURA E A LÍNGUA</p> <p>PRIMEIRA AULA</p> <p>Dos princípios da literatura.</p> <p>Na viagem da vida (quaisquer que sejam os estudos e os acontecimentos aos quais a natureza e a sorte nos tenham destinado) considero menos perigosa a decisão de agarrar-nos a uma estrada depois de tê-la examinado prudentemente, por quanto puder o olho e a providência do homem. Não que essa seja uma ótima decisão e segura; mas é a única, de qualquer modo, que nos preserva das</p>
--	--

della nostra mente, e ritardano l'impresa della nostra età fuggitiva. Oltre di che v'è certo sentimento di dignità e d'intima compiacenza nel mirare costantemente alla meta prefissa, senza lasciarsi disanimare dagli eventi e dagli uomini, che d'altronde sogliono rispettare quei generosi i quali sanno e vogliono rispettare se stessi. Però anche nel corso de' nostri studi non m'allontanerò nè di un passo da' miei principj: mi sono studiato di manifestarveli nell'*Orazione* già pronunciata; e se sieno desunti dall'esame del vero, e se possono volgersi alla prosperità delle lettere ed alla utilità della patria, apparirà dalle loro applicazioni ch'io di lezione [60] in lezione verrò facendo dinanzi a voi. Oggi dunque ridurrò la loro sostanza in poche sentenze, dimostrando con quale intendimento, e con che metodo io m'accinga a parlare intorno ai requisiti ed ai mezzi, che

perplexidades, as quais aumentam as aflições e os temores da nossa mente, e atrasam a empreitada da nossa idade fugidia. Além do que, há certo sentimento de dignidade e de íntima complacência em mirar constantemente a meta estabelecida, sem deixar-se desanimar pelos eventos e pelos homens, que, por outra razão, costumam respeitar os generosos, os quais sabem e querem respeitar a si próprios. Porém, mesmo no decorrer dos nossos estudos, não me afastarei nem um passo dos meus princípios: esforcei-me em manifestá-los a vocês na *Oração* já pronunciada; e se são deduzidos da análise da verdade, e se podem voltar-se à prosperidade das letras e à utilidade da pátria, aparecerá das suas aplicações que eu de aula [60] em aula mostrarei diante de vocês. Hoje, portanto, reduzirei a substância deles em poucas sentenças, demonstrando com qual entendimento, e com que método

mi sembrano necessari per conseguire il frutto più salutare e la vera gloria della letteratura.

Ecco ridotti i principj a sei sommi capi, ed ogni assioma alla sua dimostrazione ed alle sue conseguenze generali.

Questi capi sono:

1° La letteratura è annessa alle facoltà naturali.

2° Le facoltà naturali sono annesse allo studio.

3° Le facoltà naturali, e lo studio nella letteratura, sono annessi ai bisogni della società.

4° I bisogni della società nella letteratura sono annessi alla verità.

5° La letteratura è annessa alla lingua.

6° La lingua è annessa allo stile, e lo stile alle potenze intellettuali d'ogni individuo.

Capo I.

eu me disponho a falar sobre os requisitos e os meios, que me parecem necessários para conseguir o fruto mais salutar e a verdadeira glória da literatura.

Eis os princípios reduzidos em seis grandes máximas, e para cada axioma a sua demonstração e as suas consequências gerais.

Essas máximas são:

1° A literatura é inerente às faculdades naturais.

2° As faculdades naturais são inerentes ao estudo.

3° As faculdades naturais, e o estudo na literatura, são inerentes às necessidades da sociedade.

4° As necessidades da sociedade na literatura são inerentes à verdade.

5° A literatura é inerente à língua.

La letteratura è annessa alle facoltà naturali.

1° L'uomo è dotato di facoltà mentali, le quali non si possono pienamente esercitare se non per mezzo della parola. 2° L'esercizio delle facoltà mentali ha per impulso primo, unico e perpetuo il sentimento del piacere e del dolore. 3° Questo sentimento mira al passato, al presente e al futuro. 4° Questa comprensione di tempo deriva da tre facoltà: la memoria, il desiderio e la fantasia. 5° Queste facoltà sono equilibrate nelle loro azioni e dirette dalla facoltà di paragonare, di sperimentare e di calcolare, che da noi chiamasi comunemente ragione. 6° La ragione è tanto più vigorosa, operosa, utile ed esatta, quanto più sono forti, operose e ricche le tre altre facoltà di ricordarsi, di desiderare, d'immaginare; così all'opposto. 7° L'uomo dotato di queste tre facoltà in sommo grado, e

6° A língua é inerente ao estilo, o estilo às potências intelectuais de cada indivíduo.

Máxima I.

A literatura é inerente às faculdades naturais.

1° O homem é dotado de faculdades mentais, as quais não se pode exercitar plenamente senão por meio da palavra. 2° O exercício das faculdades mentais tem por impulso primeiro, único e perpétuo o sentimento do prazer e da dor. 3° Esse sentimento aponta para o passado, para o presente e para o futuro. 4° Essa compreensão de tempo deriva de três faculdades: a memória, o desejo e a fantasia. 5° Essas faculdades são equilibradas em suas ações e dirigidas pela

in sommo grado bilanciate dal calcolo della ragione, è solo atto alla grande e bella ed utile letteratura, perchè solo potrà esercitarla valendosi pienamente dell'uso della parola.

[61] Da questo primo capo emerge: 1° che senza queste doti non si può essere degnamente letterato; 2° che chiunque a cui mancano queste doti non conseguirà se non la pedestre, inutile, e venale letteratura.

Capo II.

Le facoltà naturali sono annesse allo studio.

1° Nell'animale non v'è apparenza di vita senza moto; nell'animale [umano] non v'è moto fisico senza moto morale; cessato il moto cessa la vita. 2° Il moto morale dell'animale umano sta nell'oscillazione perenne della

faculdade de comparar, de experimentar e de calcular, que para nós chama-se comumente razão. 6° A razão é mais vigorosa, operante, útil e exata quanto mais fortes, operantes e ricas são as três outras faculdades de lembrar, de desejar e de imaginar; ou vice-versa. 7° O homem dotado dessas três faculdades no mais alto grau, e no mais alto grau equilibradas pelo cálculo da razão, é o único apto para a grande e bela e útil literatura, pois ele só poderá exercitá-la fazendo o uso pleno da palavra.

[61] Desse primeiro princípio emerge: 1° que sem essas dotes não se pode ser dignamente literato; 2° que a qualquer um que falte essas dotes não conseguirá nada além da banal, inútil e venal literatura.

speranza e del timore. 3° La speranza ed il timore sono emanazione perpetua del sentimento e del piacere e del dolore. 4° Questo sentimento viene eccitato dalle sensazioni delle cose che possono giovare o nuocere; viene mantenuto dall'idea, che la sensazione imprime nella memoria; viene riscaldato dal desiderio imminente di conseguire il piacere e di sfuggire il dolore, annessi a quella data idea; viene finalmente rappresentato vivamente dall'evidenza dell'idea che vive nella memoria, dall'ardore del desiderio che la rianima; la qual combinazione di memoria e di desiderio da noi chiamasi fantasia. 5° Chi dunque è più capace di più forti sensazioni, ha più vigore d'idee. 6° Chi per mezzo delle potenze mentali esprime meglio queste idee, propaga talvolta la stessa facoltà, e spesso e sempre lo stesso esercizio passivo nell'ingegno e nel cuore

Máxima II.

As faculdades naturais são inerentes ao estudo.

1° No animal não existe aparência de vida sem movimento; no animal [humano], não existe movimento físico sem movimento moral; cessado o movimento, cessa a vida. 2° O movimento moral do animal humano está na oscilação perene da esperança e do temor. 3° A esperança e o temor são a emanção perpétua do sentimento e do prazer e da dor. 4° Esse sentimento é provocado pelas sensações das coisas que podem agradar ou prejudicar; é mantido através da ideia que a sensação imprime na memória; é aquecido pelo desejo imminente de obter o prazer e evitar a dor, inerentes àquela dada ideia; é finalmente representado vivamente pela evidência da ideia que vive na

degli altri. 7° La facoltà si trasfonde con l'esempio in chi è costituito fisicamente atto a fare altrettanto; l'esercizio passivo si propaga in tutti gli uomini, perchè tutti, eccettuati pochissimi, sono atti a sentire le passioni che si dipingono vivamente, e ad intendere i pensieri, che si presentano evidentemente. 8° Per giovarsi utilmente dell'esempio, bisogna studiare i grandi [62] esemplari; per arricchirsi d'idee proprie, bisogna avere sensazioni proprie e desumere il vero morale per mezzo delle passioni; per propagare negli altri l'esercizio delle passioni e la cognizione del vero morale, bisogna conoscere come gli altri possano sentire e sappiano ragionare.

Da questo secondo capo emerge: 1° che chiunque posseda le doti naturali di cui si è detto nel capo primo non potrà farle fruttare senza lo studio; 2° che questo

memória, pelo ardor do desejo que a reanima; essa combinação de memória e de desejo chamamos de fantasia. 5° Quem, portanto, é mais capaz das mais fortes sensações, tem maior vigor de ideias. 6° Quem, por meio das potências mentais, melhor expressa essas ideias, propaga, por vezes, a mesma faculdade, e frequentemente e sempre o mesmo exercício passivo na inteligência e no coração dos outros. 7° A faculdade transfunde-se, com o exemplo, em quem é fisicamente apto a fazer do mesmo modo; o exercício passivo se propaga em todos os homens, porque todos, salvo pouquíssimos, são aptos a sentir as paixões que se pintam vivamente, e a ouvir os pensamentos que se apresentam evidentemente. 8° Para aproveitar-se utilmente do exemplo, é necessário estudar os grandes [62] exemplares; para se enriquecer de ideias próprias, é necessário ter

studio consiste nell'esempio de' grandi modelli; 3° che allo studio de' grandi modelli per avere una norma, conviene congiungere lo studio del mondo e del cuore umano e la natura vivente per avere un'originale; 4° che gli uomini romiti, claustrali, legati a qualunque setta accademica o religiosa, che prescriva le facultà dell'uomo nelle imprese degli ingegni, e specialmente i letterati da tavolino, senza sperienza di mondo non possono riescire utili letterati mai.

Capo III.

Le facultà naturali e lo studio nella letteratura sono annessi ai bisogni della società.

1° Tutte quelle facultà che dà la natura presumono sempre

sensações próprias e deduzir o verdadeiro moral por meio das paixões; para propagar nos outros os exercícios das paixões e a cognição do verdadeiro moral, é necessário conhecer como os outros possam sentir e saibam raciocinar.

Dessa segunda máxima emerge: 1° que qualquer um que possua os dotes naturais, dos quais se tratou na primeira máxima, não poderá fazê-los dar frutos sem o estudo; 2° que esse estudo consiste no exemplo dos grandes modelos; 3° que ao estudo dos grandes modelos, para se ter uma norma, convém unir o estudo do mundo e do coração humano e da natureza vivente para obter um original; 4° que os homens solitários e claustrais, ligados a qualquer seta acadêmica ou religiosa, que prescreva as facultades do homem nas incumbências da razão, e especialmente os literatos de

bisogni. 2° Tutto quello che soddisfa a' bisogni è necessario. 3° Tutti i bisogni non soddisfatti lascierebbero gli uomini alla disperazione delle passioni che ogni bisogno eccita necessariamente. 4° Il bisogno di esercitare le proprie facoltà per mezzo della parola e di comunicare in altri lo stesso esercizio dev'essere dunque soddisfatto. 5° L'uomo è animale sociale. 6° Ogni società è aggregato di pochi che comandano per mezzo della spada e delle opinioni, e di molti che servono. 7° Le società compongono nazioni, che guerreggiano perpetuamente l'una contro dell'altra. 8° Le nazioni hanno principio di forza nella comunicazione delle loro idee. 9° La comunicazione delle idee rappacifica, per mezzo delle leggi e delle opinioni, gl'interessi degli [63] individui. 10° Le leggi che contrastano con gli interessi degli individui e le opinioni che

escrivaninha, sem experiência de mundo não podem se tornar literatos úteis jamais.

Máxima III.

As faculdades naturais e o estudo na literatura são inerentes às necessidades da sociedade.

1° Todas aquelas faculdades que a natureza dá presumem sempre necessidades. 2° Tudo aquilo que satisfaz às necessidades é imprescindível. 3° Todas as necessidades não atendidas deixariam os homens ao desespero das paixões que cada necessidade excita obrigatoriamente. 4° A necessidade de exercitar as próprias faculdades por meio da palavra e de comunicar a outros o mesmo exercício deve, portanto, ser atendida. 5° O homem é animal social. 6° Cada sociedade é

combattono con le leggi rodono i principj della prosperità e della forza d'ogni società, perchè l'arbitrio delle leggi produce la tirannide, e l'arbitrio delle opinioni produce la licenza; e questi due mali distruggono presto o tardi la prosperità delle nazioni. 11° L'uso della parola, destinata dalla natura all'esercizio delle facoltà e delle passioni e alla comunicazione delle idee, deve dunque mantenere l'equilibrio tra il potere di chi comanda e le opinioni di chi obbedisce. L'uso della parola si rende utile, rendendolo grato alle passioni e convincente alle opinioni. Si rende grato alle passioni esercitandole, perchè le passioni non si spengono mai. Si convincono le opinioni dimostrando il danno e l'utilità. Questa alleanza di passioni e di ragione per mezzo della parola costituisce la persuasione; la persuasione costituisce l'unico fine dell'eloquenza. La poesia, la storia

um agregado de poucos que comandam por meio da espada e das opiniões, e de muitos que servem. 7° As sociedades compõem nações que guerreiam eternamente umas contra as outras. 8° As nações usam o princípio de força na comunicação das suas ideias. 9° A comunicação das ideias repacifica, por meio das leis e das opiniões, os interesses dos [63] indivíduos. 10° As leis que contrastam com os interesses dos indivíduos e as opiniões que lutam com as leis corroem os princípios da prosperidade e da força de cada sociedade, porque o arbítrio das leis produz a tirania, e o arbítrio das opiniões produz a licenciosidade; e esses dois males destroem cedo ou tarde a prosperidade das nações. 11° O uso da palavra, destinada pela natureza ao exercício das faculdades e das paixões e à comunicação das ideias deve, portanto, manter o equilíbrio entre

e la facoltà oratoria, che costituiscono la letteratura d'ogni nazione, non cangiano se non le apparenze, perchè tutte stanno nell'eloquenza. Poichè la letteratura di una nazione è annessa al clima, agli usi, alla religione, alle leggi, alla fortuna della stessa nazione, chi non ama la sua patria, non può essere utile letterato.

Da questo terzo capo emerge: 1° che lo stato di natura, di guerra e di società sono una cosa sola ed identica, e che non vi possono essere uomini senza una specie qualunque di letteratura; 2° che le distinzioni di stato di natura e di società sono fantasmi platonici da lasciarsi a Rousseau ed a' suoi partigiani; poichè Rousseau, dividendo la natura dell'uomo dalla società, pianta per principio delle sue declamazioni che le lettere, essendo frutto delle società, corrompono la natura dell'uomo; e

o poder de quem comanda e as opiniões de quem obedece. O uso da palavra se torna útil tornando-o grato às paixões e convincente às opiniões. Torna-se grato às paixões exercitando-as, porque as paixões não se apagam nunca. Convencem-se as opiniões demonstrando o dano e a utilidade. Essa aliança de paixões e de razão por meio da palavra constitui a persuasão; a persuasão constitui a única finalidade da eloquência. A poesia, a história e a faculdade oratória, que constituem a literatura de cada nação, não mudam senão as aparências, porque todas estão na eloquência. Uma vez que a literatura de uma nação é inerente ao clima, aos costumes, à religião, às leis, à riqueza da mesma nação, quem não ama sua pátria não pode ser um útil literato.

Dessa terceira máxima emerge: 1° que o estado de

<p>frattanto in quel suo discorso contro le scienze e le lettere, ammettendo per assioma che nascano dalle passioni degli uomini, come per esempio, a quanto egli dice: “la geometria nacque dall’avarizia, l’astronomia dalle superstizioni, la poesia dalla credulità, l’eloquenza dall’ambizione”, egli sovverte da sè [64] medesimo il suo pomposo edifizio, dacchè, se le lettere e le scienze nascono dalle passioni, egli dovea prima o mostrae che la natura concede agli uomini di dar corso diverso alle loro passioni, o indicarci il mezzo di cangiare la natura dell’uomo; 3° gli uomini cosmopoliti saranno sempre tepidi cittadini; e i tepidi cittadini sono dannosi letterati; 4° che niun letterato sarà utile e glorioso se</p>	<p>natureza, de guerra e de sociedade é uma coisa só e idêntica, e que não podem existir homens sem uma espécie qualquer de literatura; 2° que as distinções entre estado de natureza e de sociedade são fantasmas platônicos para serem deixados a Rousseau e aos seus partidários; visto que Rousseau, separando a natureza do homem da sociedade, planta por princípio das suas declamações que as letras, sendo fruto das sociedades, corrompem a natureza do homem; entrementes, naquele seu discurso contra as ciências e as letras, admitindo por axioma que nascem das paixões dos homens, como no exemplo em que ele diz, “a geometria nasceu da avareza, a astronomia da superstição, a poesia da credulidade, a eloquência da ambição⁵⁰”, ele derruba sobre si</p>
--	--

⁵⁰ A citação que Foscolo faz de Rousseau pode ser encontrada em *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, donde consta, em edição de língua portuguesa com tradução de Nelson Jahr Garcia: “A astronomia nasceu da superstição; a eloquência, da ambição, do ódio, da adulação, da mentira; a geometria, da avareza; a física, de uma vã curiosidade; todas, e a própria moral, do orgulho

non conosce le istituzioni sociali, se non vede molti paesi e costumi, se non paragona ed illumina i meriti, gli errori e i difetti dei propri concittadini, se non legge nel cuore della filosofia morale e politica, se finalmente non attende all'indipendenza e all'onore della sua patria.

Capo IV.

I bisogni della società nella letteratura sono annessi alla verità.

1° Gli uomini così dotati dalla natura, così istruiti dalla esperienza, dalle proprie e dalle altrui passioni, così illuminati dalla meditazione della filosofia sono

[64] mesmo o seu pomposo edificio, pois que, se as letras e as ciências nascem das paixões, ele deveria primeiramente ou mostrar que a natureza concede aos homens a capacidade de dar um curso diferente às suas paixões ou indicar-nos o meio de mudar a natureza do homem; 3° os homens cosmopolitas serão sempre tépidos cidadãos; e os tépidos cidadãos são literatos danosos; 4° que nenhum literato será útil e glorioso se não conhece as instituições sociais, se não vê muitos países e costumes, se não compara e ilumina os méritos, os erros e os defeitos dos próprios concidadãos, se não lê no coração da filosofia moral e política, se, finalmente, não se dedica à independência e à honra de sua pátria.

humano. As ciências e as artes devem seu nascimento aos nossos vícios: duvidaríamos menos das suas vantagens, se o devessem às nossas virtudes” (ROUSSEAU, --, p. 32). O texto refere-se ao discurso que conquistou o prêmio da Academia de Dijon no ano de 1750 sobre a questão: Se o reestabelecimento das ciências e das artes contribuiu para purificar os costumes. N.T.

anelli intermedi tra la fredda verità delle scienze e gli impetuosi fantasmi delle opinioni, tra la severa ragione di stato e la cieca umana tendenza alla tirannide ed alla servitù. 2° La verità sola vive eterna tra gli uomini, e le opinioni passano coi tempi; onde il letterato che tace la verità e non lusinga che le sole opinioni morrà col suo secolo o poco dopo. Ma la verità non persuade se non è conosciuta. Le menti pregiudicate dalle opinioni non possono conoscerla se non vestita di fantasmi. I fantasmi nascono dalle passioni; il letterato dunque deve far conoscere ed amare la verità eccitando passioni e fantasmi. Vi è verità vivente in tutti i secoli nella pittura delle passioni di qualunque nazione. Non vi è verità nella pittura delle opinioni e de' fantasmi; il letterato dunque deve vestire con le opinioni ed i fantasmi del proprio secolo e della propria nazione le verità eterne,

Máxima IV.

As necessidades da sociedade na literatura são inerentes à verdade.

1° Os homens, assim dotados pela natureza, assim instruídos pela experiência, das próprias paixões e das paixões de outrem, assim iluminados pela reflexão da filosofia, são elos intermediários entre a fria verdade das ciências e os impetuosos fantasmas das opiniões, entre a severa razão de Estado e a cega tendência humana à tirania e à servidão. 2° Somente a verdade vive eterna entre os homens, e as opiniões passam com o tempo; razão pela qual o literato que cala a verdade e não lisonjeia além das próprias opiniões, morrerá com o seu século ou pouco depois. Mas a verdade não convence se não é conhecida. As

che regnano e regneranno sempre nella mente e nel cuore di tutti gli uomini. [65] 3° Pochi ragionano; tutti gli altri sentono. Se la letteratura non parla che a pochi, si rimarrà inattiva sul cuore della moltitudine. Se non parla che alla moltitudine, l'eloquenza non potrà essere fondata sulla ragione. Il letterato dunque, appassionando il popolo e convincendo chi lo governa e chi lo nutre, giungerà a persuadere gli uni e gli altri; poichè il popolo riflette gli effetti delle sue passioni sopra chi può ragionare, e i pochi riflettono gli effetti della loro ragione sopra i molti, i quali possono soltanto sentire.

Da questo capo quarto apparirà. 1° la ragione della decadenza nel mondo di molti libri ch'ebbero grandissima fama a' loro tempi; e più evidentemente la ragione per cui molte altre opere sono disprezzate dagli uomini che vivono educati in società, e

mentes pré-conceituadas pelas opiniões não podem conhecê-la senão vestida de fantasmas. Os fantasmas nascem das paixões; o literato, portanto, deve fazer conhecer a verdade e amá-la, excitando paixões e fantasmas. Existe a verdade vivente em todos os séculos na pintura das paixões de qualquer nação. Não existe verdade na pintura das opiniões e dos fantasmas; o literato, portanto, deve vestir com as opiniões e os fantasmas do próprio século e da própria nação as verdades eternas, que reinam e reinarão sempre na mente e no coração de todos os homens. [65] 3° Poucos raciocinam; todos os outros sentem. Se a literatura não fala exceto para poucos, permanecerá inativa no coração da multidão. Se não fala exceto para a multidão, a eloquência não poderá ser fundada sobre a razão. O literato, portanto, apaixonando o povo e convencendo quem o governa e

venerate nel tempo medesimo con superstizione dai letterali precettisti, accademici e claustrali. 2° Apparirà la ragione per cui molti uomini che a' nostri tempi vivono col nome celebre di letterati nelle cattedre de' licei, nelle accademie e nelle corti dei grandi, sono ignotissimi al popolo, e appena morti non lasciano il loro nome se non se nel cimitero ove stan seppelliti.

Capo V.

La letteratura è annessa alla lingua

1° Ogni nazione ha una lingua. Ogni letterato deve parlare alla sua nazione con la lingua patria. Il pensiero non è rappresentato che dalla parola. Per rappresentare il pensiero bisogna dunque conoscere il valore della parola. Il valore della parola consiste nel suo significato

quem o nutre, conseguirá persuadir uns e outros; pois o povo reflete os efeitos das suas paixões sobre quem pode raciocinar, e os poucos refletem os efeitos de sua própria razão sobre os muitos, os quais podem apenas sentir.

Dessa quarta máxima aparecerá: 1° a razão da decadência, no mundo, de muitos livros que tiveram grandíssima fama em seu tempo; e mais evidentemente a razão pela qual muitas outras obras são desprezadas pelos homens que vivem educados em sociedade e, ao mesmo tempo, veneradas com superstição pelos literatos normativos, acadêmicos e claustrais. 2° Aparecerá a razão pela qual muitos homens que em nosso tempo vivem com nome célebre de literatos nas cátedras dos liceus, nas academias e nas cortes dos grandes são desconhecidíssimos pelo povo, e assim que morrem não deixam o seu nome senão no cemitério onde

primitivo ed originale, nel [66] conflato de' significati minimi ed accessori provenienti dal tempo, nel suono meccanico della parola. Il significato primitivo d'ogni vocabolo è da desumersi dai primi ed originali scrittori della lingua e delle lingue che le furono madri. Il conflato delle idee accessorie è da distinguersi negli scrittori d'ogni secolo della stessa lingua, d'età in età, sino a' dì nostri, e specialmente nei poeti maggiori, perchè più degli altri si valsero di significati metaforici ne' vocaboli. Finalmente il suono meccanico o ha qualche analogia con l'oggetto che rappresenta, ed ha in questa parte valore assoluto; o produce armonia, il che accade le più volte per la combinazione dei suoni degli altri vocaboli che lo accompagnano, ed in questo caso ha in ciò valore relativo. Ogni concorso di parole parla per conseguenza al raziocinio per mezzo del significato primitivo,

estão sepultados.

Máxima V.

*A literatura é inerente à
língua*

1º Cada nação tem uma língua. Cada literato deve falar para a sua nação com a língua pátria. O pensamento não é representado senão pela palavra. Para representar o pensamento é necessário, portanto, conhecer o valor da palavra. O valor da palavra consiste no seu significado primitivo e original, na [66] fusão dos significados mínimos e acessórios provenientes do tempo, no som mecânico da palavra. O significado primitivo de cada vocábulo se deduz dos primeiros e originais escritores da língua e das línguas que lhes foram mães. A fusão das ideias acessórias distingue-se nos escritores de cada século e de

alla fantasia per mezzo delle idee concomitanti, e all'orecchio per mezzo de' suoni. Or questo valore risulta dal concorso de' grandi scrittori, e dai vocabolari, che sono depositari di questo concorso.

2° Quindi dalla combinazione delle voci e dal loro concorso ogni lingua ricava tempra, movimento ed armonia tutta propria, come ogni nazione ha la sua fisionomia. Questa indole interna e queste esterne sembianze, che risiedono nel clima e nella costituzione organica della nazione che parla la lingua e che si trasfondono depurate e abbellite ne' sommi scrittori, sono poi ridotte a stabile ed ordinata ragione grammaticale, che non si deve sì di leggieri violare, senza ragione necessaria ne' soggetti che si trattano, conveniente all'intelligenza comune, e soprattutto analoga all'indole ed alla fisionomia della lingua, perchè, ritenendo la stessa università di voci e lo stesso [67]

mesma língua, de idade em idade, até os nossos dias, e especialmente nos poetas maiores, porque, mais que os outros, se valeram de significados metafóricos nos vocábulos. Finalmente, o som mecânico ou tem alguma analogia com o objeto que representa, e tem nessa parte valor absoluto, ou produz harmonia, o que acontece na maior parte das vezes pela combinação dos sons dos outros vocábulos que o acompanham e, nesse caso, tem aí valor relativo. Cada afluência de palavras fala, por consequência, ao raciocínio por meio do significado primitivo, à fantasia por meio das ideias concomitantes, e aos ouvidos por meio dos sons. Então esse valor resulta da afluência dos grandes escritores e dos vocabulários, que são depositários dessa conjuntura.

2° Logo, da combinação das vozes e de suas afluências, cada língua reproduz timbre, movimento e harmonia próprios, assim como

spirito di fraseggiare, cangia in proprie e naturali anche le poche mutazioni. Ogni autore dunque deve non solo conoscere il valore delle voci, ma serbare ben anche l'andamento e le sembianze dalla propria lingua. Ogni animale, ogni pianta, ogni ente qualunque che abbia azione sugli altri, perde la bellezza, l'originalità ed il vigor natò quando è trasportato fuori del clima assegnatogli dalla natura, o quando il tronco per cui si propaga riceve innesti stranieri o non omogenei. Così violando con modi stranieri la lingua, la sua tempra verrebbe ad imbastardirsi; non avrebbe più nè fisionomia nazionale, nè originalità di sembianze propria, proprie agli altri idiomi. Ogni pagina di uno scritto acquisterebbe certo aspetto di ambiguità; ogni letterato avrebbe apparenza di plagiatario, l'idioma di povertà, e la nazione di servitù; l'uso dei modi stranieri farebbe a poco a poco obbliare i

cada nação tem a sua fisionomia. Essa índole interna e essas externas aparências, que residem no clima e na constituição orgânica da nação que fala a língua, e que se difundem depuradas e embelezadas nos grandes escritores, são depois reduzidas à estável e organizada razão gramatical, que não se deve, como levianos, violar, sem razão necessária nos assuntos que são tratados, conveniente para a inteligência comum, e sobretudo análoga à índole e à fisionomia da língua, porque, mantendo a mesma universidade de vozes e o mesmo [67] espírito de frasear, transformam em próprias e naturais também as poucas mutações. Cada autor, portanto, deve não só conhecer o valor das vozes, mas preservar bem o andamento e as aparências a partir da própria língua. Cada animal, cada planta, cada ente, qualquer um que exerça ação sobre os outros, perde a beleza, a originalidade e o vigor

natii, e l'oblio degli antichi modi si diffonderebbe sugli antichi e originali scrittori della nazione. E la lingua finalmente, perdendo la sua beltà, le sue grazie ed il suo vigore originale ed il testimonio dei primi padri della letteratura nazionale, porrebbe gli autori nel bivio, o di scrivere barbaramente per essere letti, o di scrivere puramente per non essere intesi. Quindi l'ultima corruzione delle lingue.

3° Ogni lingua ha le sue età, come ogni ente che vive, cresce ed invecchia; ha le apparenze della propria stagione, come ogni popolo cangia di fogge di generazione in generazione. Ogni autore dunque, conservando il valore della parola e la fisionomia della lingua, deve adattarle le fogge del suo secolo. Perchè gli uomini non amano e non cercano se non ciò che sentono e comprendono; e non sentono nè comprendono meglio se non ciò

nato quando é transportado para fora do clima determinado a eles pela natureza, ou quando o tronco pelo qual se propaga recebe enxertos estrangeiros ou não homogêneos. Assim, violando com modos estrangeiros a língua, o seu timbre se tornaria bastardo, não teria mais nem fisionomia nacional, nem originalidade na própria aparência, próprias de outros idiomas. Cada página de um escrito ganharia certo aspecto de ambiguidade, cada literato teria aparência de plagiador, o idioma, de pobreza, e a nação, de servidão; o uso dos modos estrangeiros faria pouco a pouco esquecer os nativos, e o esquecimento dos antigos modos se difundiria sobre os antigos e originais escritores da nação. E a língua, finalmente, perdendo a sua beldade, as suas graças e o seu vigor original e o testemunho dos primeiros pais da literatura nacional, colocaria os autores em um dilema, ou escrever

che tocca dappresso lo stato di società, di usi e di idioma in cui vivono. Queste foggie consistono più nello stile che nella lingua.

[68] Da questo capo quinto apparirà: 1° perchè molti scienziati, se studiassero la lingua, anzichè querelarla e scriverla barbaramente come fanno, l'arricchirebbero; 2° perchè molti scritti pieni di ottime idee e dettati con somma proprietà d'idioma, ma con imitazione delle foggie boccacesche e sì fatte, sieno obbliati nelle biblioteche.

Capo VI.

*La lingua è annessa allo stile,
e lo stile alle facoltà intellettuali
d'ogni individuo.*

1° Non si parla e non si scrive se non perchè si sente, s'immagina

barbaramente para serem lidos, ou escrever unicamente para não serem entendidos. Daí a última corrupção das línguas.

3° Cada língua tem as suas idades, como cada ente que vive, cresce e envelhece; e tem os aspectos da própria estação, assim como cada povo muda os modos de geração em geração. Cada autor, portanto, conservando o valor da palavra e a fisionomia da língua, deve adaptá-las aos modos do seu século. Porque os homens não amam e não procuram senão aquilo que sentem e compreendem; e não sentem nem compreendem melhor senão aquilo que está próximo ao estado de sociedade, dos usos e do idioma em que vivem. Esses modos consistem mais no estilo que na língua.

[68] Dessa quinta máxima aparecerá: 1° por que muitos cientistas, se estudassem a língua ao invés de queixarem-se dela e escrevê-la barbaramente como

<p>e si riflette; ma perchè tutti non sentono nè riflettono ad uno stesso modo, dacchè queste facoltà derivano dalla costituzione fisica, modificata diversamente dalle varie educazioni in ogni individuo, così tutti non possono avere lo stesso ordine e la stessa vita nel loro pensiero.</p> <p>2° Veder chiaramente con l'intelletto le idee che si vogliono esprimere, concatenarle conseguentemente col raziocinio; ecco l'ordine del pensiero. Sentire nel cuore le passioni eccitate da queste cose, e rappresentarsi le loro immagini; ecco la vita del pensiero.</p> <p>3° Ordinare ed animare i pensieri per mezzo del raziocinio e delle passioni, e colorirli per mezzo della lingua; ecco l'idea dello stile.</p> <p>4° Così appunto nella pittura si disegna, si dà vita e grazia alle</p>	<p>fazem, a enriqueceriam; 2° porque muitos escritos cheios de ótimas ideias e ditados com grande propriedade de idioma, mas com imitação dos modos <i>boccaccescos</i>⁵¹, e mesmo assim feitos, estão esquecidos nas bibliotecas.</p> <p style="text-align: center;">Máxima VI.</p> <p style="text-align: center;"><i>A língua é inerente ao estilo, e o estilo às faculdades intelectuais de cada indivíduo.</i></p> <p>1° Não se fala e não se escreve senão porque se sente, se imagina e se reflete; mas por que todos não sentem e nem refletem de um mesmo modo, decorre que estas faculdades derivam da constituição física, modificada diferentemente pelo tipo de educação de cada indivíduo, assim</p>
---	--

⁵¹ Referência a Boccaccio. N.T.

fisionomie, e si coloriscono.

Lo stile dunque non dipende dalla lingua, se non quanto la pittura dal colorito. Chi dunque sa meglio disegnare ed animare i pensieri, quantunque non sappia ottimamente colorirli, scriverà meglio di chi saprà colorirli senza saperli ben disegnare nè animare. Quindi Rafaele, benchè inferiore nel colorito a Tiziano, gli è superiore nel merito e nella lode di egregio pit-[69]tore, appunto perchè col disegno conseguì l'arcana armonia delle idee che lo scrittore consegue col raziocinio, perchè col sentimento conseguì l'espressione degli affetti che lo scrittore consegue sentendoli in sè stesso ed osservandoli negli altri. Ma i letterati per arte imitano l'altrui stile e formano regole per costringere che ciascun altro lo imiti, poichè mancando in essi l'intelletto ed il cuore capace di formarne uno proprio, credono lo stile frutto delle regole. Ma le

todos não podem ter a mesma ordem e a mesma vida em seus pensamentos.

2º Ver claramente com o intellecto as ideias que se quer expressar e concatená-las, consequentemente, com o raciocínio; eis a ordem do pensamento. Sentir no coração as paixões provocadas por essas coisas e representar as suas imagens; eis a vida do pensamento.

3º Ordenar e animar os pensamentos por meio do raciocínio e das paixões, e colorilos por meio da língua; eis a ideia do estilo.

4º Precisamente dessa forma na pintura se desenha, se dá vida e graça às fisionomias, e elas se colorem.

O estilo, portanto, não depende da língua, assim como a pintura não depende do colorido.

regole togliendo allo stile gli elementi originali della ragione e della passione, che l'arte non può prescrivere, restò la lingua sola predominante ed universale l'elemento dello stile. Quindi la poca originalità anche de' grandi ingegni, corrotti dall'educazione delle scuole rettoriche.

Da questo sesto ed ultimo capitolo apparirà: 1° la ragione per cui le scuole sieno inutilmente inondate di teorie sullo stile, poichè la sola natura può limitare la libertà intellettuale dell'uomo, e perchè i soli esempi possono dar norma ed eccitamento d'imitazione. 2° Apparirà perchè nel giudizio comune tutte le lodi ed i biasimi sopra lo stile di un libro cominciano grammaticalmente dalla lingua e finiscono pedantesamente nella lingua. 3° Apparirà in tutto il suo lume una sentenza poco osservata, ed anzi da niuno, ch'io sappia, sino ad ora dimostrata, di Plutarco, il

Quem, portanto, souber desenhar e animar melhor os pensamentos, ainda que não saiba muito bem colori-los, escreverá melhor que quem souber colori-los sem sabe-los nem desenhar nem animar bem. Logo, Rafael, ainda que inferior a Tiziano no colorido, é superior a ele no mérito e no louvor de ilustre pin-[69]tor, exatamente porque com o desenho obteve a arcana harmonia das ideias que o escritor consegue com o raciocínio, pois com o sentimento alcançou a expressão dos afetos que o escritor consegue sentindo-os em si mesmo e observando-os nos outros. Mas os literatos por arte imitam o estilo outrem e formam regras para obrigar qualquer outro a imitá-lo, pois que, faltando neles o intelecto e o coração capaz de formar o seu próprio, creem que o estilo seja fruto das regras. Mas as regras, tolhendo do estilo os elementos originais da razão e da paixão que

quale nel proemio alla vita di Nicia ci lasciò scritto: “La gara e l’emulazione d’imitare lo scrivere e lo stile degli altri a me sembrano cose proprie da persona che abbia un animo assai digiuno e sofisticato; che se poi questa imitazione e questa [70] gara riguardano quegli scritti che sono inimitabili, l’intento non può essere che di persona affatto stolido”.

*Chè stile oltre l’ingegno non
si stende.*

Petrarca

4° Ed ecco come il semplice ed innegabile assioma, che la letteratura è annessa alle facoltà intellettuali dell’uomo, ritorna per sè stesso anche nell’esterna apparenza del pensiero, nello stile, il quale è sostanzialmente aderente a queste facoltà di ciascun individuo. Il fonte del sapere umano sgorga dal sentimento profondo delle cose che

a arte não pode prescrever, fizeram restar somente a língua, predominante e universal, como elemento do estilo. Daí a pouca originalidade também dos grandes intelectos, corrompidos pela educação das escolas retóricas.

Dessa sexta e última máxima aparecerá: 1° a razão pela qual as escolas sejam inutilmente inundadas de teorias sobre o estilo, porque somente a natureza pode limitar a liberdade intelectual do homem, e porque somente os exemplos podem normatizar e estimular a imitação. 2° Aparecerá porque no juízo comum todos os elogios e as reprovações sobre o estilo de um livro começam gramaticalmente pela língua e terminam pedantemente na língua. 3° Aparecerá em todo o seu lume uma sentença pouco observada, aliás, por ninguém que eu saiba, até agora demonstrada, de Plutarco, o qual, no prefácio à

<p>circondano l'uomo, e l'uso migliore dipende dal discernimento del vero dal falso, e dal giudizio proporzionato agli effetti di ciascuna cosa. Ma gli organi del sentimento e dell'uso vivono più o meno perfetti nell'uomo stesso, e la forza del sentire e l'esattezza del giudicare e l'intensione nell'operare non sorgono tanto dal numero e dalla varietà delle idee e dei ragionamenti che i libri fanno sovr'esse, quanto dalla profondità con cui si stampano, dall'ordine con cui si dispongono, e dalla meta a cui senza mai traviare si</p>	<p>vida de Nícias, nos deixou escrito: “A disputa e a emulação em imitar o escrever e o estilo dos outros para mim parecem coisas típicas da pessoa que tenha um ânimo assaz jejuno e sofisticado; e se depois essa imitação e essa [70] disputa dizem respeito àqueles escritos que são inimitáveis, a intenção não pode vir senão de uma pessoa tola⁵²”.</p> <p style="text-align: center;"><i>O estilo além do engenho não se estende⁵³.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>Petrarca</i></p>
---	---

⁵² O trecho pertence à obra *Vidas Paralelas*, de Plutarco, escrita no fim do século I d.C. O texto de partida da tradução é o de Foscolo. Há, todavia, uma tradução de Miguel Milano, no volume quinto do livro *As vidas dos homens ilustres de Plutarco*, publicado pela Editora das Américas (1962), que consta: “Quanto a mim, parece-me que, em geral, toda esta contenda, e desmedida inveja de quem fala e escreve melhor que os outros, é coisa baixa, que cheira à disputa escolar, e quando ela se destina a combater o que, graças à sua excelência, não pode ser imitado, afigura-se-me rematada loucura”. N.T.

⁵³ O verso pertence ao soneto 339 do livro “*Rerum vulgarium fragmenta*” (título original em latim), mais conhecido por “*Canzoniere*”, cuja primeira edição impressa ocorreu em 1470, após a morte de Petrarca, ocorrida em 1374. No “*Canzoniere*”, edição de 1844 pela editora Girolamo Tasso, consta: “*Chè stilo oltra l'ingegno non si stende*” (p. 221). A tradução aqui utilizada é de José Clemente Pozenato e se encontra no livro *Cancioneiro* (p. 489), publicado pela editora Unicamp, em 2014. N.T.

dirigono.

Questi sono i principj sui quali io fonderò le mie lezioni; nè mi presumo che sieno da voi per ora ammessi come certi ed innegabili, e molto meno presumo che sieno compresi in tutta la loro estensione. Quanto alla loro certezza, voi la vedrete, spero, con minor fatica di quella che ho dovuto durare.

Le osservazioni su la natura dell'uomo, su me medesimo e sulle storie cominciarono a somministrarmeli, dacchè educato sempre liberamente, istruito dai fatti, e non mai guidato dalle teorie, io vivo tra le passioni, le opinioni e gli studi degli uomini; poi l'assidua meditazione, l'esperimento spregiudicato e il paragone dei tempi passati con i presenti hanno gradatamente verificate quelle osservazioni, avvalorati i loro effetti, perchè mi apparvero sempre certi, sempre continui, e li hanno final-

4º E eis como o simples e inegável axioma, que a literatura é inerente às faculdades intelectuais do homem, retorna para si mesmo também na externa aparência do pensamento, no estilo, o qual é substancialmente aderente a essas faculdades de qualquer individuo. A fonte do saber humano brota do sentimento profundo das coisas que circundam o homem, e o melhor uso depende do discernimento entre verdadeiro e falso, e do juízo proporcionado aos efeitos de qualquer coisa. Mas os órgãos do sentimento e do uso vivem mais ou menos perfeitos no próprio homem, e a força do sentir e a exatidão do julgar e a intenção em atuar não surgem tanto do número e da variedade das ideias e dos raciocínios que os livros fazem sobr'esses, quanto da profundidade com a qual se publicam, da ordem com que se

[71]mente ridotti in questi principj che mi sembrano universali. Ed appunto la loro universalità li rende di difficile comprensione, ove non sieno soggetti all'esame, e vengano esposti dalla cattedra in quel modo d'aforismi. Ma io l'ho fatto, primamente perchè v'accorgiate che in una disciplina qualunque bisogna pure risalire a' principj, e giunti che siesi, bisogna partire dalla verità che contengono; ma questa non mai si trova se non con pertinace lavoro di mente, lavoro al quale dovrete accingervi, se siete disposti a ritrarre alcun utile da ciò che potrò dirvi. In secondo luogo, non dipartendomi mai da essi, parvemi necessario di mostrarveli sommariamente nella prima lezione, acciocchè le conseguenze ch'io andrò traendo non sieno traintese da chi mi ascolta; poichè ogni principio avendo moltissime conseguenze, e ogni conseguenza molte e varie diramazioni di

dispõem, e da meta à qual, sem nunca desviar, se dirigem.

Esses são os princípios sobre os quais eu basearei as minhas aulas; não presumo que sejam agora recebidos por vocês como certos e irrefutáveis, e muito menos presumo que sejam compreendidos em toda a sua extensão. Quanto à certeza deles, vocês a verão, espero, com esforço menor que aquele que eu tive ao enfrentar as dificuldades.

As observações sobre a natureza do homem, sobre eu mesmo e sobre as histórias, começaram a tomar conta de mim, pois que educado sempre livremente, instruído pelos fatos e nunca guiado pelas teorias, eu vivo entre as paixões, as opiniões e os estudos dos homens; depois a assídua meditação, o experimento sem preconceito e a comparação dos tempos passados com os presentes verificaram gradativamente aquelas observações, validaram os seus

ragionamento e di applicazione, se la sostanza almeno de' principj non vi fosse nota, i ragionamenti e le applicazioni non terrebbero nel vostro intelletto la radice che hanno nel mio, e si cadrebbe o ad operare nelle lettere e giudicarne seguendo più le opinioni accidentali che i principj fondati sulla natura, o a valersi di mille regole parziali, e quindi di mille eccezioni, le quali sarebbero applicate, come pur si suole, spesso a torto e spesso pedantesamente.

Or mi rimane a dirvi qual metodo a me sembri più acconcio, onde da voi si risalga analiticamente a que' principj. Com'io li ricavai dall'osservazione, così pure voi dovete persuadervene per mezzo dell'osservazione. Si tratta di conoscere 1° chi sia atto alla grande ed utile letteratura; 2° in che modo la natura debba essere

efeitos, porque me apareciam sempre certos, sempre contínuos, e foram final-[71]mente reduzidos nesses princípios que me parecem universais. E justamente a sua universalidade os torna de difícil compreensão, onde não estejam sujeitos à análise, e sejam expostos pela cátedra naquele modo de aforismos. Mas o fiz, primeiramente para que vocês percebessem que em uma disciplina qualquer é preciso remontar aos princípios, e uma vez reunidos, é preciso iniciar da verdade que contêm, mas essa nunca se encontra senão com persistente esforço mental, esforço ao qual vocês deverão cingir, se estiverem dispostos a tirar alguma utilidade daquilo que poderei dizer a vocês. Em segundo lugar, não me afastando nunca deles, parece-me necessário mostrá-los a vocês sumariamente na primeira aula, para que as consequências que eu for trazendo não sejam mal entendidas por quem me escuta; visto que cada

aiutata con lo studio; 3° come la letteratura giovi agli istituti sociali; 4° come tenda alla verità; 5° come la lingua debba essere considerata nella letteratura; 6° come si deve desumere lo stile dalle nostre facoltà intellettuali.

Chi trattasse partitamente questi sei sommi capi, ad uno ad uno, potrebbe certamente far molte dissertazioni, non senza speranza di lode forse, ma certamente senza speranza di utilità. [72] Però che non si potrebbe in verun modo evitare di urtare o ne' precetti sentenziosi, o nelle astrazioni metafisiche: mentre co' precetti si verrebbe a considerare le parti, si sfuggirebbe il tutto; e quanto alle astrazioni, io non sono partigiano del bello, del vero e del giusto ideale; cercando il diritto, si perde il fatto; e peggio nelle arti belle, dove si opera per sentimento e per insito vigore di natura; onde non mai meglio può definirsi il poeta

princípio, tendo muitas consequências, e cada consequência muitas e várias ramificações de raciocínio e de aplicação, se ao menos a substância dos princípios não fosse notada por vocês, os raciocínios e aplicações não teriam no intelecto de vocês a raiz que tem no meu, e acabaria ou por atuar nas letras e julgá-las seguindo mais as opiniões acidentais do que os princípios fundamentados na natureza, ou por valer-se de mil regras parciais, e, portanto, de mil exceções, as quais, como bases, seriam aplicadas frequentemente sem razão e frequentemente de maneira pedante.

Agora me resta dizer a vocês qual método me parece mais apropriado, donde de vocês se remontam analiticamente aqueles princípios. Como eu os deduzi pela observação, assim também vocês devem se convencer por meio da observação. Trata-se de conhecer: 1°

ed il pittore, quanto da quel verso:

*Ingens est olli vigor et
caelestis origo.*

E poi dalle esecuzioni delle arti belle si rappresentano gli effetti ammirabili della natura, e con essi si svegliano i sentimenti a' quali la natura creò prontissimo il cuore dell'uomo; nella lor metafisica invece si cercano le cause; ed a forza d'investigare le cause, si smarriscono gli effetti da chi non le trova; e da chi le trova si scioglie quell'incanto soave che nasce dall'improvviso ed indistinto sentimento; e noi siam nati per sentire più che per pensare.

Sentiamo spontanei e con piacere; ma non pensiamo se non se sforzati e con fatica; e il raziocinio che non nasce dal sentimento continuo, ma che suole invece partorire il sentimento,

quem está apto à grande e útil literatura; 2º de que maneira a natureza deve ser ajudada com o estudo; 3º como a literatura é útil às instituições sociais; 4º como se inclina à verdade; 5º como a língua deve ser considerada na literatura; 6º como se deve extrair o estilo das nossas faculdades intelectuais.

Quem tratasse separadamente esses seis princípios, um a um, poderia certamente fazer muitas dissertações, talvez não sem esperança de louvor, mas certamente sem esperança de utilidade. [72] Porém, não se poderia de nenhum modo evitar esbarrar ou nos preceitos sentenciosos, ou nas abstrações metafísicas: enquanto com os preceitos se considerariam as partes, se fugiria o todo; e quanto às abstrações, eu não sou um partidário do belo, do verdadeiro e do justo ideal; buscando o direito, perde-se o fato; e pior nas belas artes, onde se

riesce freddo sempre e non persuaderà mai i liberi moti del cuore, quantunque giunga a convincere e a far superba la mente di quel tuo novo sapere. Volgete gli occhi alle scuole pittoriche della nostra Italia: certo che non mancano modelli; ma vennero da paesi stranieri, dove non si sapea dipingere, molti trattati sul bello, sul sublime, sulla grazia; pure alcuni Italiani che non sapeano dipingere, ma che voleano almeno aver nome di maestri e giudici di pittura, estesero così que' trattati, che i dottori divennero pittori, e i pittori dottori; ed ho udito i nostri pannelleggiatori dissertare *sul perchè*, ma nel fatto hanno perduto [73] il *come*, quel *come* di Rafaele e di Correggio e di mill'altri che giovanetti lo conseguivano quando non v'erano libri metafisici, ma studiavano la natura, ed

atua por sentimento e por ínsito vigor de natureza; daí nunca se poderia definir melhor o poeta e o pintor como naquele verso:

*Ingens est olli vigor et
caelestis origo*⁵⁴.

E, depois, pela execução das belas artes se representam os efeitos admiráveis da natureza, e com esses se acordam os sentimentos para os quais a natureza criou rapidamente o coração do homem; na metafísica deles, ao contrário, se procuram as causas; e com a força de investigar as causas, perdem-se os efeitos por quem não as encontra; e por quem as encontra, se dissolve aquele encanto suave que nasce do imprevisto e indistinto sentimento; e nós nascemos para sentir mais do que para pensar.

⁵⁴ O verso pertence ao livro sexto da “Eneida”, de Virgílio. N.T.

esprimeano i sentimenti e gli effetti, che quest'eterna maestra degli artefici e de' letterati alimenta variamente e perpetuamente nelle viscere umane. Ora noi, per seguire, come meglio per noi si potrà, l'ordine stabilito dalla natura, considereremo sempre riuniti que' sei capi, donde, a mio parere, parte e ritorna ogni principio ed ogni conseguenza della letteratura. — Dividerò la letteratura in poeti, storici, ed oratori; e questi tre generi, ciascheduno nelle sue specie. All'esame di ogni specie ridurrò tutti gl'individui. Così, per esempio, parlando del poema epico, che è una delle specie di poesia, io ridurrò l'esame de' maggiori poeti epici in una lezione; questo esame comprenderà: 1° la vita d'ogni autore e il suo carattere, desumendolo più da' suoi scritti che dalle tradizioni; e così apparirà il primo capo de' principj su le

Sentimos espontaneamente e com prazer; mas não pensamos senão obrigados e com esforço; e o raciocínio que não nasce do sentimento contínuo, mas que costuma, ao contrário, parir o sentimento, torna-se sempre frio e não convencerá nunca os livres movimentos do coração, embora chegue a convencer e a tornar soberba a mente daquele teu novo saber. Dirijam os olhos às escolas pictóricas da nossa Itália: evidente que não faltam modelos, mas vieram de países estrangeiros, onde não se sabia pintar, muitos tratados sobre o belo, sobre o sublime; sobre a graça; também alguns Italianos que não sabiam pintar, mas que queriam ao menos ter nome de mestres e juizes da pintura, estenderam assim aqueles tratados, então os doutores se tornaram pintores e os pintores, doutores; e ouvi os nossos pintores dissertarem *sobre o porquê*, mas nisso perderam [73] o *como*, aquele *como* de Rafael

doti naturali dei grandi poeti; 2° lo stato delle scienze, delle lettere e delle arti de' suoi tempi; e così apparirà il secondo capo su lo studio necessario a' letterati; 3° i costumi, la religione e gli istituti politici delle loro patrie; e così apparirà quanto que' poeti abbiano giovato a' loro concittadini; 4° la loro filosofia; e così apparirà come abbiano conferito alla verità; 5° la loro lingua; e così apparirà con quali tinte essi hanno potuto colorire i loro pensieri; 6° il loro stile; ed apparirà quanto hanno dovuto sempre seguire le loro facoltà intellettuali, perfezionandole con lo studio, ma non potendole cangiar mai.

Ogni altra lezione sovra tutte le specie di letteratura si ridurrà sempre a questo esame; e l'esame avrà per fondamento la storia. Ciascheduna di queste lezioni storiche avrà in seguito le sue dimostrazioni in una o due altre

e de Correggio e de mil outros que enquanto jovens conseguiam quando não haviam livros metafísicos, mas estudavam a natureza e expressavam os sentimentos e os afetos que essa eterna mestra dos artífices e dos literatos alimenta de forma variada e perpetuamente nas vísceras humanas. Agora nós, para seguirmos como melhor pudermos, a ordem estabelecida pela natureza, consideraremos sempre juntos aqueles seis princípios, donde, a meu ver, parte e retorna cada princípio e cada consequência da literatura. – Dividirei a literatura em poetas, historiadores e oradores; e esses três gêneros divididos cada um no seu tipo. À análise de cada tipo reduzirei todos os indivíduos. Assim, por exemplo, falando do poema épico, que é uma das espécies de poesia, eu limitarei a análise dos maiores poetas épicos em uma aula, essa análise compreenderá: 1° a vida de cada

lezioni, nelle quali ci studieremo di trarre con le opere degli scrittori già esaminati generalmente molte prove particolari; e di contrapporre nel tempo stesso l'impotenza, la presunzione e gli accorgimenti di coloro che hanno presunto d'imitarli senza essere a ciò creati dalla natura, nè istituiti dagli studi opportuni. – La storia [74] d'ogni specie comprenderà gli autori celebri di ogni tempo ed ogni nazione; se alcuno ne trasandassi, io imparerò ciò che non sapea da chi vorrà farmene avvertito. Così noi studieremo sempre sui fatti, e vedremo i principj della letteratura emergere analiticamente da ciascheduna lezione, e tutti ad un tempo. Così questi principj li applicheremo all'utilità della nostra patria e delle lettere italiane. Così, o giovani, avrete agio di esaminarli; e di ciò vi prego istantemente. Perchè se mi compiacerete di questa domanda, non potrete non procacciare

autor e o seu caráter, deduzido mais por seus escritos que pelas tradições; e assim aparecerá a primeira máxima dos princípios sobre os dotes naturais dos grandes poetas; 2º o estado das ciências, das letras e das artes nos seus tempos; e assim aparecerá a segunda máxima sobre o estudo necessário aos literatos; 3º os costumes, a religião e as instituições políticas das suas pátrias; e assim aparecerá o quanto aqueles poetas aproveitaram de seus concidadãos; 4º a sua filosofia; e assim aparecerá como conferiram a verdade; 5º a sua língua; e assim aparecerá com quais tintas eles puderam colorir seus pensamentos; 6º o seu estilo; e aparecerá quanto tiveram sempre que seguir suas faculdades intelectuais, aperfeiçoando-as com o estudo, mas não podendo mudá-las nunca.

Cada uma das outras aulas sobre todos os tipos de literatura se reduzirá sempre a esta análise; e a

vantaggio e a voi che bramate di apprendere, e a me che studiomi d'insegnare.

Poiché l'esame produrrà contro quelle massime alcune difficoltà nell'ingegno o de' più cauti o de' più pronti tra voi; le quali se mi verranno promosse, o io saprò scioglierle ragionevolmente, e ciò tornerà in vostro profitto ed in mio, giacché varrà a confermarci ne' nostri propositi; o le difficoltà saranno di tal vigore che la ragione non possa vincerle, ed allora mi accorgerò dell'inganno mio proprio, e tentando di ravvedermi, non potrò fare che l'errore non venga ad un tempo corretto nella mente degli altri.

Io lo confesso: ampia è l'arena ch'io mi sono prefisso a percorrere, e faticoso ogni passo; ma, quantunque io non possa dissimulare a me stesso e l'ineguaglianza delle mie forze e la mancanza del tempo necessario a

análise terá por fundamento a história. Cada uma dessas aulas históricas terá em seguida as suas demonstrações em uma ou duas aulas, nas quais procuraremos trazer, com as obras dos escritores já analisados de modo geral, muitas provas particulares; e contrapor ao mesmo tempo a impotência, a presunção e a providência daqueles que tiveram a presunção de imitá-los sem serem para isto criados pela natureza, nem instituídos pelos estudos oportunos. – A história [74] de cada tipo compreenderá os autores célebres de cada tempo e de cada nação; se algum for esquecido, eu aprenderei o que não sabia de quem quiser me advertir. Assim, nós estudaremos sempre sobre os fatos, e veremos os princípios da literatura emergirem analiticamente de cada aula, e todos ao mesmo tempo. Assim, aplicaremos esses princípios à utilidade da nossa pátria e das letras italianas. Assim, ó jovens, vocês terão a possibilidade

questo corso di studi, parvemi nondimeno che questo sia il solo mezzo e migliore; e che nelle lettere s'abbia, ad onta di ogni dubbio, a scegliere con la mente e praticare e i mezzi che sembrano più efficaci. Che se gli uomini o la fortuna frappongono poi ostacoli insormontabili, savio consiglio sarà l'arrestarsi, anzichè l'accomodarsi ad altri mezzi, che, se ben sieno più opportuni ai capricci della fortuna e ai pregiudizi de' tempi, sembrano ad ogni modo inefficaci all'oggetto, tuttochè profittevoli a' privati interessi di chi li adopera. Noi dunque, amando le lettere e la patria e ripo-[75]nendo tutta la nostra gloria e tutti gli emolumenti della vita in questo amore, seguiremo costantemente ciò che ci promette più onore agli studi, più utilità agli Italiani, adempiendo i doveri tutti delle discipline. Non rinnegando mai nè la verità nè la pratica de' nostri principj,

de analisá-los; e isso eu imploro a vocês insistentemente. Porque se vocês me contentarem com essa questão, não poderão não obter vantagem, vocês que anseiam em aprender, e eu que me esforço em ensinar.

Uma vez que a análise produzirá contra aquelas máximas algumas dificuldades para o intelecto ou dos mais cautelosos ou dos mais preparados dentre vocês, as quais, se forem fomentadas, ou eu saberei dissolvê-las racionalmente, e isto se voltará para o proveito de vocês e para o meu, já que valerá para confirmar os nossos propósitos, ou as dificuldades terão tamanho vigor que a razão não possa vencê-las, e então me darei conta do meu próprio engano, e tentando me corrigir, não poderei evitar que o erro não seja em algum momento corrigido na mente dos outros.

lasciemo il resto in cura alla fortuna, tranne la nobile compiacenza di avere soddisfatti tutti i doveri della disciplina alla quale ci ha creati la natura.

O giovani, fu sempre ed è agevole impresa l'usurparsi titolo di maestri con poco sudore, e l'ostentare al volgo de' letterati e de' grandi certo lusso d'inoperosa dottrina; vano nondimeno ad onta d'ogni ambizione ed impossibile riescirà che gli scritti non salutari nè gloriosi all'umana progenie sieno consecrati dalle postere generazioni sull'altare della immortalità. Chi adempie a tutti i doveri dell'arte sua, sì ch'egli sia riputato di ornamento e di vantaggio a' suoi concittadini, quei sale sì alto, che l'occhio dell'invidia non giunge a malignarlo; quei solamente può sacrificare con religione al proprio Genio nel santuario dell'arte senza l'infelice bisogno di profanarlo ne' convitti delle accademie, ove il

Eu confesso: ampla é a arena que eu me propus a percorrer, e cansativo cada passo, mas, embora eu não possa dissimular a mim mesmo e a desigualdade das minhas forças e a falta de tempo necessário para esse curso de estudos, parece-me, todavia, que esse seja o único e melhor meio; e que nas letras se tenha, não obstante cada dúvida, de escolher com a mente e praticar os meios que parecem mais eficazes. Que se os homens ou a sorte interpõem depois obstáculos intransponíveis, sábio conselho será interromper em vez de acomodar-se a outros meios que, mesmo que sejam mais oportunos aos caprichos da sorte e aos preconceitos do tempo, parecem de qualquer forma ineficazes para o objeto, embora aproveitáveis aos interesses privados de quem os utiliza. Nós, portanto, amando as letras e a pátria e recolo-[75]cando toda a nossa glória e todas as gratificações da vida nesse amor, seguiremos

timore e la vanità profondono scambievoli panegirici, nè di prostituirla agli atri della possanza e della ricchezza, le quali spesso coronano d'oro gli scienziati e gli artefici, ma del lauro immortale non mai.

constantemente aquilo que nos promete mais honra aos estudos, mais utilidade aos Italianos, cumprindo com todos os deveres das disciplinas. Não renegando nunca nem a verdade nem a prática dos nossos princípios, deixaremos o resto aos cuidados da sorte, exceto o nobre contentamento de ter satisfeito todos os deveres da disciplina para a qual a natureza nos criou.

Ó jovens, sempre foi e é fácil tarefa usurpar-se o título de mestres com pouco suor e ostentar à classe dos literatos e dos grandes certo luxo de inerte doutrina; inútil, todavia, a vergonha de cada ambição e impossível será que os escritos não saltares nem gloriosos para a humana progênie sejam consagrados pelas posteriores gerações sobre o altar da imortalidade. Quem cumpre com todos os deveres da sua arte, de modo que seja considerado

	<p>ornamento e vantagem pelos seus concidadãos; sobe tão alto, que o olho da inveja não chega a amaldiçoá-lo; ele somente pode sacrificar com religião o próprio Gênio no santuário da arte sem a infeliz necessidade de profaná-lo nos convites das academias, onde o temor e a vaidade aprofundam trocas de panegíricos, nem de prostituí-la aos altares do poder e da riqueza, as quais frequentemente coroam de ouro os cientistas e artífices, mas dos louros imortais jamais.</p>
--	---

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO TRADUTÓRIO DO ENSAIO *DE' PRINCIPIJ DELLA LETTERATURA*

Apresentarei, neste capítulo, primeiramente, uma análise do ensaio *De' principj della letteratura* [Dos princípios da literatura]. Dada a complexidade dos assuntos tratados por Foscolo e algumas particularidades de sua escrita, serão feitas inferências sobre as influências do autor e aprofundamentos teóricos que partiram da leitura dos outros ensaios *pavesi* como também da crítica especializada, partindo das análises de Pallaveri (1892), Santini (1933), Vicentini (1992), Verdenelli (2007), Campana (2009), Palumbo (2010), entre outros importantes estudiosos de Foscolo. Entendo, sobretudo, que uma tradução é apenas uma entre tantas leituras possíveis e, sendo assim, expor o meu caminho interpretativo é expor, também, o meu processo tradutório.

Como foi estabelecido, a tradução, que, como dito, pressupõe uma leitura interpretativa do texto, voltou-se ao ensaio *De' principj della letteratura*, a primeira aula das *Lezioni su la letteratura e la lingua* [Aulas sobre a literatura e a língua], porque somente essa contém características da escrita de Foscolo, já que foi copiada de um manuscrito original e corrigida pelo próprio autor, o que não ocorreu na segunda aula, “La lingua italiana: considerata storicamente e letterariamente” [A língua italiana: considerada historicamente e literariamente], como afirma Emilio Santini no prefácio ao livro de Foscolo (FOSCOLO, 1933, p. XXII-XXIII).

Em um segundo momento, serão feitas considerações acerca do projeto tradutório e do embasamento teórico que alicerçaram e

justificaram as escolhas tradutórias. Para tanto, parti de autores dos Estudos da Tradução como Berman (2002; 2012) e Meschonnic (2010), que rompem com o tradicional dualismo da linguagem entre forma e conteúdo e se voltam ao discurso.

Por fim, o capítulo analisará questões sobre estrutura, sintaxe e léxico, que surgiram no decorrer do processo tradutório, e as correspondentes escolhas e soluções.

3.1 *De' principj della letteratura: uma análise do ensaio*

A função da literatura é o tema predominante nas *Lezioni pavesi*. Uma vez introduzido na aula inaugural, o tema será tratado por Foscolo com maior minúcia e exemplificações nas seguintes *Lezioni su la letteratura e la lingua*, nas quais o autor visa, através de uma metodologia própria, conduzir uma apresentação do que considera ser os verdadeiros valores literários, sempre relacionando-os à utilidade da pátria, direcionamento presente em todas as *Lezioni pavesi*, como afirma Verdenelli (2007, p. 265): “mesmo encarando específicas questões literárias, fazem-se intérpretes de uma mais ampla exigência moral e civil da literatura, em uma visão cultural que empenhasse sempre mais a literatura na direção da história e da sociedade⁵⁵”.

Em *De' principj della letteratura* [Dos princípios da literatura], Foscolo trata de seis princípios que ele considera essenciais e que deveriam ser seguidos pelos literatos que desejam atingir a “grande e

⁵⁵ “pur affrontando precise questioni letterarie, si facevano interpreti di una più ampia esigenza morale e civile della letteratura, in una visione culturale che impegnasse sempre più la letteratura in direzione della storia e della società” (tradução minha).

bela e útil literatura⁵⁶” (FOSCOLO, 1933, p. 60). Friso aqui a utilidade da literatura e a importância em difundir os princípios aos os literatos ou intelectuais da época, pois para Foscolo, segundo Marzia Vicentini (1992, p. 100): “A consideração da língua ‘do ponto de vista literário’ [...] é inerente à mesma concepção histórica de Foscolo [...] que reconhece na ação dos homens de letras, dos intelectuais, diríamos hoje, a condição necessária da organização social⁵⁷”. Portanto, para conseguir difundir os princípios e se aproximar de seu objetivo civil, Foscolo elabora uma prosa permeada por uma eloquência prática, ou seja, faz uso de uma forma de expressividade voltada à persuasão para transmitir os conteúdos que deseja. Já nas primeiras sentenças do ensaio é possível notar o caráter persuasivo (ou eloquente) do ensaio:

Na viagem da vida (quaisquer que sejam os estudos e os casos aos quais a natureza e a sorte nos tenham destinado) considero menos perigosa a decisão de agarrar-nos a uma estrada depois de tê-la examinado prudentemente por quanto puder o olho e a providência do homem. Não que esta seja uma ótima decisão e segura; mas é a única, de qualquer modo, que nos preserva das perplexidades, as quais aumentam as aflições e os temores da nossa mente, e atrasam a empreitada da nossa idade fugidia⁵⁸ (FOSCOLO, 1933, p.59)

⁵⁶ “grande e bella e utile letteratura” (tradução minha).

⁵⁷ “La considerazione della lingua ‘dal punto di vista letterario’ [...] è inerente alla stessa concezione storica del Foscolo che [...] individua nell’azione degli uomini di lettere, degli intellettuali diremmo oggi, la condizione necessaria dell’organizzazione sociale” (tradução minha).

⁵⁸ “Nel viaggio della vita (qualunque siensi gli studi ed i casi a cui la natura e la fortuna ci abbiano destinati) stimo meno pericoloso partito d’appigliarci ad una strada, dopo di averla esaminata prudentemente, per quanto può l’occhio e la previdenza dell’uomo. Non che questo sia un ottimo partito e sicuro; ma è l’unico ad ogni modo che ci preservi della perplessità, le quali accrescono gli

No trecho acima, Foscolo faz uso da persuasão ao afirmar que o único meio de seus alunos e leitores evitarem as aflições e temores da mente é seguir um único caminho de aprendizado, como o caminho que ele próprio mostrará, constante nos grifos do seguinte trecho:

Além do que, há certo sentimento de dignidade e de íntima complacência em **mirar constantemente a meta estabelecida**, sem deixar-se desanimar pelos acontecimentos e pelos homens que, aliás, costumam respeitar os generosos, os quais sabem e querem respeitar a si próprios. Porém, mesmo no decorrer dos nossos estudos, **não me afastarei nem um passo dos meus princípios: esforcei-me em manifestá-los a vocês** na *Oração* já pronunciada; e **se são deduzidos da análise da verdade, e se podem voltar-se à prosperidade das letras e à utilidade da pátria, aparecerá das suas aplicações que eu de aula em aula mostrarei diante de vocês**⁵⁹ [grifo meu] (FOSCOLO, 1933, p. 59-60).

O caráter persuasivo de sua prosa continua, no decorrer do texto, ao dispor argumentos que seguem uma linha lógica de raciocínio, com observações e descrições da realidade que apreendeu, seguidos por exemplos literários e históricos (presentes principalmente na segunda

affani e i timori della nostra mente, e ritardano l'impresa della nostra età fuggitiva” (tradução minha).

⁵⁹ “Oltre di che v'è certo sentimento di dignità e d'intima compiacenza nel mirare costantemente alla meta prefissa, senza lasciarsi disanimare dagli eventi e dagli uomini, che d'altronde sogliono rispettare quei generosi i quali sanno e vogliono rispettare se stessi. Però anche nel corso de' nostri studi non m'allontanerò nè di un passo da' miei principj: mi sono studiato di manifestarveli nell'*Orazione* già pronunziata; e se sieno desunti dall'esame del vero, e se possono volgersi alla prosperità delle lettere ed alla utilità della patria, apparirà dalle loro applicazioni ch'io di lezione in lezione verrò facendo dinanzi a voi” (tradução minha).

aula sobre a língua, dedicada, justamente, a exemplificar os princípios), todos conduzidos de maneira a comprovar os seis princípios sobre a literatura. Por ter presente elementos de persuasão, os escritos de Foscolo podem ser relacionados à retórica. No *Dizionario di termini della critica italiana*, Berardi explica o que é a retórica:

na antiguidade clássica, [retórica] foi a arte do bem falar em público e do belo escrever; e RETÓRICOS (v.) foram ditos aqueles que ensinavam aos jovens a arte da eloquência. As regras retóricas foram fixadas pela primeira vez na Grécia pelos sofistas (com os quais a retórica logo tornou-se uma técnica não só do falar, mas do escrever)⁶⁰ (1994, p. 182).

Aristóteles, na *Arte retórica e arte poética*, sustenta que a retórica é “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão” (ARISTÓTELES, [19--], p.33). Aristóteles ainda acrescenta que a retórica convence porque faz uso dos entimemas para provar o que se propõe, como vem expresso a seguir:

Sendo manifesto que o método hábil estriba em provas; que a prova é uma demonstração – pois que a nossa confiança é tanto mais firme quanto mais convencidos estivermos de ter obtido uma demonstração –; atendendo a que a demonstração da Retórica é o entimema; que este fornece, em resumo, a convicção mais decisiva (ARISTÓTELES, [19--], p.30).

⁶⁰ “nell’antichità classica, fu l’arte del ben parlare in pubblico, e del bello scrivere; e RÈTORI (v.) furono detti coloro che insegnavano ai giovani l’arte dell’eloquenza. Le regole retoriche furono fissate per la prima volta in Grecia dai sofisti (con i quali la *r.* diventò subito una tecnica non solo del parlare, ma dello scrivere)” (tradução minha).

Descrever, expor, argumentar e demonstrar são palavras que acompanham a retórica e que estão presentes no ensaio *De' principj della letteratura*, todavia é válido enfatizar que o teor comprobatório de Foscolo baseia-se em duas características: em entimemas e silogismos, como em “No animal não existe aparência de vida sem movimento; no animal [humano], não existe movimento físico sem movimento moral; cessado o movimento, cessa a vida⁶¹” (FOSCOLO, 1933, p.61) – ou seja, são expostas proposições que se conectam através de um raciocínio lógico e juntas formam premissas para que se chegue a uma conclusão, não necessariamente verdadeira –; e também, e principalmente, no verificável e no perceptível, pois, como dito anteriormente no capítulo 1, as comprovações de Foscolo buscam se ater, por exemplo, a situações já ocorridas, com exemplos práticos na história e na literatura. Segundo os próprios princípios de Foscolo, por exemplo, para se analisar um autor relevante para a literatura italiana seria necessário observar a vida do autor, o estado das ciências na época em que viveu, os costumes, a religião e as instituições políticas do período, a filosofia contida em seus escritos, sua língua e o estilo literário que utiliza (FOSCOLO, 1933, p. 73)

Assim, ainda que na retórica haja uma recorrência de escritos que buscam a persuasão somente através de artifícios técnicos, como os próprios silogismos, ela também pode se valer de exemplos calcados no real, como no último caso citado, em que o método de análise literária de Foscolo parte da contextualização da vida e da obra do autor, e, dessa

⁶¹ “Nell’animale non v’è apparenza di vita senza moto; nell’animale [umano] non v’è moto fisico senza moto morale; cessato il moto cessa la vita” (tradução minha)

maneira, fundamenta sua crítica no *verificável* através da história (sabemos, nos dias atuais, que a história é uma construção narrativa, no entanto, não devemos esquecer que, até a Revolução Francesa, a percepção do tempo histórico e do mundo real se dava pela convicção de que o mundo sempre fora igual e, então, a partir dessa compreensão de realidade, alicerçava-se teorias e previsões políticas na história antiga e na experiência (POZZI; MATTIODA, 2010, p. 170), além disso, a recorrência de Foscolo à história era relevante para a construção de uma identidade nacional), ou mesmo através da literatura, concedendo credibilidade ao texto e aproximando-o da ciência. Foscolo, assim, apesar de, por vezes, fazer uso de uma retórica argumentativa, a utiliza principalmente como modo de comprovar na prática suas teorias, passando da pura argumentação para a demonstração. E, nesse sentido, avizinha sua escrita àquela científica.

É importante, para dar segmento às análises do ensaio de Foscolo, esclarecer a importância da história para a época e a sua relação com a ciência, e, para tanto, cito novamente Pozzi e Mattioda (2010, p.115 e 116) que afirmam que, desde o início do século XVI, as análises políticas e históricas requeriam novos conceitos e uma nova linguagem técnica. Com Maquiavel, foi, pela primeira vez, exposta com clareza a nova concepção de tempo histórico que se impôs até a Revolução Francesa, concepção esta que diz que a história antiga pode ensinar aos homens como se comportarem no presente, já que nem a natureza nem o homem mudam, e pode também ajudar nas previsões sobre o futuro, colaborando com o agir político. A partir disso, surgiu a teoria da *prudência*, que é a “ciência do agir prático e político e se constitui de três elementos: o conhecimento do passado, a compreensão

do presente e a previsão do futuro. Exatamente este último traço, fundamentado sobre os outros dois, permite superar a técnica mística e medieval da profecia e tentar a fundação de uma ciência da política a partir da avaliação dos efeitos que certas decisões podem trazer”⁶² (POZZI; MATTIODA, 2010, p. 115 e 116). Retomo ainda que, depois de Bacon, Galileu, Descartes (nomes lembrados por Pallaveri (1892, p.38)), uma nova forma de ver e analisar o mundo se estabeleceu, e a técnica, ou método, que antes cabia às ciências exatas, passa ser fundamental também para as temáticas das humanas.

Podemos averiguar mais facilmente a proximidade de Foscolo, neste ensaio, com a ciência se, novamente, nos voltarmos às primeiras sentenças do ensaio, mas agora através das palavras de Pallaveri (1892, p. 262), que agrega explicações ao mesmo excerto:

[...] que a verdadeira sabedoria consiste em servir-se daquelas poucas verdades que são certíssimas aos sentidos: porque ou são deduzidas de uma longa série de fatos ou são assim erosivas que não há necessidade de demonstrações científicas: a humana razão trabalha sobre as meras abstrações: dá o sinal de partida e sem dar-se conta, em princípio do nada; e depois de uma longuíssima viagem, volta com olhos abertos e aterrissados no nada: e para o nosso intelecto a substância da natureza e o nada foram, são e serão sinônimos. Senão que o grande vale da vida é

⁶² “la scienza dell’agire pratico e politico e si compone de tre elementi: la conoscenza del passato, la comprensione del presente e la previsione del futuro. Proprio quest’ultimo tratto, fondato sugli altri due, permette do superare la tecnica mistica e medievale della profecia e di tentare la fondazione di una scienza della politica sulla valutazione degli effetti che certe decisioni possono avere” (tradução minha).

intrincado por muitos caminhos tortuosíssimos; e quem não se contenta em caminhar sempre por um mesmo, vive e morre perplexo, sem nunca chegar a um lugar, onde cada um desses caminhos conduz o homem a viver em paz consigo e com os outros⁶³.

Segundo os estudos de Pallaveri, para Foscolo a “verdadeira sabedoria” consiste em ater-se às poucas verdades, as quais podem ser averiguadas por meio da observação dos fatos, ou seja, podem ser deduzidas, comprovadas e demonstradas. A convergência dos textos de Foscolo e Pallaveri pode ser observada através da focalização no que dizem a respeito do *caminho* para a sabedoria. Sobre isso, Foscolo afirma que, para seguir o caminho seguro do aprendizado, é preciso analisá-lo por meio do “olho e a previdência do homem” (1933, p. 59); Pallaveri, sobre esse mesmo excerto, escreve que para Foscolo as verdades são “deduzidas de uma longa série de fatos” (1892, p. 262). Assim, é possível depreender que, de acordo com o ensaio, o conhecimento advém da observação daquilo que é tangível, perceptível através dos sentidos, do que é manifesto, ou seja, os fatos, e não contar

⁶³ “[...] che la vera sapienza consiste nel giovarsi di quelle poche verità che sono certissime a sensi: perchè o sono dedotte da una serie lunga di fatti, o sono si erodenti che non hanno bisogno di dimostrazioni scientifiche: l'umana ragione si travaglia su le mere astrazioni : piglia le mosse e senza avvedersi, a principio dal nulla; e dopo lunghissimo viaggio, torna a occhi aperti e atterriti nel nulla: e al nostro intelletto la sostanza della natura ed il nulla furano, sono e saranno sinonimi. Se non che la gran valle della vita è intricata da molte viuzze tortuosissime; e chi non si contenta di camminare sempre per una sola, vive e muore perplesso, né arriva mai al luogo, dove ognuno di quei sentieri conduce l'uomo a vivere in pace seco e con gli altri”(tradução minha).

somente com a razão humana, pois essa última trabalha sobre abstrações.

Embora possamos averiguar uma tendência de Foscolo à ciência no ensaio que em questão, sua linguagem está longe de ser apenas um instrumento para apresentar constatações, o que comumente ocorre no meio científico, mas segue uma direção diferente: sua escrita se associa à arte. A esse respeito, Marzia Vicentini afirma sobre Foscolo: “Na temática das relações entre *arte e ciência*, por exemplo, faz derivar a necessidade inextinguível das artes, aliás, a superioridade delas, da prevalência das paixões na constituição da natureza humana”⁶⁴ (1992, p.91).

A eloquência de Foscolo, portanto, não se limita a uma retórica vazia, mas é o artifício que ilumina seu pensar, seu modo persuasivo de expor um importante conteúdo, como na seguinte afirmação :

Se, portanto, a eloquência é faculdade de persuadir, como poderá desviar-se das humanas paixões, e como a razão e a verdade estarão separadas da eloquência? Porém, essa distinção entre iluminar e deleitar foram, em princípio, pretexto de cientistas que não sabiam tornar amável a palavra, e de literatos que não sabiam pensar⁶⁵ (FOSCOLO, 1933, p.21).

⁶⁴ “Nel tema dei rapporti tra arte e scienza, per esempio, fa derivare la necessità inestinguibile delle arti, anzi la loro superiorità, dalla prevalenza delle passioni nella costituzione della natura umana.

⁶⁵ Se dunque l’eloquenza è facoltà di persuadere, come mai potrà dipartirsi dalle umane passioni, e come la ragione e la verità staranno disgiunte dall’eloquenza? Però questa distinzione d’illuminare e di dilettere fu a principio pretesto di

Nesse sentido, Foscolo supera as normas retóricas antigas, pois, segundo Marzia Vicentini (1992, p.13):

[...] se já com a sua atividade de poeta novo tinha experimentado diariamente o problema de inadequação da linguagem poética, cristalizada em módulos retóricos fixos, e se com a sua experiência de tradutor, não só dos grandes clássicos gregos e latinos, mas de autores como Sterne, linguisticamente e culturalmente alheios à tradição italiana, tinha adquirido uma nova consciência dos limites e da peculiaridade da própria língua⁶⁶.

O distanciamento das formas retórica vazias, voltadas unicamente à forma, e a aproximação à retórica histórica e prática, não foi vivenciado apenas por Foscolo, mas foi uma, dentre tantas, características que marcaram a transição para o movimento literário romântico. Berardi (1994, p. 182) explica a transição:

scienziati che non sapeano rendere amabile la parola, e di letterati che non sapeano pensare” (tradução minha).

⁶⁶ “[...] se già con la sua attività di poeta nuovo aveva sperimentato giornalmente il problema dell’inadeguatezza del linguaggio poetico, cristallizzato in moduli retorici fissi, e se con la sua esperienza di traduttore, non solo dei grandi classici greci e latini, ma di autori, come Sterne, linguisticamente e culturalmente estranei alla tradizione italiana, aveva acquistato una nuova coscienza dei limiti e della peculiarità della propria lingua” (tradução minha).

O romantismo, considerando a obra de poesia, e ainda, geralmente, a expressão literária, como fruto de espontaneidade e não da aplicação de regras fixadas pela *retórica*, provocou o declínio e o descrédito. Uma nova condenação foi pronunciada, no nosso século, por B. Croce, em nome da sua doutrina estética da identidade absoluta entre intuição e expressão. A *retórica* sobreviveu e sobrevive, todavia, nas escolas não mais com a pretensão de dar as normas do belo escrever, mas com uma dupla função, *histórica e prática* (essa última eminentemente descritiva e classificatória) [...] ⁶⁷.

Podemos notar outra característica romântica no trecho inicial do ensaio que é o objeto de estudo desta dissertação, dessa vez envolvendo o termo *idade fugidia*. Foscolo na *Orazione inaugurale* reflete: “O gênero humano turva com temores a volúpia das horas que fogem, ou a despreza pelas esperanças que enganam; queixa-se da vida, e teme perdê-la, e anela perpetuá-la morrendo: oscilação perene de esperanças e temores ⁶⁸”. Para Foscolo, os temores e as esperanças

⁶⁷ “Il romanticismo, considerando l’opera di poesia, e più in generale l’espressione letteraria, come frutto di spontaneità e non dell’applicazione di regole fissate dalla *r.*, ne provocò il declino e il discredito. Una nuova condanna fu pronunciata, nel nostro secolo, da B. Croce, in nome della sua dottrina estetica dell’identità assoluta tra intuizione ed espressione. La *r.* sopravvisse e sopravvive tuttavia nelle scuole, non più con la pretesa di dar norme di bello scrivere, ma con una duplice funzione, *storica e pratica* (quest’ultima eminentemente descrittiva e classificatoria) [...]” (tradução minha).

⁶⁸ “L’umano genere turba coi timori la voluttà dell’ora che fugge, o la disprezza per le speranze che ingannano; si duole della vita, e teme di perderla, e anela di perpetuarla morendo: ondeggiamento perene di speranze e di timori” (tradução minha).

impedem que o ser humano viva a vida plenamente e com contentamento, e, enquanto não a vive, o tempo passa. A recorrência da reflexão sobre a fugacidade do tempo está presente em outras obras de Foscolo, como pode-se averiguar nos seguintes versos da poesia *Alla sera*: “Vagar com seu pensar faz meu sentido/ rumar ao nada eterno; e cai fugaz/ este réu tempo, e junto o mal cabido/ pensamento comigo se desfaz⁶⁹” (1860, p.58). Sobre esse soneto, Giuseppe Cittana ainda afirma: “Encontro, no fundo desta bela lírica, assim mesmo perfeita, aquela mesma ‘intimidade doce e melancólica’, da qual falava De Sanctis, justamente a propósito dos sonetos foscolianos⁷⁰” (1920, p.33). Desse modo, na fugacidade é possível encontrar a intimidade melancólica de Foscolo, elemento característico do movimento romântico.

Para Berardi, o romantismo literário, em contraste com os clássicos, almeja “o verdadeiro como tema, o útil como fim, o interessante como meio⁷¹” (1994, p. 183). Em relação à doutrina do “verdadeiro como tema”, Berardi (1994, p. 183) ainda afirma que essa contém duas tendências: uma objetiva, genuinamente realista, seja na escolha dos temas ou no modo de observar e descrever a realidade, seja

⁶⁹ “Vagar mi fai co' miei pensier su l'orme/ che vanno al nulla eterno; e intanto fugge/ questo reo tempo, e van con lui le torme/Delle cure onde meco egli si strugge”. A tradução da poesia, de minha autoria, pode ser encontrada na íntegra na revista científica *Belas Infiéis*, do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/17533>>.

⁷⁰ “Trovo, in fondo a questa breve lirica, pur così perfetta, quella stessa ‘intimità dolce e melanconica’, di cui parlava il De Sanctis, appunto a proposito dei sonetti foscoliani” (tradução minha).

⁷¹ “il vero per soggetto, l’utile per fine, l’interessante per mezzo” (tradução minha).

no vocabulário adotado, não mais áulico, mas médio-burguês; e a outra advém do profundamente sentido, que se exprime com imediatez e sinceridade, que é fortemente subjetiva. A tendência realista pode ser observada em Foscolo através de sua abordagem científica, que se revela por meio da observação e descrição da realidade percebida ou, como fora antes visto, exemplificada nos trechos “agarrar-nos a uma estrada depois de tê-la examinado prudentemente por quanto puder o olho e a previdência do homem” ou “e se são deduzidos da análise da verdade” (FOSCOLO, 1933, p.59). Já a tendência sentimentalista pode ser notada na fugacidade, expressa no excerto “Não que esta seja uma ótima decisão e segura; mas é a única, de qualquer modo, que nos preserva das **perplexidades**, as quais aumentam as **aflições** e os **temores** da nossa mente, e **atrasam a empreitada da nossa idade fugidia**” [grifo meu] (FOSCOLO, 1933, p. 59). O ensaio de Foscolo em questão não é caracterizado principalmente pela literariedade, mas por ser um texto teórico sobre a literatura, entretanto, é possível observarmos que, ao tratar sobre os valores literários, Foscolo busca reproduzi-los, dando o exemplo do que considera ser a boa literatura. Por isso, mesmo que Berardi, ao abordar as características do romantismo, se volte à literatura especificamente, podemos observar também no ensaio teórico de Foscolo tais particularidades românticas.

Retomando o trecho inicial do ensaio, ressalto que os princípios são apresentados reduzidos em seis máximas, ou axiomas, e depois acompanhados por explicações. Apresentados dessa maneira, configuram-se como normas inquestionáveis a serem seguidas por

aqueles que desejam atingir “o fruto mais salutar e a verdadeira glória da literatura”⁷² (FOSCOLO, 1933, p. 60).

O modo como Foscolo apresenta suas ideias é, novamente, um instrumento para construir a eloquência que almeja, pois, segundo Aristóteles, o uso de máximas na argumentação é comum na retórica, tanto para fazer premissas quanto conclusões, e pode ser vantajosa para o discurso (ARISTÓTELES, [19--], p. 148). Com as palavras de Aristóteles ([19--], p. 148):

Com efeito, a máxima é, como já disse, uma maneira de se exprimir em termos de universalidade; ora, as pessoas sentem prazer, quando ouvem enunciar em geral o que elas previamente tinham concebido e de maneira inteiramente individual. [...] O segundo motivo é mais importante, pois confere aos discursos um caráter moral, caráter este que existe sempre que se manifestam as preferências do orador.

A seguir apresentarei as máximas e farei um breve comentário a respeito das explicações de Foscolo para cada uma delas.

As máximas expostas são: “A literatura é inerente às faculdades naturais”; “As faculdades naturais são inerentes ao estudo”; “As faculdades naturais e o estudo na literatura são inerentes às necessidades da sociedade”; “As necessidades da sociedade na literatura são inerentes à verdade”; “A literatura é inerente à língua”; e “A língua é inerente ao estilo e o estilo às potencias intelectuais de cada indivíduo”.

⁷² “il frutto più salutare e la vera gloria della letteratura” (tradução minha).

No primeiro princípio, “A literatura é inerente às faculdades naturais”, Foscolo afirma que o homem que não for dotado das faculdades naturais em nível elevado não conseguirá ser dignamente um literato. As faculdades às quais se refere são a memória, o desejo e a fantasia. A faculdade da memória tem por objetivo reter e reproduzir as sensações que são impressas na mente; a faculdade do desejo deve advertir sobre os bens e os males iminentes da vida, prevenindo-os ou satisfazendo-os; e a faculdade da fantasia, instigada pela esperança e pelo temor, preenche as pessoas com expectativas, alimentando os afetos e as paixões.

As faculdades da memória, do desejo e da fantasia, por sua vez, derivam da compreensão de tempo passado, presente e futuro, que só é percebido por meio dos inquestionáveis e eternos sentimentos de prazer e de dor. Todavia, para que as faculdades permaneçam equilibradas, devem ser submetidas à razão, ou seja, à capacidade de comparar, experimentar e calcular. As três faculdades naturais e a razão encontram-se, assim, em relação de interdependência, então, quanto mais forte e vigorosa for uma delas, a outra também o será.

A partir disso Foscolo constata que, se a literatura tem por base a palavra, e a palavra é a única forma do ser humano exercitar seus prazeres e dores, então a literatura também se relaciona com o exercício de prazer e dor que, por sua vez, está conectado à percepção do tempo, da qual derivam as três faculdades naturais. Consequentemente, quanto mais o homem exercitar as faculdades e as submeter à razão, melhor será a literatura produzida.

Desse primeiro princípio é possível distinguir dois diferentes, mas complementares, vieses nos quais o autor fundamenta seu princípio: o

sensível e o racional. Relacionado a isso, Pallaveri (1892, p. 43) afirma que “Foscolo, indagando a origem e o natural desenvolvimento das humanas faculdades, se além sobretudo às doutrinas de Locke, capazes de reformar completamente as ciências filosóficas e as sociais juntas.⁷³”.

E mais adiante continua:

Olhando-o com aguda pupila dentro da alma, bem viu como qualquer ideia surge de uma precedente sensação, assim, o sentir somente é causa e condição necessária do entender 2. Surte, de tal maneira, as ideias em nós, são elaboradas pela reflexão, desdobrando-se em mil deferentes formas por meio das imagens (sensitivas-intelectivas), dos signos e da linguagem 3. E, por isso, nas sensações reside, antes de tudo e sempre, a vida, as ideias não são, dizendo a verdade, senão uma qualidade do espírito, do mesmo modo que o movimento o é das forças corpóreas 4. E da variada, incessante flutuação das sensações e das ideias, confusas juntas, produz-se o estado prazeroso ou doloroso, no qual reside o movimento alternado da humana existência 5. Ora, da concatenação das ideias, conforme o modo de sentir e de entender de qualquer pessoa, nasce a verdade ou a falsidade dos juízos, dos raciocínios, das opiniões, que precedem e acompanham as ações humanas (1892, p. 46)⁷⁴.

⁷³ “Foscolo, indagando l' origine e il naturale svolgimento delle umane facoltà [...] s'attenne sovra tutto alle dottrine di Locke, atte a riformare da cima a fondo le scienze filosofiche e le sociali insieme” (tradução minha).

⁷⁴ “Guardando egli con acuta pupilla dentro l'anima, ben vide come qualsivoglia idea spunti da una precedente sensazione, così che il sentire soltanto è causa e condizione necessaria dell'intendere 2. Sòrte per tal guisa le idee in noi, vengono elaborate dalla riflessione, dispiegandosi in mille disparate forme per

Segundo Pallaveri, portanto, Foscolo aproxima sua teorização sensista sobre a natureza humana àquela do filósofo John Locke, para o qual a vida consiste em um movimento que se alterna entre o sentir e o pensar, e donde o sentir é imprescindível para o entender. Enfatizo que, se as abordagens de Foscolo e Locke admitem o sentir enquanto condição para o entendimento, então, ainda que os dois lados, o *sensista* e o racional, estejam presentes e sejam fundamentais para os autores, certamente no caso de Foscolo, bem como no de Locke, a sensação ganha maior valoração, como na seguinte frase em que Foscolo diz: “O exercício das faculdades mentais tem por impulso primeiro, único e perpétuo o sentimento do prazer e da dor⁷⁵” (1933, p.60) – ou no trecho: “[...] e o prazer e a dor são os mínimos termos de todo raciocínio⁷⁶” (1933, p.20).

A ênfase no sentir também pode ser observada em um excerto da sua última aula, *Sull'origine e i limiti della giustizia* [Sobre a origem e os limites da justiça], no qual o direcionamento ao sensível parece advir da herança poética, que neste caso se articula junto ao melancólico e confere à esta forma de escrita, novamente, características românticas:

mezzo delle immagini (sensitive-intellettive), dei segni e del linguaggio 3 . E da che nelle sensazioni risiede anzitutto e sempre la vita, le idee non sono a dir vero se non una qualità dello spirito, nel modo stesso che il moto lo è delle forze corporee 4 . E dalla varia, incessante fluttuazione delle sensazioni e delle idee, confuse insieme, s'ingenera lo stato piacevole o doloroso, in cui risiede il moto alterno dell'umana esistenza 5 . Ora, dalla concatenazione delle idee, conforme al modo di sentire e d'intendere di ciascuna persona, nasce la verità o falsità dei giudizi, de' ragionamenti, delle opinioni, che precedono ed accompagnano le azioni umane” (tradução minha).

⁷⁵ “L'esercizio delle facoltà mentali ha per impulso primo, unico e perpetuo il sentimento del piacere e del dolore” (tradução minha).

⁷⁶ “[...] e il piacere e il dolore sono i minimi termini d'ogni ragionamento” (tradução minha).

Eu não sei nem por que vim ao mundo; nem como; nem o que é o mundo; nem o que eu mesmo sou. E se eu corro para investigar, retorno confuso por uma ignorância sempre mais assustadora. Não sei o que é o meu corpo, os meus sentidos, a alma minha; e esta mesma parte de mim que pensa aquilo que eu escrevo, e que medita sobre tudo e sobre si mesma, não pode se conhecer jamais. Em vão eu tento medir com a mente estes imensos espaços do universo que me circundam. Encontro-me como que atado a um pequeno ângulo de um espaço incompreensível, sem saber porque sou colocado aqui e não alhures; ou por que este breve tempo da minha existência esteja destinado a este momento da eternidade em vez de todos aqueles que precederam, e que seguirão. Eu não vejo nada mais que infinidade por todos os lados, os quais me absorvem como um átomo. Tudo aquilo que eu sei, é que vivo com um sentimento perpétuo de prazer e de dor⁷⁷ (1933, p.182-183).

O desolamento diante das incertezas da vida, o que é seu corpo, os sentidos, a alma, e por que o autor se encontra em determinado lugar e determinado tempo, culminam na percepção do infinito e no conseqüente sentimento de ser um átomo no universo. Esse caminho de raciocínio me remete a Descartes, que antes da emblemática conclusão “Cogito, ergo sum”, duvida de todo o seu entorno e de todas as certezas

⁷⁷ “Io non so né perché venni al mondo; né come; né cosa sia il mondo; né cosa io stesso mi sia. E s’io corro ad investigarlo, mi ritorno confuso d’una ignoranza sempre più spaventosa. Non so cosa sia il mio corpo, i miei sensi, l’anima mia; e questa stessa parte di me che pensa ciò ch’io scrivo, e che medita sopra di tutto e sopra se stessa, non può conoscersi mai. Invano io tento di misurare con la mente questi immensi spazj dell’universo che mi circondano. Mi trovo come attaccato a un piccolo angolo di uno spazio incomprendibile, senza sapere perché sono collocato piuttosto qui che altrove; o perché questo breve tempo della mia esistenza sia assegnato piuttosto a questo momento dell’eternità che a tutti quelli che precedevano, e che seguiranno. Io non vedo da tutte le parti altro che infinità le quali mi assorbono come un atomo. Tutto quel che io so, è che vivo con un sentimento perpetuo di piacere e di dolore” (tradução minha).

humanas. Foscolo, por sua vez, depois de se colocar em posição de completa incerteza sobre tudo, tem outra única certeza, de viver com um perpétuo sentimento de prazer e de dor. Além da linha de raciocínio filosófica e da sensível temática – uso aqui a palavra *sensível* porque o tema parece nascer de sentimentos humanos profundos e comuns a todos, de difícil apreensão e abordado com recorrência na história, como no caso de Lucrécio, Descartes, Foscolo, Leopardi, dentre outros, e porque se relaciona à tendência sentimentalista, tratada anteriormente – esse pensamento traz consigo a carga daquilo que faz com que o autor se aproxime do movimento romântico, como se diante de tudo o que desconhece pudesse proferir que *sente, logo existe*.

Paralelamente à abordagem sensista e melancólica, o sentimento de insignificância diante da imensidão da natureza correlaciona os escritos de Foscolo ao materialismo do filósofo Lucrécio, que viveu no século I a.C, como constata Karina Batti (2015, p. 35)

Lucrécio, descrevendo o processo natural do ciclo da vida, da eternidade da matéria versus finitude da vida, gerando o repetitivo processo da transformação/destruição que leva à reprodução e renascimento de todas as coisas, confirma, explicitamente, a representação do materialismo em Foscolo, na irrefreável transformação das coisas e da lei universal da natureza que destrói para mais uma vez reproduzir ad aeternum.

Tão evidente quanto o direcionamento ao sensível, como se nota, é possível resgatar do primeiro princípio sobre a literatura a inclinação materialista. Podemos notar isso a partir da afirmação de

Foscolo a respeito das três faculdades: a memória, o desejo e a fantasia, que “são equilibradas nas suas ações e dirigidas pela faculdade de comparar, de experimentar e de calcular⁷⁸” (1933, p.60). O excerto se correlaciona à reflexão inicial do ensaio, na qual é destacada a importância dos fatos, ou seja, a importância da averiguação do que é verdadeiro por meio do sensível e perceptível. Essa orientação remete à feição científica no texto.

Nos princípios seguintes notaremos que esses dois vieses permearão a prosa de Foscolo e sustentarão suas concepções literárias.

A segunda máxima do ensaio, “As faculdades naturais são inerentes ao estudo”, retoma o que foi dito sobre as faculdades naturais, mas, agora, as explicações são moderadamente expandidas. Foscolo elucida que todo ser humano, para ter aparência de vida, deve ter movimento, e o movimento físico não existe sem o movimento moral. O movimento moral se encontra na oscilação entre o prazer e a dor, sentimentos que existem somente porque são provocados pelas sensações que temos sobre as coisas. Com essa ideia Foscolo se aproxima do *sensismo*, que veremos adiante.

Foscolo afirma que há uma força que concede movimento perene ao universo e que esse estado de movimentação é a própria natureza das coisas, como na seguinte citação: “E a vida não passa de um perpétuo movimento; e donde cessa, cessa a vida. E o universo todo é movimento, movimento o qual é governado pela força; e essas duas

⁷⁸ “sono equilibrate nelle loro azioni e dirette dalla facoltà di paragonare, di sperimentare e di calcolare” (tradução minha).

são as molas que fazem funcionar a universal máquina das coisas”⁷⁹ (FOSCOLO, 1862, p.393). O tema da natureza pode facilmente ser relacionado às ideias que acompanharam a revolução científica iluminista, como no caso de Rousseau e Locke, por exemplo, mas tampouco foge aos filósofos clássicos, as duas marcantes influências do autor. Cito mais uma vez Lucrécio, o qual foi lembrado por Foscolo em vários textos, que também ilustra a natureza do universo como uma força que concede movimentação perene a tudo:

Porém se na alma, para tudo que obra,
 Não há íntima força necessária
 Que, fazendo passiva, a si a prenda;
 Dos átomos, de certo, n'ella existe
 Ligeira inclinação, que se effectua
 Em tempos e em espaços sempre incertos.
 Nunca foram mais densos, nem mais raros
 Que hoje são da matéria os elementos:
 Nem crescer, nem diminuir lhes é possível
 Assim, o movimento em que hoje os vemos
 Tal o tiveram nas idades mortas
 Tal, por iguais razões, o mesmo sempre
 Hão de tê-los nas pósteras idades
 [...]
 E força alguma de átomos estranhos
 Penetrar-o, invadir-o nunca pode,
 Nem a índole mudar da natureza,
 Nem os seus movimentos transtornar lhes.
 Não admira que os átomos estando
 Em movimento perenal, pareça
 Todo o universo em quietação profunda;
 Excepto os corpos a que tem marcado
 A natureza movimentos próprios.
 Estando os elementos da matéria
 Fora do alcance dos sentidos nossos,
 Segue-se que onde não poderes vê-los,

⁷⁹ “E la vita non è che un perpetuo moto; e dove cessi, cessa la vita. E l' universo tutto è moto, il qual moto è governato dalla forza; e queste due sono le suste che fanno operare la universale macchina delle cose” (tradução minha).

Seus movimentos te serão ocultos; (LUCRECIO, 1851, p.93-94)

A melancolia se faz novamente presente nas considerações de Foscolo sobre a natureza, porque o homem, diante da força que leva tudo ao movimento, que leva inclusive o próprio ser humano à oscilação entre temores e esperanças, não pode alcançar a tranquilidade, exceto na morte, “porque sente que o movimento está na vida e a tranquilidade na morte; e encontra única ajuda na palavra⁸⁰” (FOSCOLO, 1933, p. 7)

Foscolo segue seus comentários sobre a segunda máxima do ensaio constatando que as sensações que temos das coisas, que por conseguinte, levam o homem ao sentimento de prazer ou de dor, ficam impressas na *memória*. O histórico das sensações impressas na memória desperta o *desejo* de obter prazer e evitar a dor. Juntos, as sensações que habitam a memória e o desejo de reanimá-las provocam a *fantasia* (a combinação de memória e desejo culminam na fantasia). Faço aqui outra consideração sobre o papel particular atribuído aos sentidos no processo de conhecimento, ou ao sensismo. Esse modo de apreensão da realidade advém dos ideais iluministas, os quais concebiam o universo a partir de um ponto de vista antropocêntrico. Ferroni, sobre essa corrente, afirma (2003, p. 42):

[...] designa qualquer orientação filosófica que atribua um papel essencial aos sentidos nos processos de conhecimento, [...] entende-se por sensismo a filosofia que se desenvolve e se impõe dentro do Iluminismo setecentista a partir da reflexão do grande filósofo John Locke (1632-1704). Essa filosofia destaca o papel central que exerce a percepção sensível na elaboração das

⁸⁰ “perchè sente che il moto sta nella vita e la tranquillità nella morte; e trova unico aiuto nella parola” (tradução minha).

ideias, na individualização e na consciência da realidade externa, no desenvolvimento da moral e da psicologia⁸¹.

Conclui-se, portanto, a partir da percepção sensista advinda do texto de Foscolo, que aquele que cultiva fortes sensações tem maior vigor de ideias.

Foscolo segue explicando o segundo princípio dizendo que as ideias são expressas por meio das palavras (potência mental) e, por vezes, se propagam e difundem esse mesmo exercício de expressão no coração e na inteligência dos homens que estiverem aptos a sentir as paixões e a ouvir os pensamentos. Por esse motivo, para Foscolo, é necessário estudar os grandes exemplos, porque os clássicos conseguiram através das palavras difundir ideias. Assim, o literato que estiver apto pode aprender o exercício e propagar também suas próprias ideias e a verdadeira moral.

O extenso estudo dos grandes exemplos e a influência clássica revelam o caminho que o próprio Foscolo seguiu para chegar aos seus princípios sobre a literatura. Podemos conhecer parcialmente quais são as grandes obras, ou grandes exemplos, para Foscolo por meio de alguns ensaios sobre a literatura, ou mesmo no jovial *Piano di studi* (1796). Contudo, o *estudo* ao qual Foscolo se refere no princípio não é apenas o estudo dos grandes modelos, pois afirma que é imprescindível que o

⁸¹ “[...] designa qualsiasi orientamento filosofico che attribuisca un ruolo essenziale ai sensi nei processi di conoscenza, [...] si intende per sensismo la filosofia che si sviluppa e si impone all’interno dell’Illuminismo settecentesco a partire dalla riflessione del grande filosofo inglese John Locke (1632-1704). Questa filosofia sottolinea il ruolo centrale che svolge la percezione sensibile nell’elaborazione delle idee, nell’individuazione e nella conoscenza della realtà esterna, nello sviluppo della morale e della psicologia” (tradução minha).

literato se preencha de ideias próprias, e, para tanto, é preciso, igualmente, que tenha sensações próprias. Foscolo ressalta:

3º que ao estudo dos grandes modelos, para se ter uma norma, convém unir o estudo do mundo e do coração humano e a natureza vivente para obter um original; 4º que os homens solitários e claustrais, ligados a qualquer seita acadêmica ou religiosa, que prescreva as faculdades do homem nas incumbências dos pensamentos, e especialmente os literatos de escrivania, sem experiência de mundo, não podem se tornar literatos úteis jamais⁸².(1933, p. 62)

Se o que guia as ideias – e, portanto as ações, as faculdades naturais e movimento moral – são as sensações, o literato que não experimentar o mundo, a natureza e o coração humano, não conseguirá ter novas ideias e construir um texto original: outra ideia que, pela valorização do *eu*, se enquadra no movimento romântico. Segundo Pozzi e Mattioda (2010, p. 171), no romantismo, o homem procura as raízes do conhecimento em si mesmo, realizando suas aspirações e comportando-se como sujeito único por causa das paixões.

No terceiro princípio, expresso sob a máxima “As faculdades naturais e o estudo na literatura são inerentes à necessidade da sociedade”, Foscolo reafirma que os homens exercitam as faculdades naturais por meio das palavras e que sentem a necessidade de propagar o

⁸² “che allo studio de’ grandi modelli per avere una norma, conviene congiungere lo studio del mondo e del cuore umano e la natura vivente per avere un’originale: 4º che gli uomini romiti, claustrali, legati a qualunque setta accademica o religiosa, che prescriba le facoltà dell’uomo nelle imprese degli ingegni, e specialmente i letterati da tavolino, senza sperienza di mondo non possono riescire utili letterati mai” (tradução minha).

exercício da comunicação em outros. Para Foscolo, a palavra e a comunicação são próprios da natureza do homem e possibilitam a qualificação de animal social. Contíguo a isso, a comunicação das ideias que ocorre na sociedade – que é ao mesmo tempo o que forma a sociedade – também é inseparável da natureza humana.

Segundo a maneira como é abordada no ensaio, a sociedade constitui-se de muitos que servem e poucos que governam. Dado o fato, para que haja a prosperidade na nação (sociedade) e harmonia entre os interesses dos indivíduos, Foscolo afirma que é preciso que haja leis e opiniões: as leis não devem contrastar com o interesse dos indivíduos e as opiniões não devem lutar contra as leis. No entanto, é da natureza do homem e, portanto, da natureza de qualquer sociedade, o estado de guerra, assim, diante da inevitabilidade de atritos, a sociedade não consegue impor suas leis e opiniões senão através da força do Estado, para resguardá-las e ajudar a equilibrá-las. Pallaveri, explicando a natureza do homem e da sociedade nos textos de Foscolo, diz:

[...] a natureza não quer senão movimento e fogo e atrito nos homens, paixões, enfim: quanto mais se chocam, combatem, se confundem, mais cresce a agitação e a fecundidade e a riqueza social. E é mesmo verdade que a natureza estabeleceu um movimento perene de coisas em coisas, criando como agentes de um tal movimento as paixões. Por isso um Estado será servil ou livre a exemplo das paixões que agitam de diferentes maneiras a alma daqueles que o acompanham⁸³. (1892, p. 52)

⁸³ “[...] la natura non vuole se non moto e fuoco e attrito negli uomini, passioni, insomma: quanto più si urtano, si combaciano, si confondono, tanto più cresce l’agitazione e la fecondità e la ricchezza sociale. Ed è por vero che la natura ha stabilito un moto perenne di cosa in cosa, creando si come agenti di un tale

Desse trecho sobressai que as paixões impulsionam o movimento na alma dos cidadãos, e ambos, paixões e movimento, pertencem à natureza. Provém, justamente desse movimento das paixões, a propagação das ideias e, portanto, a criação e propagação da literatura, da sociedade e das guerras. As paixões, desse modo, fazem crescer a agitação, a fecundidade e a riqueza social, e determinam se o Estado será servil ou livre.

Na concepção de Foscolo, portanto, a literatura, a sociedade e a guerra são inevitáveis, porque são próprias da natureza humana. A conclusão, nas palavras de Foscolo, é que “o estado de natureza, de guerra e de sociedade são uma coisa só e idêntica⁸⁴ (1933,p.63). Ainda na última aula, *Sull’origine e i limiti della giustizia*, essa ideia é reforçada: “Procurei, finalmente, o homem em estado de natureza; mas os filósofos o haviam visto fora da natureza, pois que o estado do homem é como nas abelhas, nas formigas, nos ratos do norte, essencialmente guerreiros e sociais⁸⁵” (1933, p. 173).

Verifica-se também com isso que Foscolo tem ressalvas a algumas teorias filosóficas que abordam a natureza humana. No decorrer do princípio, ainda ao abordar o estado de natureza do homem, Foscolo volta sua crítica diretamente a Rousseau que, em seus textos, separa o homem da sociedade, tratando o primeiro como portador de

moto le passioni. Per ciò uno Stato sarà servo o libero a norma delle passioni che agitano per diverso modo l’anima di coloro che lo compongono” (tradução minha).

⁸⁴ “lo stato di natura, di guerra e di società sono una cosa sola ed identica” (tradução minha).

⁸⁵ “Cercai finalmente l’uomo in stato di natura; ma i filosofi l’avevano veduto fuori della natura, poiché lo stato dell’uomo è come nelle api, nelle formiche, nei topi del settentrione, essenzialmente guerriero e sociale” (tradução minha).

uma natureza completamente boa (o bom selvagem) e o segundo como agente de corrupção do primeiro. O preceito social no qual o filósofo cunha seus pensamentos contrasta categoricamente com o que Foscolo entende por *natureza do homem*, como consta no princípio:

[...] que as distinções entre estado de natureza e de sociedade são fantasmas platônicos para serem deixados a Rousseau e aos seus partidários; visto que Rousseau, separando a natureza do homem da sociedade, planta por princípio das suas declamações que as letras, sendo fruto da sociedade, corrompem a natureza do homem⁸⁶ (FOSCOLO, 1933, p. 63)

Pallaveri (1892, p.84) rebate a crítica a Rousseau dizendo que se Foscolo enxergava a Revolução Francesa como um importante movimento, deveria ter levado em conta que os princípios nos quais ela se baseou se valiam de ilustres filósofos como Rousseau. De acordo com Pallaveri, os filósofos da Revolução lutavam em nome dos direitos sagrados dos homens, ou seja, em nome das leis naturais, assim sendo, Foscolo, ao se desfazer da teoria rousseauiana, se desfaz também do que corroborou para a origem e o desenvolvimento da Revolução. A crítica de Pallaveri, no meu parecer, é um pouco extrema, pois Foscolo, ao relativizar as palavras de Rousseau sobre a natureza do homem e a sociedade, não se desfaz dos valores erguidos pela Revolução, aliás, Foscolo, por vezes, se aproxima de alguns desses valores, como a liberdade, para citar um exemplo. Não podemos esquecer, ainda, que as

⁸⁶ “[...] che le distinzioni di stato di natura e di società sono fantasmi platonici da lasciarsi a Rousseau ed a’ suoi partigiani; poichè Rousseau, dividendo la natura dell’uomo dalla società, pianta per principio delle sue declamazioni che le lettere, essendo frutto delle società, corrompono la natura dell’uomo” (tradução minha).

aulas foscolianas, têm um objetivo civil – como foi dito, as letras devem focar na utilidade à pátria – por isso, Foscolo, ao tratar sobre a natureza do homem, trata-o enquanto um ser social que deve ser educado à civilidade, diferindo essencialmente de Rousseau e de princípios de educação que separam o homem do cidadão, como nos seguintes excertos do *Emilio: ou da educação* (1999, p 10): “Forçado a combater a natureza ou as instituições sociais, é preciso optar entre fazer o homem ou um cidadão, pois não se pode fazer os dois ao mesmo tempo” e mais adiante (1999, p. 16): “O homem civil nasce, vive e morre na escravidão; enquanto conservar a figura humana, está acorrentado por nossas instituições”. Para Rousseau, portanto, o homem civil, estando escravo das instituições sociais, teve a natureza humana corrompida.

Por fim, retomo do princípio “As faculdades naturais e o estudo na literatura são inerentes às necessidade da sociedade” que, se para Foscolo a comunicação faz parte da natureza do homem, então também a literatura é parte dessa natureza, já que, segundo o autor, a literatura almeja a comunicação (FOSCOLO, 1933, p.15). Para Foscolo, a literatura de cada nação se constrói sobre as bases da poesia, da história e da faculdade oratória, e, independente de sua nação de origem, a literatura sempre tem por finalidade a eloquência. O que muda a depender da nação é a aparência da literatura, a qual está relacionada às características ligadas ao clima, costumes, religião, leis e riqueza. A literatura deve, portanto ser grata às paixões e convincente às opiniões, porque por meio da persuasão convence-se os homens a manter o equilíbrio entre os que comandam e as opiniões de quem obedece (FOSCOLO, 1933, p. 62 e 63). Eis, novamente, a exposição de Foscolo sobre o que ele acredita ser a utilidade da literatura.

Relacionando tal utilidade com a indispensabilidade de conhecer o mundo, o coração humano e seguir os grandes modelos, tratado no terceiro princípio, temos o excerto:

[...] que nenhum literato será útil e glorioso se não conhece as instituições sociais, se não vê muitos países e costumes, se não compara e ilumina os méritos, os erros e os defeitos dos próprios concidadãos, se não lê no coração da filosofia moral e política, se finalmente não se dedica à independência e à honra de sua pátria⁸⁷.(FOSCOLO, 1933, p. 64)

Dando segmento aos princípios, a quarta máxima do ensaio é: “As necessidades da sociedade na literatura são inerentes à verdade”. Foscolo, aqui, relata que os homens devem se posicionar ao lado da fria verdade que a ciência transmite e da severa *razão de estado*, e se afastar dos fantasmas das opiniões e da cega tendência à tirania e à servidão. Enquanto que a verdade é eterna no tempo e pode ser encontrada nas paixões, as opiniões, em contrapartida, desaparecem com o tempo. Isto posto, o bom literato deve levar às opiniões dos homens de seu tempo e de sua nação as verdades eternas que estão na mente e no coração do homem.

Para Verdenelli (2007, p.271) a insistência no tema da *verdade* atesta a defesa de um valor meta-histórico que transcende as naturais

⁸⁷ “[...] che niun letterato sarà utile e glorioso se non conosce le istituzioni sociali, se non vede molti paesi e costumi, se non paragona ed illumina i meriti, gli errori e i difetti dei propri concittadini, se non legge nel cuore della filosofia morale e politica, se finalmente non attende all’indipendenza e all’onore della sua patria” (tradução minha).

imperfeições da própria história. O papel de coautoria da história era, desse modo, imprescindível para que Foscolo conseguisse angariar literatos que, assim como ele, difundissem a paixão e utilidade à pátria, buscando a unificação de uma identidade cultural e política na Itália.

Para levar a verdade aos cidadãos, Foscolo afirma que a literatura deve direcionar a persuasão aos muitos que sentem e aos poucos que raciocinam (FOSCOLO, 1933, p. 65), ou seja, apaixonando o povo e convencendo quem o governa. Se o literato for bem sucedido, o povo refletirá sua paixão nos poucos governantes e os governantes, por sua vez, refletirão os efeitos da razão no povo. Foscolo aconselha os literatos a se direcionarem a todos os cidadãos da sociedade para que suas obras não caiam no esquecimento ou sejam desprezadas. Porém, essa não é uma tarefa fácil, dada a eterna disparidade entre os homens e os vários desejos, intenções, julgamentos e opiniões, portanto, somente os “dotados de egrégias faculdades, ocupam-se de satisfazer os sentimentos do ânimo, os afetos e as paixões do coração, valendo-se da razão no embelezar de cores e de harmonias as obras mais aparentes da natureza⁸⁸” (PALLAVERI, 1892, p. 48).

No quinto princípio, “A literatura é inerente à língua”, Foscolo menciona como a palavra deve ser usada de forma prática na literatura. Antes, porém, expõe o ciclo de apreensão dos vocábulos: as palavras ditas são captadas pelos ouvidos por meio dos *sons*, a seguir conseguem ser absorvidas pelo raciocínio através do seu *significado primitivo* e pela fantasia através das *ideias acessórias*. Para seguirmos, analisemos

⁸⁸ “dotati d’egregie facoltà, attendono a soddisfare i sentimenti dell’animo, gli affetti e le passioni del cuore, giovandosi della ragione nell’abbellire di colori e d’armonie le opere più appariscenti della natura” (tradução minha).

primeiramente o que Foscolo entende pelos termos destacados. O *som* mecânico do vocábulo se forma ou porque tem analogia com o objeto que representa e tem, portanto valor absoluto, ou produz harmonia pela combinação de sons de outros vocábulos e, então, tem valor relativo. Os significados que os vocábulos adquirem podem ser *primitivos*, o que quer dizer que são deduzidos dos primeiros escritores da língua; ou podem ser originais (*ideias acessórias*), ou seja, são significados conferidos pelos escritores de mesma língua, de século em século, até os dias atuais – os novos significados que os vocábulos ganham no transcorrer do tempo são conferidos principalmente pelos poetas maiores, porque se valem de significados metafóricos. Constatando que os novos significados são colhidos dos textos dos grandes poetas, Foscolo atribui uma importância significativa para a poesia.

É também visível no princípio sobre a língua a postura nacionalista, pois Foscolo afirma que os literatos devem iluminar a língua dos grandes escritores a fim de ressaltar a origem e a aparência gloriosa da mesma, ou seja, os literatos devem admirar e perpetuar a língua nacional, honrando as belezas e a história da nação e, dessa maneira, sendo úteis à pátria (FOSCOLO, 1933, p. 65 e 66). Vicentini (1992, p. --), também confirma a relação da língua com o nacional:

A língua, na perspectiva foscoliana, não é mais vista como “estado” para ser conservado ou como objeto passível de ser facilmente manipulado: um sentido novo do peso das forças históricas em ato na constituição da língua faz com que Foscolo a advirta como um organismo complexo, cujas leis de crescimento e de estagnação, de enriquecimento ou de corrupção, derivem

inteiramente do desenvolvimento necessariamente complicado da vida nacional⁸⁹.

Para Foscolo, com o conjunto de palavras, cada língua reproduz um timbre, um movimento e uma harmonia próprios, isso ocorre porque a língua falada por cada nação é trabalhada e embelezada pelos grandes escritores e reduzida à “estável e ordenada razão gramatical⁹⁰” (FOSCOLO, 1933, p. 66). Foscolo enxerga a gramática como a responsável pela manutenção da universidade das vozes, pela conservação do modo de frasear, absorvendo as poucas mutações sofridas pela língua e transformando-as em próprias e naturais. Contudo, o autor também afirma que a gramática não garante que a língua, com o passar do tempo, perdue como é, pois, ao receber enxertos de modos estrangeiros – que consistem mais no estilo que na própria língua (ou nas palavras) – altera seu timbre original e perde a aparência própria, a fisionomia nacional (FOSCOLO, 1933, p. 67). Em outras palavras, se os modos estrangeiros são absorvidos pela população, o modo nativo da língua é esquecido. Para Foscolo, portanto, os estrangeirismos levam a língua original ao esquecimento e, perdendo a língua, perde-se também todo o testemunho daqueles que criaram a literatura nacional. O idioma fica, portanto, empobrecido e a nação se coloca em situação de servidão, servidão a uma língua que não é sua. Destacando que o conhecimento da história é fundamental para se formar a identidade nacional, Foscolo,

⁸⁹ “La lingua, nella prospettiva foscoliana, non è più vista come “stato” da essere conservato o come oggetto passibile di essere facilmente manipolato: un senso nuovo del peso delle forze storiche in atto nella costituzione della lingua, fa sì che il Foscolo l’avverta come un organismo complesso, le cui leggi di crescita o di ristagno, di arricchimento o di corruzione derivano interamente dallo svolgimento necessariamente complicato della vita nazionale” (tradução minha).

⁹⁰ “stabile ed ordinata ragione grammaticale” (tradução minha).

por fim, afirma que o afastamento da língua que conta a história interfere também na formação da imagem de nação (FOSCOLO, 1933, p. 67). Então, o literato que cultiva o afastamento dos modos nativos da língua fazendo uso de modos estrangeiros está se distanciando do principal papel da literatura que é servir a pátria. Foscolo, adverte os literatos logo nas primeiras sentenças do quinto princípio: “1º Cada nação tem uma língua. Cada literato deve falar para a sua nação com a língua pátria”⁹¹ (1933, p. 65).

A postura de Foscolo contra os estrangeirismos se insere em um momento histórico, já mencionado no capítulo 1, em que os intelectuais, discorrendo sobre o *ser nação*, assumiam ou uma postura purista ou a favor da renovação da língua italiana. Visto que na época o francês era a língua internacional, decorrente da expansão territorial e cultural, muitos escritores passaram a utilizar a língua francesa em seus textos e na vida cotidiana, porém, Foscolo colocando-se incisivamente contra a invasão de Napoleão à Itália e buscando ressaltar as glórias da sua pátria a fim de colaborar para a formação e orgulho da identidade nacional, posiciona-se igualmente contra o afrancesamento da língua italiana.

No ensaio *La lingua italiana: considerata storicamente e letterariamente*, com o objetivo de ressaltar a suposta superioridade da língua italiana em relação ao francês e ao inglês, Foscolo cita exemplos que expõem a beleza e a complexidade da língua italiana. Para o autor, a bem sucedida e elaborada forma linguística da língua italiana construída através da história não se repetiu na França e na Inglaterra. Essa hipótese busca ser comprovada com o seguinte exemplo: se no italiano a

⁹¹ “1º Ogni nazione ha una lingua. Ogni letterato deve parlare alla sua nazione con la lingua patria” (tradução minha).

pessoa à qual o verbo se refere está subentendida na própria conjugação, o mesmo não ocorre no francês, pois, pelo fato dos franceses escreverem e pronunciarem igualmente os verbos, não se pode saber a quem o verbo se refere, a não ser quando acompanhado pelo pronome. No caso do inglês ocorre o mesmo, porém com um agravante: além do verbo não conter a referência à pessoa, tampouco contém a referência aos tempos passado, presente e futuro (FOSCOLO, 1933, p.82).

Certamente, no atual mundo globalizado, a postura de Foscolo pode ser entendida como um preconceito linguístico, porém, neste espaço do trabalho de dissertação, não pretendo problematizar o tema, posto que almejo somente expor as ideias de Foscolo em relação à literatura.

Por fim, assinalo que, para Foscolo, a língua, assim como tudo o que vive, cresce, se movimenta e envelhece, mudando a cada geração. Foscolo, perante essa constatação, se posiciona contra o envelhecimento da língua italiana, pois afirma que os autores devem preservar o valor da palavra e a fisionomia da língua para adaptá-la aos modos de seu tempo, porque os homens só procuram o que sentem e compreendem e fazem isso de maneira melhor se feito no seu idioma e se estiverem próximos ao nativo estado de sociedade e de costumes. Novamente, percebe-se que o autor demonstrou estar atento à situação linguística da Itália e, interessado na questão da formação de uma identidade / nação italiana, buscou defender a necessidade de fortalecer a língua que considerava ideal para ser falada pelos italianos.

No último princípio sobre a literatura, *A língua é inerente ao estilo, e o estilo às faculdades intelectuais de cada indivíduo*, como mencionado no título, Foscolo trata sobre o estilo, mais precisamente

sobre a sua indispensabilidade para a literatura, ligando o mesmo às faculdades intelectuais do indivíduo.

Primeiramente, Foscolo explica que todos sentem e refletem diferentemente, porque a constituição de cada indivíduo se dá diversamente, de acordo com o tipo de educação. Os homens, então, não pensam da mesma forma. A constituição de cada indivíduo, à qual se refere, ganha o adjetivo de *física*, e com isso concede à sua teoria uma conotação material (FOSCOLO, 1933, p. 68).

O *pensamento*, que varia de acordo com o indivíduo, é a imagem que se elabora ao sentir as paixões que são provocadas pelas coisas. O intelecto vê as ideias que surgem, e o modo como são concatenada e expressas é a *ordem do pensamento*. A expressão da ordenação do pensamento através da língua é o que Foscolo chama de *estilo*. Para Foscolo, através do estilo o texto ganha vida e fisionomia particular (FOSCOLO, 1933, p. 68).

Os escritores, sentindo por si próprios ou observando os sentires outrem, alcançam a expressão dos afetos. Já com o raciocínio, conseguem concatenar as ideias para chegar à harmonia. Os escritores podem imitar as ideias e os sentimentos, mas o estilo, ou a maneira de concatenar as palavras com os elementos originais da razão e da paixão, não pode ser copiado (FOSCOLO, 1933, p. 68 e 69).

Nesse princípio, Foscolo ainda critica as escolas retóricas por incitarem a imitação dizendo-se permeadas por teorias sobre o estilo; no entanto, não conseguem transmitir nada além de regras de imitação que se calcam unicamente na língua. Para o autor, elas corrompem os grandes intelectos e tolhem a originalidade dos literatos (FOSCOLO,

1933, p. 69). Porém, ao exaltar a eloquência entre os literatos e, paralelamente, criticar a retórica, Foscolo não cai em contradição?

Em 1808, ao decidir proferir as aulas na Università di Pavia, Foscolo não se moveu somente pelo prestígio ou pelo desejo de dedicar um tempo maior aos estudos, mas o fez também para infundir o que considerava ser valiosos para a literatura e o orgulho à pátria. Por esse motivo, seu texto conta com uma escrita adaptada à fala e de caráter descritivo e exortativo (GIBELLINI, 2012). A eloquência e o tom persuasivo estão, portanto, conectados a esse intuito. Contudo, é possível notar que a retórica foscoliana, por estar voltada a um objetivo prático e dispor de reflexões profundas a respeito da literatura, está muito distante da criticada nesse último princípio. Verdenelli (2007, p. 269), sobre a retórica de Foscolo, escreve:

A arte está verdadeiramente em um ponto de virada: de um lado, pode resultar corajoso por recolocar em movimento as energias que uma vazia eloquência aplacou e despotencializou: uma fantasia alimentada pelas “chamas do coração”, um direcionamento musical que deriva de uma densa substância de pensamento, um sentir do coração inteiramente projetado sobre a vida e sobre a história; do outro lado, pode parir, assim que falte justamente tais premissas, monstros e quimeras, ou seja, mais uma vez um modelo de eloquência que restringe, empobrece a consciência do homem⁹².

⁹² “L’arte è davvero a un punto di svolta: da un lato, può risultare decisiva per rimettere in moto energie che una vuota eloquenza ha assopito e depotenziato: una fantasia alimentata dalle “fiamme del cuore”, un senso musicale che derivi da una densa sostanza di pensiero, un sentire del cuore tutto proiettato sulla vita e sulla storia; dall’altro lato, può partorire, qualora venissero a mancare proprio

O mesmo autor, ao escrever sobre a promoção do exercício de convencimento na literatura, afirma que Foscolo usa a retórica como um instrumento de vida, de conhecimento, de pensamento e de autêntico discurso de sociedade. (2007, p.266) Faz-se claro, então, que a retórica vazia – que não alimenta a fantasia, de raso pensamento e que não projeta o coração – não se aplica aos textos de Foscolo.

Ao fim do ensaio, Foscolo relata que os princípios são de difícil compreensão, mas sugere que os estudantes se esforcem para apreendê-los, dizendo que os homens nascem mais para sentir que para pensar, e todos sentem espontaneamente e com prazer, mas o pensar ocorre ou diante da obrigação ou depois de muito esforço. Ainda ressalta que, para que o raciocínio convença os livres movimentos do coração, deve nascer do sentimento e não o oposto, o sentimento do raciocínio. Assim, os estudantes são advertidos a trabalharem o raciocínio, mas também aconselhados a cultivar os sentimentos.

Mais sobre o método de estudo e de ensino de literatura utilizado por Foscolo é exposto nos últimos parágrafos do ensaio. O método consiste em analisar o texto literário juntamente com o contexto em que está inserido, e para tanto, Foscolo afirma que é preciso se atentar para a vida, a filosofia, a língua e o estilo do autor, e a isso deve-se ainda ser acrescentado o estado das ciências das letras e das artes da época, os costumes, a religião e a formação política da pátria. Foscolo finalmente frisa que todos os princípios devem sempre ser considerados

tali premesse, mostri e chimere, e cioè ancora una volta un modello di eloquenza che restringe, impoverisce la conoscenza dell'uomo” (tradução minha).

em conjunto. Assim, em uma aula o exame de qualquer literatura deve compreender, com as palavras de Foscolo

1º a vida de cada autor e o seu caráter, deduzido mais por seus escritos que pelas tradições; e assim aparecerá a primeira máxima dos princípios sobre os dotes naturais dos grandes poetas; 2º o estado das ciências, das letras e das artes nos seus tempos; e assim aparecerá a segunda máxima sobre o estudo necessário aos literatos; 3º os costumes, a religião e as instituições políticas das suas pátrias; e assim aparecerá o quanto aqueles poetas aproveitaram de seus concidadãos; 4º a sua filosofia; e assim aparecerá como conferiram a verdade; 5º a sua língua; e assim aparecerá com quais tintas eles puderam colorir seus pensamentos; 6º o seu estilo; e aparecerá quanto tiveram sempre que seguir suas faculdades intelectuais, aperfeiçoando-as com o estudo, mas não podendo mudá-las nunca⁹³.(1933, p.73)

Com um resumo dos princípios e a explicação de como aplicá-los ao estudo da literatura, Foscolo conclui que as aulas seguintes se basearão sempre nessa aplicação, que tem por fundamento a análise da história e de fatos nos quais os autores ou as literaturas estudadas estão inseridos. Acrescenta, além do mais, que a esse estudo seguirão exemplos práticos que terão por referência os autores célebres de cada tempo e cada nação.

⁹³ “1º la vita d’ogni autore e il suo carattere, desumendolo più da’ suoi scritti che dalle tradizioni; e così apparirà il primo capo de’ principj su le doti naturali dei grandi poeti; 2º lo stato delle scienze, delle lettere e delle arti de’ suoi tempi; e così apparirà il secondo capo su lo studio necessario a’ letterati; 3º i costumi, la religione e gli istituti politici delle loro patrie; e così apparirà quanto que’ poeti abbiano giovato a’ loro concittadini; 4º la loro filosofia; e così apparirà come abbiano conferito alla verità; 5º la loro lingua; e così apparirà con quali tinte essi hanno potuto colorire i loro pensieri; 6º il loro stile; ed apparirà quanto hanno dovuto sempre seguire le loro facoltà intellettuali, perfezionandole con lo studio, ma non potendole cangiar mai” (tradução minha).

Após ter exposto uma *leitura* do ensaio e relacionar os princípios aos posicionamentos de Foscolo, relacionando-os à sua visão de retórica e à utilidade da literatura para a pátria, na próxima etapa apresentarei algumas considerações sobre a tradução, partindo pela exposição dos meus alicerces teóricos no Estudos da Tradução e, depois, seguindo com exemplos práticos de questões tradutórias acerca da estrutura, do léxico e da sintaxe.

3.2 Considerações sobre a tradução

A linguagem ensaística de Foscolo, utilizada na aula *Dos princípios da literatura*, pertence a uma zona de interseção, onde o texto se compromete com a teoria – ou com o universo científico e acadêmico, uma vez que trata da elaboração de uma aula – e com o *modo de dizer*, buscando transmitir o conteúdo, que se volta ao racional e ao sentimental, através da arte e da eloquência.

Primeiramente, volto-me ao entre-lugar ensaístico que contém tanto do racional, que confere valor teórico ou científico ao texto, quanto do sentimental e pessoal, que, por sua vez, encarrega-se do que é impalpável ou abstrato, aproximando a subjetividade do leitor àquela do autor. No texto *O ensaio como forma*, contido no livro *Notas de Literatura I*, Adorno vale-se de termos como “liberdade do espírito”, “confrontações do espírito”, “procedimentos do espírito” ou “críticas do nosso espírito”, para expressar a relação do ensaio com os desejos e as emoções, com o abstrato ou com a subjetividade humana. Isso, contudo,

não descarta o objetivo do ensaísta em buscar a verdade, verdade esta que pode ser encontrada na própria marcha do pensar e do escrever, que é apresentada por meio de conceitos. Dessa maneira, o ensaio se aproxima da filosofia e da ciência, em razão de sua busca pela verdade, porém, vai contra o formato do “obtusos espírito dogmático” das ciências (ADORNO, 2003, p.19).

O ensaio encontra-se, assim, nos limiares, adquire características de distintos elementos e, ao mesmo tempo, não é inteiramente nenhum, o que culmina em uma forma própria e nova de dizer. Esse, talvez, seja o modo próprio do pensamento, entre desvios e linearidades, entre razões e sentimentos, entre verdades e subjetividades, entre a forma e a não forma, que através dos fragmentos constrói novos caminhos. Irrompe do ensaio, portanto, outro entre-lugar, onde o que importa é *o que se diz* e *o modo de dizer*, e donde ambos são a mesma coisa e inseparáveis.

Essa zona limítrofe, que é multifacetada e, por vezes, detentora de características contraditórias, pode ser notada, por exemplo, na aproximação de Foscolo ao romantismo. Como anteriormente mencionado, Foscolo, ao mesmo tempo em que faz uso de uma escrita que prima pela lógica, não deixa de escrever com o impulso que vem do interior, como afirma De Sanctis sobre a *Orazione Inaugurale*: “O conceito dominante dessa prosa é o homem sobreposto ao literato. Foscolo te dá a fórmula da nova literatura, a sua força não está fora, mas dentro, na consciência do escritor, no seu mundo interior⁹⁴” (1996, p.

⁹⁴ “Il concetto dominante di questa prosa è l’uomo soprapposto al letterato. Foscolo ti dà la formola della nuova letteratura, la sua forza non è al di fuori, ma al di dentro, nella coscienza dello scrittore, nel suo mondo interiore”.

784). Nesse sentido, Berardi expõe essa característica do romantismo, e da sua multifacetada e até contraditória aparência:

Todavia, existe um núcleo comum aos vários *romantismos* nacionais e é a exigência de uma maior sinceridade, espontaneidade, imediatez, profundidade, liberdade em todos os campos do espírito; o que, no domínio da literatura, se traduz na aspiração verso uma arte que brote do íntimo da alma e obedeça aos mais profundos e verdadeiros sentimentos e pensamentos do autor⁹⁵.
(1994, p. 189)

Ainda a respeito da *forma* ensaística, podemos observá-la e compreendê-la através do próprio texto de Foscolo que estamos tratando, no qual os princípios são transmitidos através de uma exposição fragmentária, cuja compreensão e aplicabilidade só ocorrem se nos voltarmos a todos os princípios ao mesmo tempo, como Foscolo afirma (1933, p.74): “Assim, nós estudaremos sempre sobre os fatos, e veremos os princípios da literatura emergirem analiticamente de cada aula, *e todos ao mesmo tempo*”⁹⁶ (grifo meu). Ou seja, é a partir dos fragmentos que Foscolo leva o leitor/ouvinte a construir o entendimento da unidade textual.

⁹⁵ “Tuttavia c’è un nucleo comune ai vari *r.* nazionali, ed è l’esigenza di una maggiore sincerità, spontaneità, immediatezza, profondità, libertà in tutti i campi dello spirito; il che, nel dominio della letteratura, si traduce nell’aspirazione verso un’arte che scaturisca dall’intimo dell’animo, ed obbedisca non più ai precetti ed agli esempi additati dai retori, ma ai più profondi e veri sentimenti e pensieri dell’autore.”

⁹⁶ “Così noi studieremo sempre sui fatti, e vedremo i principj della letteratura emergere analiticamente da ciascheduna lezione, e tutti ad un tempo” (tradução minha).

Assim, os ensaios foscolianos contêm a fragmentação e, retomo, uma sistematicidade de escrita, que é permeada por elementos diversos e, por vezes, contrastantes, que, entretanto, juntos adquirem um modo próprio e único de dizer o que pretende, pois, como já vimos anteriormente, sua escrita é retórica, mas não vazia, é conteudista, mas também artística, é fragmentária, porém, juntos, os fragmentos chegam à coesão, é, de certa forma, científica sem, todavia, excluir os sentimentos e as sensações. Considero que esse *modo de dizer* utilizado por Foscolo no ensaio em questão é, de certa forma, o conteúdo próprio do ensaio, ou seja, a sua escrita assume a *forma* da literatura defendida por ele ao longo do mesmo texto.

Acrescento que para Meschonnic (2010, p. XVIII) toda a literatura é poema. E é poema porque tem um modo de mostrar melhor o que a linguagem comum constrói, porque tem um *modo próprio de dizer*. Nesse sentido, tratando o texto ensaístico de Foscolo como contendor de literariedade – ainda que seja um texto teórico – é capital importar-se com essa *poesia*, com o modo de dizer particular, aquele da linguagem não comum.

Visto isso, o tradutor de ensaios, e dos ensaios de Foscolo mais especificamente, deve se atentar ao *modo de dizer*, porque esse *modo* é parte do objeto do ensaio e é, ao mesmo tempo, o que dá significado ao todo textual. O tradutor, a partir desse entendimento, não deve cindir o texto em forma e conteúdo, buscando iluminar um ou outro, mas compreendê-lo enquanto um discurso que supera a língua, porque há muito mais no discurso que as características lexicais, sintáticas e morfológicas da própria língua, há elementos subjetivos advindos do sujeito que a utiliza.

A respeito do discurso, Meschonnic (2010, p.16) afirma que o século XX foi marcante para os estudos da linguagem, pois através do multiculturalismo vigente e, conseqüentemente, do reconhecimento de que a identidade se dá somente pela alteridade, ocorre uma mudança de foco. Migra-se da instância da língua para o discurso. A transposição da língua, entendida pelos seus aspectos sintáticos, lexicais e morfológicos, para o discurso, implica na reflexão sobre o próprio signo (questiona-se a compreensão de signo enquanto significante e significado) e na ruptura com o tradicional dualismo entre forma e sentido. Com as palavras de Meschonnic:

Não há mais o som e o sentido, *não há mais a dupla articulação da linguagem*, só há os significantes. E o termo muda de sentido, pois ele não se opõe mais a um significado. O discurso se realiza numa semântica rítmica e prosódica. Uma física da linguagem. (2010, p. 62)

Meschonnic se volta aos significantes, ou seja, à parte física da linguagem, a expressão, e essa requer o sujeito ativo e dialogante, da prosódia e do ritmo. Também Berman, de maneira semelhante, entende que o trabalho de tradução deve voltar-se à letra, que para o autor não ganha a conotação de palavra e tampouco de sentido, mas que se volta ao jogo dos significantes (BERMAN, 2012, p. 21).

O jogo dos significantes, para Berman, ou o ritmo, no entendimento de Meschonnic, é a organização do movimento da palavra

(2010, p. LXIII) conferida pelo sujeito; é justamente a unidade de equivalência na poética do traduzir. A partir disso, o que deve ser buscado pelo tradutor é a transferência, do texto de partida para o texto de chegada, do *modo de dizer*, do ritmo, da maneira particular ou específica de expressão do autor.

Complemento ainda com as palavras de Meschonnic (2010, p. LXIV): “A força de uma tradução bem sucedida é que ela é uma poética para um poética. Não do sentido pelo sentido nem de uma palavra pela palavra, mas o que faz de um ato de linguagem um ato de literatura”. Portanto, a tradução deve se atentar para o sistema de discurso, ou seja, deve partir da poética do texto e não se limitar somente às palavras e aos seus significados ou à comunicação entendida enquanto mera transmissão de conteúdos. Berman, com as palavras de Benjamin, confirma esse objetivo:

Mas o que “diz” um poema? O que comunica? Muito pouco para quem o compreende. O que há de essencial não é comunicação, não é enunciação. Uma tradução, no entanto, que queira comunicar só poderia transmitir a comunicação – portanto, algo inessencial (BENJAMIN apud BERMAN, 2012, p. 94)

Berman (2012, p. 90) acrescenta que uma obra não transmite informações, ainda que as contenha, mas proporciona ao leitor a experiência de um mundo. A obra, e, portanto, a tradução, concede ao leitor uma nova experiência de mundo, porque disponibiliza um outro

olhar sobre esse, o olhar do outro. A isso se relaciona o objetivo ético da tradução: reconhecer e receber o outro enquanto outro (2012, p. 95). E nessa lógica, *abrir* o Estrangeiro é mais que comunicar, é revelar, manifestar. Acrescento à reflexão de Berman que, se partirmos do pressuposto que só nos conhecemos através da alteridade, então a revelação do outro descortina algo de nós mesmos. Assim, voltar-se para o olhar do outro é nos voltarmos para nós mesmos, é descobrir e vivenciar o nosso mundo de outra maneira.

Meschonnic (2010, p. XX) também reflete sobre o formar-se através da alteridade ao constatar que as relações internacionais existem (ou seja, nós nos relacionamos com o outro), e se assim o é, isso confirma que a identidade não é mais universalização, mas que advém da alteridade. Portanto, aprendemos sobre a nossa identidade, ou melhor, a formamos, porque estamos em relação com o outro.

No *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Hanns expõe o seguinte trecho da obra *O estranho*, de Freud e comenta as acepções de *estranho*:

Em segundo lugar, se é essa, na verdade, a natureza secreta do estranho (*Unheimlichen*), pode-se compreender por que o uso linguístico estendeu ‘o familiar’ (*das Heimliche*) para o seu oposto, ‘o estranho’ (*das Unheimliche*), pois esse estranho (*Fremdes*) não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar (*Heimliche*) e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou (*entfremdet*) desta através do processo de repressão.

¹ “estranho” no sentido de “inquietante”, “sinistro”, “que provoca calafrios”.

² “estranho” no sentido de “forasteiro”, “estrangeiro”, “externo”, “alheio”.

³ O sentido de “alienou” é de “afastado”, “separado”, “transformado em estranho-alheio” (HANNIS, 1996, p. 236)

A partir do excerto, podemos aproximar o *estranho*, de Freud, ao *outro*, anteriormente citado, pois ambos trazem a conotação do estrangeiro, de algo externo, afastado de nós, e que é inquietante, mas ao mesmo tempo nos é *familiar* (certamente a acepção das duas palavras, *estranho* e *outro*, não coincidem completamente, apenas se aproximam). Deparar-se com o outro, ou o estranho, nesse contexto, nos faz aperceber algo novo, ou estranho, de nós mesmos; e de nós mesmos porque é algo que já estava em nós, que nos é, de alguma maneira, familiar.

Essa reflexão sobre a alteridade pode ser ainda mais abrangente se o enfoque ocorrer também em direção à linguagem, pois a tradução, ao revelar a linguagem do outro, revela um potencial linguístico latente na própria língua, a de chegada. Ao mesmo tempo e de forma dialética, a tradução também revela o essencial do texto de partida – posto que a essência só se evidencia através desse confronto. O que o texto de partida oculta, a tradução revela através de uma transformação e de um movimento de acentuação de um traço. Berman, sobre a teoria tradutória de Holderlin, afirma:

O que há de se considerar é que a obra não aparece aqui como uma realidade imóvel, estática, imutável que deve ser reproduzida – mas também não (caso do classicismo) como um simples substrato que deve ser modificado e embelecido num modo hipertextual: ela é antes o lugar de um *combate* entre duas dimensões fundamentais, e a tradução *intervém* como um momento na vida da obra em que este combate é reativado, mas *em sentido contrário*, já que o ato de traduzir consiste em acentuar o princípio ou elemento que o original ocultou. [...] Esta acentuação, na medida em que *revela o ocultado* do original, é uma *manifestação*. (2012, p. 114)

Se a tradução implica um sujeito tradutor que ilumina elementos da obra de partida e que, ao mesmo tempo, lida com o discurso dessa obra e com o seu próprio modo de significar e com o modo de significar da língua de chegada, podemos dizer que a tradução contém algo de subjetivo e algo de histórico. Jorge Luis Borges, no ensaio “Pierre Menard, autor do Quixote”, reflete sobre a ideia que o texto literário não é um texto fechado, é um texto aberto a múltiplas leituras, múltiplas apropriações, seja pelo distanciamento temporal, espacial, sejam pelas infinitas leituras que um mesmo indivíduo possa fazer, afinal, cada vez que lemos um mesmo livro, a nossa leitura muda, o livro muda. Nunca passamos duas vezes pelo mesmo rio (BORGES, 1998, p. --).

A tradução, vista por esse viés, é somente uma entre tantas apropriações, ou interpretações, ou leituras, possíveis, e é única e particular, por isso lida com o subjetivo. Berman, citando Heidegger, confirma:

Toda tradução é em si mesma uma interpretação. Ela carrega no seu ser, sem dar-lhe voz, todos os fundamentos, as aberturas e os níveis da interpretação que estavam na sua origem. E a interpretação, por sua vez, é somente o cumprimento da tradução que permanece calada [...]. Conforme às suas essências, a *interpretação e a tradução são somente uma e única coisa*. (HEIDEGGER, 1983, p. 456, apud BERMAN, 2012, p. 26)

No sentido proposto, toda tradução é uma interpretação e toda interpretação depende do sujeito, de suas particulares subjetividades, do espaço e do tempo no qual está inserido. Podemos afirmar, portanto, que o discurso contém historicidade – seja o discurso da obra de partida ou da obra de chegada. Para Meschonnic (2010, p. XXXIII), a historicidade é definida não pela situação cronológica, mas pelas tensões entre passado e presente, que geram novas formas de ver, sentir, dizer, compreender. A tradução, assim, confere, entre essas tensões de tempo e, adiciono aqui, de espaço, novos significados ao texto de partida.

Assim, o sentido ou a significância, pelos quais passam a teoria da literatura, e portanto o discurso e o próprio traduzir, estão situados e datados, como afirma Meschonnic:

Traduzir não pode deixar de implicar uma teoria do discurso. Conforme se traduza do sentido ou da significância, descobre-se a teoria da literatura que se põe em ação, situa-se, data-se. A significância é uma rítmica e uma prosódia pelas quais passa tudo o que faz sentido, o que ultrapassa a circunscrição tradicional do sentido, seus níveis linguísticos. (2010, p. 143)

Se a significância está, mais que no próprio sentido das palavras, no ritmo, ou seja, na fisicalidade da linguagem, em seu corpo, na organização do movimento da palavra que supõe um sujeito, então advém do *pensamento poético*. Esse que, por sua vez, se define pela maneira particular do sujeito na transformação e na invenção dos modos de significar:

A poética se define então não apenas por sua própria história – a história dos conceitos com os quais se pensou e se pensa a literatura –, mas também por sua lógica interna, através dos conceitos da relação entre a literatura e a linguagem, dos conceitos da relação entre a linguagem e o sujeito que se expõe e se inventa na linguagem, dos conceitos do sujeito e de sua relação com a sociedade, dos conceitos da interrelação entre a história e a linguagem. Já que a história, como a linguagem, é uma representação do sentido (MESCHONNIC, 2010, p. 57).

Os modos de significar, portanto, segundo a citação de Meschonnic, têm uma lógica interna que depende das relações entre linguagem e sujeito, sujeito e sociedade, história e linguagem. Essas relações são fundamentais, porque o modo como significamos o mundo parte de um sujeito que está inserido na sociedade e na história, e que possui uma linguagem que também é indissociável do tempo e do espaço. Berman também confirma a relação do tempo e do espaço no modo de significar ao tratar sobre a historicidade do texto, e nessa ocasião afirma que todas as traduções envelhecem, e é o destino de qualquer clássico da literatura ser retraduzido (2002, p. 315). As traduções envelhecem porque partem de uma leitura do tradutor que está inserido em uma língua, em uma literatura e em uma cultura específicos na história, e não pode nem compreender nem se expressar senão através de todos esses elementos. A percepção que o tradutor tem do texto de partida, portanto, depende, primeiramente, do discurso histórico-cultural no qual ele próprio está inserido e, depois, de elementos pessoais, ou particulares, intrínsecos a si.

Por fim, é importante salientar que diante da concepção de tradução-leitura, ou seja, da concepção que a tradução é uma interpretação, toda tradução é um original, pois contem elementos particulares, significa o texto de uma maneira única, ilumina determinados elementos e não outros, traz marcas do discurso próprio do tradutor e do tempo e espaço em que vive.

Ao entrar em contato com os ensaios *pavesi* de Foscolo, que têm como conceito dominante, conforme o próprio De Sanctis diz, o homem sobreposto ao literato (1996, p. 784) e, por isso, um texto cuja

voz que ressalta das letras é a voz mesma de Foscolo, sem o intermédio de um narrador ou de um eu-lírico que carregue outro *nome* ou outra voz, deparei-me com a impossibilidade de ser o próprio autor, e, neste caso, como eu poderia escrever em primeira pessoa um texto que carrega primeiramente o nome de Foscolo como autor e secundariamente, e se um leitor atento reparar, o meu? Existe, porém, a possibilidade de interpretar o autor, não sê-lo por inteiro, mas sê-lo à minha maneira, compreende-lo e expressa-lo a partir do meu corpo, estudos e conhecimentos, existe a possibilidade de criar uma nova voz para o autor a partir da minha voz, o que transforma-me igualmente em autora e criadora. Depois da angústia em não poder ser o autor, houve a alegria de criar uma voz para ele, de partilhar da autoria, o que se deu através da interpretação.

Uso aqui o termo interpretação de maneira abrangente, referindo-me ao sentido de tomar para si o que se lê, se ouve, se vê ou se sonha; no sentido de representar, como atores ou dançarinos que interpretam uma peça, por exemplo, ou no sentido de executar uma peça musical, a interpretação de uma partitura; no sentido de compreensão; versão; ou mesmo no sentido da psicologia, que consiste em comunicar o conteúdo latente que existe nas palavras e nos comportamentos do paciente, de modo tornar claras as suas defesas e desejos. Então, nessa perspectiva, pude tomar o texto para mim, interpretando as palavras e o modo de dizer de Foscolo da forma como me foi possível; pude representar Foscolo, como uma atriz que representa um papel em uma peça, elaborando o personagem Foscolo a partir das palavras do autor e dos estudos sobre o mesmo, utilizando o meu corpo para dar voz ao personagem que formei – e, por esse ângulo, entendo que cada ator

interpreta o personagem ao seu modo e de maneira única, portanto, com autoria; e, referindo-me ao sentido da psicologia, de comunicar um conteúdo latente, pude, e inevitavelmente a tradução sempre o faz, revelar algo do *modo de dizer* do autor que o texto de origem ofusca.

Diante desse entendimento de tradução enquanto interpretação noto que, apesar do tradutor ter como referência o texto de partida e estar preso a ele, a compreensão de que um texto possui infinitas leituras que estão latentes, confere ao tradutor a liberdade da autoria.

Sobre o processo tradutório, acrescento por fim que, tendo como público alvo da tradução do ensaio *De' principj della letteratura* leitores acadêmicos vinculados aos Estudos da Tradução e/ou leitores familiarizados com a literatura, em especial com a literatura italiana, pude me aproximar da linguagem de Foscolo sem que fossem feitas grandes alterações na estrutura, sintaxe e léxico, mesmo que essa escolha pudesse conferir ao texto um tom estrangeirizante. Entendo que grande parte dos estranhamentos linguísticos para o leitor da língua portuguesa brasileira não estão distantes dos estranhamentos da leitura em língua italiana, e quando não correspondem àqueles da língua italiana, trazem marcas dessa língua de partida, do tempo e do discurso próprio do autor, como procuro mostrar adiante.

Nessa perspectiva, a tradução considerou a obra base, o autor, a língua estrangeira, o contexto histórico, social e cultural no qual a obra foi escrita, o público da tradução, a língua de chegada, e o contexto no qual o tradutor e a tradução estão inseridos.

A seguir apresento os comentários referentes às questões que surgiram no decorrer do processo tradutório. Nos comentários serão feitas considerações acerca da estrutura, da sintaxe e do léxico, dispostos nessa mesma ordem, do texto de partida e do texto de chegada.

3.2.1 Ritmo: pontuação e sintaxe

A tradução optou por manter a macroestrutura do texto: o gênero ensaístico em prosa, subtítulos e paragrafação. Como vimos, o ensaio *De' principj della letteratura* é uma aula que foi redigida por Foscolo e depois copiada por duas pessoas diferentes. A edição que foi utilizada para a tradução, da editora Felice Le Monier, de 1933, conta com notas que informam as variações entre as primeiras edições do ensaio, comportando, inclusive, correções do próprio Foscolo. Pelo motivo das notas, na sua maioria, tratarem de diferenças entre edições, considero que não são fundamentais para a compreensão do texto pelos leitores de língua portuguesa brasileira, sendo assim, todas foram omitidas. Contudo, outras notas foram elaboradas, mas sobre elas tratarei mais adiante.

De acordo com a prefácio de Emilio Santini, o ensaio foi escrito com o intuito de ser inteiramente lido, por esse motivo está voltado à oralidade. A tradução, portanto, também considerou esse aspecto e procurou manter, quando possível, as marcas de oralidade, que poderemos observar em exemplos mais adiante. Sabe-se ainda que o texto tem origem na escrita e não em anotações de sala de aula por dispor de uma estrutura bem elaborada, que pode ser observada pela

disposição do texto em máximas seguidas por explicações, método de aula demonstrado e linguagem eloquente. A tradução também se atentou a esses aspectos.

Ainda é possível perceber em uma visão macro do ensaio o marcado e repetido ritmo que se estabelece por meio de frases curtas e afirmativas, e longas e explicativas. Constam, por exemplo, as máximas, que resumem em uma frase o princípio ao qual se referem, e várias outras afirmações axiomáticas que ganham status de verdades inquestionáveis no corpo explicativo do princípio. Podemos verificar isso em: “No animal não existe aparência de vida sem movimento; no animal [humano], não existe movimento físico sem movimento moral; cessado o movimento, cessa a vida”⁹⁷ (FOSCOLO, 1933, p. 61). Opostamente às máximas, é possível notar nos princípios frases longas e explicativas, como no exemplo que segue:

que as distinções entre estado de natureza e de sociedade são fantasmas platônicos para serem deixados a Rousseau e aos seus partidários; visto que Rousseau, separando a natureza do homem da sociedade, planta por princípio das suas declamações que as letras, sendo fruto das sociedades, corrompem a natureza do homem; entrementes, naquele seu discurso contra as ciências e as letras, admitindo por axioma que nascem das paixões dos homens, como no exemplo em que ele diz, “a geometria nasceu da avareza, a astronomia da superstição, a poesia da credulidade, a eloquência da ambição”, ele derruba sobre si mesmo o seu pomposo edifício, pois que, se as letras e as ciências nascem das paixões, ele deveria primeiramente ou mostrar que a natureza concede aos homens a capacidade de

⁹⁷ “Nell’animale non v’è apparenza di vita senza moto; nell’animale [umano] non v’è moto fisico senza moto morale; cessato il moto cessa la vita” (tradução minha).

dar um curso diferente às suas paixões ou indicarnos o meio de mudar a natureza do homem⁹⁸.
(FOSCOLO, 1933, p. 63)

O ritmo se constrói, portanto de oscilações entre máximas, que com poucas palavras proclamam o que Foscolo considera verdades, e extensas explicações, marcadas por longos períodos que associam pensamentos com o fim de confirmar um conceito, ou seja, de contrações e expansões de ideias, como se o texto pulsasse em movimentos de sístole e diástole. Para preservar essa característica rítmica, a tradução conservou os pontos finais, ou tamanhos de frases, e as vírgulas, quando possível.

Por fim, foi notado também outro aspecto que conduz ritmo e beleza ao texto de Foscolo: a rima. A proximidade da língua italiana à língua portuguesa permitiu que a sonoridade rímica na prosa fosse preservada, como no exemplo:

⁹⁸ “che le distinzioni di stato di natura e di società sono fantasmi platonici da lasciarsi a Rousseau ed a’ suoi partigiani; poichè Rousseau, dividendo la natura dell’uomo dalla società, pianta per principio delle sue declamazioni che le lettere, essendo frutto delle società, corrompono la natura dell’uomo; e frattanto in quel suo discorso contro le scienze e le lettere, ammettendo per assioma che nascano dalle passioni degli uomini, come per esempio, a quanto egli dice: “la geometria nacque dall’avarizia, l’astronomia dalle superstizioni, la poesia dalla credulità, l’eloquenza dall’ambizione”, egli sovverte da sè medesimo il suo pomposo edifizio, dacchè, se le lettere e le scienze nascono dalle passioni, egli dovea prima o mostrare che la natura concede agli uomini di dar corso diverso alle loro passioni, o indicarci il mezzo di cangiare la natura dell’uomo” (tradução minha).

IT	PT
La poesia , la storia e la facoltà oratoria , che costituiscono la letteratura d'ogni nazione, non cangiano se non le apparenze , perché tutte stanno nell' eloquenza ⁹⁹ (p.55)	A poesia , a história e a faculdade oratória , que constituem a literatura de cada nação, não mudam senão as aparências , porque todas estão na eloquência (p.55)

Neste caso, as repetições das vogais de “o” e “ia”, além das consoantes duras como “p” e “t” em *poesia*, *storia* e *oratoria*, foram reproduzidas no português com *poesia*, *história* e *oratória*, da mesma maneira como foi reproduzida a semelhança fonética das terminações das palavras *apparenze* e *eloquenza*, do italiano, para o português em *aparências* e *eloquência*.

IT	PT
Vi è verità vivente in tutti i secoli nella pittura delle passioni di qualunque nazione . Non vi è verità nella pittura delle opinioni e de' fantasmi; il letterato dunque deve vestire con le opinioni ed i fantasmi del proprio secolo e della propria nazione le verità eterne, che regnano e regneranno	Existe a verdade vivente em todos os séculos na pittura das paixões de quaisquer nações . Não existe verdade na pittura das opiniões e dos fantasmas; o literato, portanto, deve vestir com as opiniões e os fantasmas do próprio século e da própria nação as verdades eternas, que reinam e reinarão

⁹⁹ Todas as citações de partes da tradução que constam neste capítulo têm a página de referência da própria dissertação entre parênteses .

sempre nella mente e nel cuore di tutti gli uomini (p.58)	sempre na mente e no coração de todos os homens (p.58)
---	---

Nesse exemplo, há no italiano a repetição da consoante “v” em *vi, verità, deve e vestire*. Foi possível manter a frequência dessa mesma consoante no português em *verdade, vivente, deve e vestir*, não conseguindo reproduzi-la nas duas vezes em que apareceu a palavra *vi*, no italiano. A semelhança da terminação das palavras *passioni, nazione, opinioni*, bem como a dupla aparição da palavra *proprio(a)* e a repetição do “o” e do “p” nas palavras *opinioni* e *proprio* também foi possível manter no português, no entanto, no primeiro caso – o das terminações semelhantes *oni* e *one* – foi preciso passar para o plural a palavra *nação*, e portanto o *qualquer* (que seria a primeira tradução de *qualunque nazione*) para que ocorresse a mesma semelhança do italiano nas terminações das palavras em português, resultando em *paixões, nações e opiniões*, e foi mantida a dupla aparição da palavra *próprio(a)* e a repetição do “o” e do “p” em *próprio* e *opiniões*. Apesar de ter sido possível reproduzir a consoante “v” em todos os casos que apareceu no italiano, no português foi possível compensar o ritmo perdido com a terminação igual das palavras *reinarão* e *coração*.

Seja pelas expansões e contrações, como pela rima ou aliterações e pela oralidade, Foscolo imprime um ritmo ao texto, o que pode ser relacionado aquele *modo de dizer*, tratado anteriormente no trabalho, que refere-se à poética do autor, ou seja, à forma de organização do movimento da palavra, ideia de ritmo de Meschonnic (2010, p. LXIII).

Adiante, veremos outros aspectos rítmicos do texto de partida, como pontuação e sintaxe, e as opções tradutórias adotadas.

Pontuação

O ponto e vírgula é muito utilizado por Foscolo neste ensaio e, na maior parte dos casos, indica: a separação de elementos de uma enumeração, a separação de orações adversativas – marcando o contraste entre elas –, uma explicação ou conclusão do que foi anteriormente escrito, e uma pausa maior que a de uma vírgula. Na tradução, todos os sinais de ponto e vírgula foram mantidos. A seguir veremos alguns exemplos.

Na tabela que segue veremos um exemplo dos casos em que o ponto e vírgula foi colocado para separar elementos das enumerações, que estão dispostas ao final de cada princípio quando são retomados os pontos importantes:

IT	PT
<p>Da questo secondo capo emerge: 1° che chiunque posseda le doti naturali di cui si è detto nel capo primo non potrà farle fruttare senza lo studio; 2° che questo studio consiste nell'esempio de' grandi modelli; 3° che allo studio [...] (p.53)</p>	<p>Dessa segunda máxima emerge: 1° que qualquer um que possua os dotes naturais, os quais foram tratados na primeira máxima, não poderá fazê-los dar frutos sem o estudo; 2° que esse estudo consiste no exemplo de grandes modelos; 3° que ao estudo [...] (p.53)</p>

Há também exemplos em que o ponto e vírgula é colocado para separar orações adversativas, marcando a ideia contrastante que elas expressam:

IT	PT
Non che questo sia ottimo partito e sicuro; ma è l'unico ad ogni modo che ci preservi dalle perplessità [...] (p.49)	Não que essa seja uma ótima decisão e segura; mas é a única, de qualquer modo, que nos preserva das perplexidades [...] (p.49)
Pochi ragionano; tutti gli altri sentono (p.58)	Poucos raciocinam; todos os outros sentem (p.58)

O ponto e vírgula também aparece precedendo uma conclusão, como nos casos:

IT	PT
La verità sola vive eterna tra gli uomini, e le opinioni passano coi tempi; onde il letterato che tace la verità e non lusinga che le sole opinioni morrà col suo secolo o poco dopo (p.57)	A verdade única vive eterna entre os homens, e as opiniões passam com o tempo; razão pela qual o literato que cala a verdade e não lisonjeia além das próprias opiniões, morrerá com o seu século ou pouco depois (p.57)
[...] la vita d'ogni autore e il suo carattere, desumendolo più da' suoi scritti che dalle tradizioni; e	[...] a vida de cada autor e o seu caráter, deduzido mais por seus escritos que pelas tradições; e

così apparirà il primo capo de' principj su le doti naturali dei grandi poeti [...] (p.70)	assim aparecerá a primeira máxima dos princípios sobre os dotes naturais dos grandes poetas [...] (p.70)
perchè l'arbitrio delle leggi produce la tirannide, e l'arbitrio delle opinioni produce la licenza; e questi due mali distruggono presto o tardi la prosperità delle nazioni. (p.55)	porque o arbítrio das leis produz a tirania, e o arbítrio das opiniões produz a licenciosidade; e esses dois males destroem cedo ou tarde a prosperidade das nações. (p.55)

E, por fim, o ponto e vírgula aparece para marcar uma pausa mais enfática que uma vírgula:

IT	PT
Però anche nel corso de' nostri studi non m'allontanerò nè di un passo da' miei principj: mi sono studiato di manifestarveli nell' <i>Orazione</i> già pronunziata; e se sieno desunti dall'esame del vero, e se possono [...] (p.49)	Porém, mesmo no decorrer dos nossos estudos, não me afastarei nem um passo dos meus princípios: esforcei-me em manifestá-los a vocês na <i>Oração</i> já pronunciada; e se são deduzidos da análise da verdade, e se podem [...] (p.49)

Já em relação às vírgulas, o texto de partida e de chegada as dispõe diferentemente. O texto de chegada manteve o mesmo uso das vírgulas do texto de partida somente quando as convenções gramaticais

da língua portuguesa assim permitiram, no entanto, em alguns casos, foram necessárias alterações para que o texto pudesse ter coerência e seguisse as normas gramaticais. Ressalto que a ocorrência de vírgula no texto de chegada é maior que no texto de partida. Seguem alguns casos em que a utilização da vírgula ocorreu de maneira diversa nos textos.

IT	PT
[...] senza lasciarsi disanimare dagli eventi e dagli uomini, che d'altronde sogliono rispettare quei generosi [...] (p.49)	[...] sem deixar-se desanimar pelos acontecimentos e pelos homens que, aliás, costumam respeitar os generosos [...] (p.49)
[...] ma è l'unico ad ogni modo che ci preservi dalle perplessità [...] (p.49)	[...] mas é a única, de qualquer modo, que nos preserva das perplexidades [...] (p.49)
Oggi dunque ridurrò la loro sostanza in poche sentenze [...] (p.50)	Hoje, portanto, reduzirei a substância deles em poucas sentenças [...] (p.50)
Però anche nel corso de' nostri studi non m'allontanerò nè di un passo da' miei principj [...] (p.49)	Porém, mesmo no decorrer dos nossos estudos, não me afastarei nem um passo dos meus princípios [...] (p.49)
[...] cessato il moto cessa la vita [...] (p.52)	[...] cessado o movimento, cessa a vida [...] (p.52)

Em alguns poucos casos a vírgula foi omitida para auxiliar na fluidez da leitura. As omissões ocorreram quando as convenções gramaticais da língua portuguesa assim permitiram, como nos seguintes

casos, em que a vírgula estava colocada antes da conjunção coordenativa aditiva *e* no texto de partida:

IT	PT
O giovani, fu sempre ed è agevole impresa l'usurparsi titolo di maestri con poco sudore, e l'ostentare al volgo de' letterati e de' grandi certo lusso d'inoperosa dottrina (p.74)	Ó jovens, sempre foi e é fácil tarefa usurpar-se o título de mestres com pouco suor e ostentar à classe dos literatos e dos grandes certo luxo de inerte doutrina [...] (p.74)
pedestre, inutile, e venale letteratura (p.52)	banal, inútil e venal literatura (p.52)

Repetições

Foscolo utiliza repetições da conjunção coordenativa aditiva *e* no ensaio. Ainda que no português fosse possível utilizar a vírgula, que é o uso mais comum de acordo as regras do português escrito formal, a conjunção foi propositalmente mantida. Proponho com isso, pensando no público que queira se aproximar da escrita de Foscolo, uma tradução estrangeirizante, buscando levar o leitor de língua portuguesa ao autor de língua italiana, mostrando especificidades da sua escrita.

IT	PT
alla grande e bella ed utile letteratura (p.51)	para a grande e bela e útil literatura (p.51)
emanazione perpetua del	a emanção perpétua do

sentimento e del piacere e del dolore. (p.52)	sentimento e do prazer e da dor. (p.52)
---	---

No exemplo seguinte, a tradução manteve a conjunção *e* em decorrência de seu uso frequente ao longo do texto de partida, mesmo que semanticamente se adequasse melhor à frase a conjunção coordenativa alternativa *ou*:

IT	PT
Chi per mezzo delle potenze mentali esprime meglio queste idee, propaga talvolta la stessa facoltà, e spesso e sempre lo stesso esercizio passivo nell'ingegno e nel cuore degli altri. (p.52,53)	Quem, por meio das potências mentais, melhor expressa essas ideias, propaga, por vezes, a mesma faculdade, e frequentemente e sempre o mesmo exercício passivo na inteligência e no coração dos outros. (p.52,53)

Outros tipos de repetições, de advérbios ou verbos, por exemplo, foram mantidos no texto de chegada para se adequar à escrita de Foscolo, marcar a oralidade e preservar o ritmo do texto de partida, o que considero fundamental por desvelar características do *modo de dizer* de Foscolo neste ensaio. Ou seja, preservar as repetições na tradução é aclarar, do texto de partida, um pouco da letra, segundo Berman, e da poética ou do ritmo, segundo Meschonnic. As repetições, além do mais, marcando a oralidade e expressando uma liberdade de escrita, ajudam a caracterizar o texto enquanto gênero ensaístico.

IT	PT
<p>L'uso della parola si rende utile, rendendolo grato alle passioni e convincente alle opinioni. Si rende grato alle passioni esercitandole, perchè le passioni non si spengono mai. (p.55)</p>	<p>O uso da palavra se torna útil tornando grato às paixões e convincente às opiniões. Torna-se grato às paixões exercitando-as, porque as paixões não se apagam nunca. (p.55)</p>
<p>Gli uomini così dotati dalla natura, così istruiti dalla esperienza, dalle proprie e dalle altrui passioni, così illuminati dalla meditazione della filosofia (p.57)</p>	<p>Os homens, assim dotados pela natureza, assim instruídos pela experiência, das próprias paixões e das paixões de outrem, assim iluminados pela reflexão da filosofia (p.57)</p>
<p>Così noi studieremo sempre sui fatti, e vedremo i principj della letteratura emergere analiticamente da ciascheduna lezione, e tutti ad un tempo. Così questi principj li applicheremo all'utilità della nostra patria e delle lettere italiane. Così, o giovani, avrete agio di esaminarli (p.72)</p>	<p>Assim, nós estudaremos sempre sobre os fatos, e veremos os princípios da literatura emergirem analiticamente de cada aula, e todos ao mesmo tempo. Assim, aplicaremos esses princípios à utilidade da nossa pátria e das letras italianas. Assim, ó jovens, vocês terão a possibilidade de analisá-los (p.72)</p>

As redundâncias foram igualmente mantidas com intuito de marcar a oralidade:

IT	PT
[...] così illuminati dalla meditazione della filosofia sono anelli intermedi tra la fredda verità delle scienze e gli impetuosi fantasmi delle opinioni [...] (p.57)	[...] assim iluminados pela reflexão da filosofia, são elos intermediários entre a fria verdade das ciências e os impetuosos fantasmas das opiniões [...] (p.57)

Adjetivos prepostos aos substantivos:

Os adjetivos prepostos aos substantivos, bastante utilizados por Foscolo, foram quase sempre mantidos no texto de chegada. Mesmo não sendo muito frequentes no uso do português cotidiano, não são incomuns em textos literários. Vejamos alguns casos:

IT	PT
pedestre, inutile, e venale letteratura (p.52)	banal, inútil e venal literatura (p.52)
non può essere utile letterato. (p.55)	não pode ser um útil literato (p.52) – nesse caso, o acréscimo do artigo indefinido praticamente desaparece na pronúncia.
io non sono partigiano del bello, del vero e del giusto ideale (p.68)	eu não sou um partidário do belo, do verdadeiro e do justo ideal (p.68)
capace di più forti sensazioni (p.52)	capaz das mais fortes sensações (p.52)

il vero morale (p.53)	o verdadeiro moral (p.53)
postere generazioni (p.73)	posteriores gerações (p.74)

Inversões não mantidas

A seguir veremos alguns casos em que, na tradução, a ordem das palavras na frase ficou alterada em relação ao texto de partida. As escolhas foram feitas para que se privilegiasse a oralidade e a fluidez do texto. Vejamos:

doveri della disciplina alla quale ci ha creati la natura (p.73)	deveres da disciplina para a qual a natureza nos criou
Chi adempie a tutti i doveri dell'arte sua (73,74)	Quem cumpre com todos os deveres da sua arte (74)
parvemi nondimeno che questo sia il solo mezzo e migliore	parece-me, todavia, que esse seja o único e melhor meio (73)
e ciò tornerà in vostro profitto ed in mio (72)	e isto se voltará para o proveito de vocês e para o meu (72)

Mudança na função sintática:

Em alguns casos, para que a compreensão do conteúdo não fosse prejudicada, a função sintática de algumas palavras foram alteradas, como nos exemplos que seguem:

IT	PT
----	----

<p>Ma le regole togliendo allo stile gli elementi originali della ragione e della passione, che l'arte non può prescrivere, restò la lingua sola predominante ed universale l'elemento dello stile (p.64)</p>	<p>Mas as regras, tolhendo do estilo os elementos originais da razão e da paixão que a arte não pode prescrever, fizeram restar somente a língua, predominante e universal, como elemento do estilo (p.64)</p>
<p>Quanto alla loro certezza, voi la vedrete, spero, con minor fatica di quella che ho dovuto durare (p.66)</p>	<p>Quanto à certeza deles, vocês a verão, espero, com esforço menor que aquele que eu tive ao enfrentar as dificuldades (p.66)</p>

No primeiro exemplo, se a tradução optasse por usar a expressão “restou a língua somente” soaria quase incompreensível, por esse motivo, optei por uma mudança no tempo e pessoa do verbo bem como inverti a ordem das palavras na oração, resultando em “fizeram restar somente a língua”. Já no segundo exemplo, em língua italiana o *durare* refere-se ao esforço, no entanto, no português não usamos *enfrentar* ou *aguentar* o esforço, mas enfrentamos as dificuldades que geraram o esforço, por esse motivo a tradução ficou “eu tive ao enfrentar as dificuldades” .

3.2.2 Léxico

Neste item discutirei questões acerca do léxico, mais especificamente questões relativas a: desusos na atualidade, elisões,

singular e plural, pronomes demonstrativos, superlativos, advérbios nominais, sentido e repetições de vocábulos.

Desusos na atualidade

Pelo fato do ensaio ter sido escrito no início do século XIX, algumas palavras caíram em desuso e outras mudaram a grafia. A tradução, por sua vez, conta com uma grafia atualizada, inclusive em conformidade com o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, e com palavras de uso contemporâneo.

Foram constatados os desusos das palavras em língua italiana pela ausência das mesmas nos grandes dicionários italianos, disponíveis nas referências bibliográficas da dissertação e/ou através da pesquisa de frequência de uso. Seguem alguns exemplos de vocábulos utilizados por Foscolo que na atualidade caíram em desuso:

IT	PT
principj [na grafia do italiano atual: principi]	princípios
siensi [na grafia do italiano atual: siano]	sejam
sieno [na grafia do italiano atual: siano]	sejam, estejam, são, estão. Seguem exemplos: “e se são deduzidos da análise da verdade”; “porque muitos escritos cheios de ótimas ideias e ditados com grande propriedade de idioma, mas com

	<p>imitação dos modos <i>boccaccescos</i>, e mesmo assim feitos, estão esquecidos nas bibliotecas”.</p> <p>“a razão pela qual as escolas sejam inutilmente inundadas de teorias sobre o estilo”</p> <p>“onde não estejam sujeitos à análise”</p>
sperienza [na grafia do italiano atual: esperienza]	experiência
edifizio [na grafia do italiano atual: edificio]	edifício
consecrati [na grafia do italiano atual: consacrati]	consagrados

Sobre o vocábulo *sieno*, utilizado por Foscolo, consta no livro *Teoria e prospetto o sia dizionario critico de' verbi italiani conjugati specialmente degli anomali e malnoti nelle cadenze*, de 1830, uma observação sobre o uso de *sieno* e *siano*, no excerto a respeito das possíveis e utilizadas conjugações do verbo *essere*, que diz: “Boas para versos e prosas. Mas *siano* é mais dos modernos¹⁰⁰” (MASTROFINI, 1830, p.62), o que indica que os modernos eram mais adeptos do *siano*, grafia que até os dias de hoje é utilizada, enquanto que *sieno* caiu em

¹⁰⁰ “Buone per versi e prose. Ma *siano* è più de' moderni”.

desuso. Esse é um ponto interessante, pois Foscolo, se considerava mais próximo dos clássicos, e traz na sua escrita uma marca disso, como o uso do *sieno*. Para a época os “modernos”, considerados “românticos”, tinham influência das literaturas e línguas estrangeiras e *importavam* diversos e novos usos para sua própria língua e literatura. Foscolo, mostrando-se no ensaio contra o usos dos modos estrangeiros para preservar a aparência da própria língua, como vimos anteriormente, confirma a aproximação com os neoclassicistas.

A respeito dos vocábulos *sperienza* e *consecrati*, o dicionário online da Google *Dizio*¹⁰¹ – no qual são incluídos, além da definição do vocábulo, traduções para outras línguas, pronúncia, exemplos de uso, palavras associadas, conjugações (no caso de verbos), sinônimos, antônimos, frequência de uso no tempo e por país, principais tendências de pesquisa na internet e expressões mais utilizadas com a palavra – aponta maior frequência da palavra *sperienza* e *consecrare* entre os séculos XVIII e XIX e um grande declínio, chegando quase à não utilização desses vocábulos, nos séculos XX e XXI, enquanto que *esperienza* e *consacrare* têm alta frequência de uso nos séculos XX e XXI. A evolução da frequência do uso desses vocábulos, assinalando um declínio de uso de *sperienza* e *consecrare*, demonstra que houve uma mudança ortográfica desses termos no decorrer do tempo.

Segundo explicação constante no próprio dicionário *Dizio*, o gráfico referente à tendência de uso no tempo

representa **a evolução anual da frequência do uso** da palavra ‘consecrare’ nos últimos 500 anos. A sua implementação se baseia na análise da

¹⁰¹ Disponível em: <www.dizio.org>.

frequência da aparição do termo ‘consecrare’ nas fontes impressas digitalizadas do italiano, publicadas de 1500 até hoje¹⁰²

No ensaio de Foscolo, encontra-se também uma grafia antiga de alguns verbos no pretérito imperfeito [*imperfetto* no italiano], como nos seguintes casos: *dovea*, *sapea*, *sapeano*, *voaleano* e *esprimeano*. No *Teoria e prospetto o sia dizionario critico de’ verbi italiani conjugati specialmente degli anomali e malnoti nelle cadenze*, há uma nota sobre a grafia do pretérito imperfeito que diz:

A forma boa do pretérito imperfeito é *io temeva*, *tu temevi*, *egli temeva*, *noi temevamo*, *voi temevate*, *esse temevano*. Todavia, as vezes, nesse ou em verbos similares, tira-se a consoante *v*, escrevendo *temea*, *temei*, *temea*, *temeamo*, *temeate*, *temeano*. Sabe-se, portanto, que *temea*, em primeira pessoa, se usaria na prosa, mas seria ainda menos impropria para os versos: *temea*, em terceira pessoa singular, e *temeano*, em terceira pessoa plural, são promissoramente excelentes¹⁰³ (MASTROFINI, 1830, p. 88)

É possível notar também uma diferença de acentuação entre a grafia utilizada por Foscolo e as convenções gramaticais italianas da atualidade. No ensaio, ocorre a utilização do acento grave sobre as

¹⁰² “rappresenta l'evoluzione annuale della frequenza d'uso della parola «consecrare» negli ultimi 500 anni. La sua implementazione si basa sull'analisi della frequenza della comparsa del termine «consecrare» nelle fonti stampate digitalizzate dall'italiano pubblicate dal 1500 ad oggi” (tradução minha).

¹⁰³ “La forma bonissima dell'imperfetto è *io temeva*, *tu temevi*, *egli temeva*, *noi temevamo*, *voi temevate*, *esse temevano*. Pure talvolta in questo e simili verbi si tolse l'v consonante, scrivendosi *temea*, *temei*, *temea*, *temeamo*, *temeate*, *temeano*. Sappiasi dunque che *temea* in prima persona si userebbe in prosa, ma sarebbe ancor meno impropria pe' versi: *temea* per terza persona singolare e *temeano* per terza persona plurale sono eccellenti promisenamente per verso e prosa” (tradução minha).

palavras *nè*, *perchè*, *poichè*, *anzichè*, *dacchè*, *benchè*, *sè*, *chè* e *acciocchè*, enquanto que na atual ortografia italiana utiliza-se o acento agudo. Segundo a enciclopédia italiana online *Treccani*, na entrada sobre acentos graves e agudos escrita por Silvia Demartini¹⁰⁴,

A distinção nos casos de emprego do acento grave pode-se dizer completa somente entre os séculos XIX e XX, quando na editoração de manuais começa a afirmar-se a atual distinção dos usos. Também no século XX, porém, não faltam propostas alternativas, como aquela de Pier Gabriele Goidanich que, na sua gramática de 1918, indica o uso do acento agudo e não do acento grave sobre *í* e *ú* “sempre fechadas”¹⁰⁵ (Goidanich 1962: 73), em palavras como *cosí* ou *giú* (grafia essa que possui defensores ainda hoje), e sugere a adoção do acento grave sobre as vozes do verbo *avere* (*ò*, *ài*, *à*), no lugar do *h* etimológico. Entretanto, seja nas escrituras individuais, seja nos textos da imprensa, pelo menos por toda a metade do século XX, persiste o hábito de escrever o acento grave sobre as palavras *perchè* e *nè*, e de acentuar *quà* por analogia com *là*¹⁰⁶.

¹⁰⁴ ACCENTO GRAVE E ACUTO. In: Treccani, 2010. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/accento-grave-e-acuto_\(Enciclopedia_dell'Italiano\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/accento-grave-e-acuto_(Enciclopedia_dell'Italiano)/). Acesso em: 5 de jan. de 2016.

¹⁰⁵ Em italiano, as vogais que apresentam o acento agudo (´) têm o som fechado, enquanto que no português têm o som aberto. E, opostamente, as vogais que apresentam o acento grave (`) em italiano têm o som aberto, enquanto que no português têm o som fechado.

¹⁰⁶ “La distinzione dei casi d’impiego dell’accento grave si può dire compiuta solo tra XIX e XX secolo, quando nella manualistica inizia ad affermarsi l’attuale distinzione degli usi. Anche nel Novecento, però, non mancano proposte alternative come quelle di Pier Gabriele Goidanich che, nella sua grammatica del 1918, indica l’uso dell’accento acuto e non dell’accento grave su *í* ed *ú* «sempre strette» (Goidanich 1962: 73) in parole come *cosí* o *giú* (grafia, questa, che ha sostenitori ancora oggi) e suggerisce l’adozione dell’accento grave sulle voci del verbo *avere* (*ò*, *ài*, *à*), in luogo della *h* etimologica. Intanto, sia nelle scritture individuali sia nei testi a stampa, almeno per tutta la prima metà del secolo, persiste l’abitudine di scrivere l’accento

Apesar da grafia fazer parte da história da língua e caracterizar o período no qual Foscolo escreveu o ensaio, entendo que o leitor atual saberá, por outros elementos do texto, que não se trata de um texto atual, seja pelo teor dos assuntos tratados como pela forma geral da escrita. Além disso, como foi dito, o público alvo foi pensado como sendo um público que tem algum contato com o autor ou com a literatura italiana ou mesmo com outras literaturas estrangeiras do século XIX, e que, portanto, sabe da temporalidade do texto ou a presume. A tentativa de criar novas palavras para contemplar as diferenças temporais, como os exemplos que vimos dos usos lexicais de Foscolo, poderia gerar formas caricaturadas da língua portuguesa do Brasil.

Elisões

As elisões são frequentes na língua italiana, mas incomuns na língua portuguesa, sendo assim, não foram mantidas no texto de chegada, exceto no último caso em seguida citado, por não interferir no sentido. Seguem exemplos:

IT	PT
De' [dei] principj	Dos princípios
soddisfa a' [ai] bisogni	satisfaz às necessidades
mill'altri [mille]	mil outros
sovr'esse [sovra]	sobr'esse

grave su parole come *perchè* e *nè* e di accentare *quà* per analogia con *là*” (tradução minha).

Singular e plural

Algumas expressões utilizadas por Foscolo no singular foram modificadas para o plural, no texto de chegada, para se adequar a um uso mais familiar na língua portuguesa:

IT	PT
Le società compongono nazioni, che guerreggiano perpetuamente l'una contro dell'altra. (p.54)	As sociedades compõem nações que guerreiam eternamente umas contra as outras. (p.54)
ma del lauro immortale non mai (p.74)	mas dos louros imortais jamais (p.74)

Entendo que em todos os casos em que a tradução mudou palavras do singular para o plural não ocasionou um comprometimento da compreensão da ideia do autor.

Pronomes demonstrativos

Na língua portuguesa, segundo a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, os pronomes demonstrativos “são os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso. Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso* (BECHARA, 2006, p. 167). São, assim, de primeira, segunda ou terceira pessoa. Já na língua italiana, não há diferenciação entre os pronomes demonstrativos de primeira e segunda pessoa, então, o vocábulo *questo(i/a/e)*, pode ser representado em língua portuguesa pelo pronome de primeira pessoa, ou seja, *este*, *esta* ou *isto*, ou de segunda pessoa,

esse, essa ou *isso*. Desse modo, dadas as diferenças entre as línguas, temos na tradução:

IT	PT
questo sentimento	esse sentimento
questi capi	essas máximas
questa comprensione	essa compreensão

Como pode-se ver no exemplo, não houve casos em que a tradução precisou utilizar o pronome de primeira pessoa.

Superlativos

Os superlativos absolutos sintéticos – que têm por sufixo derivacional o *-issimo*, em língua italiana, e *-íssimo*, em língua portuguesa – são utilizados em menor frequência na língua portuguesa do Brasil, se comparado ao uso em língua italiana. No entanto, no aspecto semântico, o superlativo absoluto sintético é mais enfático que o superlativo absoluto analítico, que se forma com a anteposição de uma palavra intensiva, em ambas as línguas. Segundo a enciclopédia online *Treccani*, na entrada sobre superlativos italianos, escrita por Livio Gaeta¹⁰⁷, o sufixo *-issimo* é:

chamado também *elativo*, porque “exprime o grau mais elevado de intensidade em uma escala de valores altos, mas não polares (Merlini Barbaresi 2004: 448) [...]. As bases adjetivais que preferem o *-issimo* geralmente envolvem uma dimensão

¹⁰⁷ SUPERLATIVI. In: Treccani, 2010. Disponível em: <

fortemente afetiva e a confiança incondicional no juízo expresso (Rainer 2003)¹⁰⁸.

Semelhantemente, Evanildo Bechara afirma sobre o uso do superlativo absoluto sintético na língua portuguesa brasileira e acrescenta:

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo (BECHARA, 2006, p. 149).

Tendo em vista que, tanto no italiano quanto no português do Brasil, o superlativo absoluto sintético é mais enfático que o analítico, e que a sua utilização na língua portuguesa é um empréstimo do latim e do italiano, optei por manter, no texto de chegada, o mesmo uso do texto de partida. Dessa maneira, a tradução leva uma marca da língua italiana e intensifica a qualificação que os superlativos concedem. Seguem exemplos em que os superlativos foram mantidos:

IT	PT
pochissimi	pouquíssimos
grandissima	grandíssima
ignotissimi	desconhecidíssimos

¹⁰⁸ “viene detto anche *elativo*, perché “esprime il grado più elevato di intensità su una scala di valori alti ma non polari” (Merlini Barbaresi 2004: 448) [...]. Le basi aggettivali preferite da *-issimo* in genere coinvolgono una dimensione fortemente affettiva e la fiducia incondizionata nel giudizio espresso (Rainer 2003)”.

Advérbios nominais

Os advérbios de base nominal, “formados de adjetivos acrescidos do ‘sufixo’ -mente” (BECHARA, 2006, p. 293), que aparecem no ensaio, foram mantidos no texto de chegada quando não expressavam duplo sentido, como nos casos que seguem:

IT	PT
barbaramente (p.63)	barbaramente
puramente (p.61)	unicamente - para não ter conotação de “de modo puro”
utilmente (p.53)	utilmente

Sentido

O processo tradutório sempre implica escolhas, em alguns momentos, depois de uma elaborada compreensão do texto, as escolhas podem ser tomadas com certa facilidade, ou podem mesmo ser espontâneas, e em outros, implicam dificuldades e problemas na língua de chegada. A seguir mostro algumas palavras cuja escolha tradutória requereu uma maior atenção para que não fosse conferido um sentido equivocado ao texto da língua de chegada.

IT	PT
età fuggitiva (p.49)	idade fugidia Comporta o sentido de efemeridade, idade que transcorre rapidamente deixando escapar o tempo (expressa melancolia, marca do romantismo). Poderia também ter sido utilizada a palavra

	<p>“fugitiva”, no entanto, essa pode remeter ao “fugitivo”, aquele que deserta ou evade um lugar ou estabelecimento (prisional, por exemplo), significado não desejado para a tradução.</p>
<p>sommo capo (p.50)</p> <p>capo</p>	<p>máxima</p> <p>“Sommo capo”, em italiano, é uma expressão que tem o sentido de: sumariamente, algo que se limita ao mais importante. A palavra “máxima”, escolhida para a tradução, também se refere a uma afirmação feita em poucas palavras.</p> <p>máxima</p> <p>“Capo”, em italiano, pode se referir a um capítulo de livro, de um discurso, de um texto de lei, no entanto, a palavra “capítulo”, em português, não foi utilizada por não fazer referência ao “sommo capo” e por não se referir a algo breve e resumido, como consta na acepção de “máxima”.</p>
<p>necessario</p> <p>necessariamente</p>	<p>Tutto quello che soddisfa a’ bisogni è necessario (p.54).</p> <p>Tudo aquilo que satisfaz às necessidades é imprescindível.</p>

	<p>Tutti i bisogni non soddisfatti lascierebbero gli uomini alla disperazione delle passioni che ogni bisogno eccita necessariamente (p.54).</p> <p>Todas as necessidades não atendidas deixariam os homens ao desespero das paixões que cada necessidade provoca obrigatoriamente.</p> <p>Na tradução das frases acima, não constam as palavras “necessário” e “necessariamente” para não provocar uma repetição sonora com a palavra “necessidades”.</p>
<p>letterati da tavolino (p.54)</p>	<p>Literatos de escrivanhina</p> <p>Refere-se aos literatos claustrais que conhecem o mundo somente por meio do estudo de livros.</p>
<p>vero</p>	<p>Desunti dal esame del vero (p.49) Deduzidos da análise da verdade</p> <p>Desumere il vero morale (p.53) Deduzir o verdadeiro moral</p> <p>Na língua italiana é possível utilizar a palavra <i>vero</i> (substantivo) como sinônimo de “verità”, no</p>

	<p>entanto, no <i>Grande dizionario Hoepli italiano</i>, a acepção de “realidade concreta” ou de “natureza” (como em: “un ritratto dal vero” [um retrato da verdade] consta somente para o vocábulo <i>vero</i>¹⁰⁹, e nesse caso, cabe como tradução para o português a palavra “verdade”, que cumpre função de substantivo.</p> <p>Assim, quando “vero” é substantivo, foi utilizado como tradução “verdade”, e quando é adjetivo foi utilizado “verdadeiro(a)”.</p>
<p>morale</p>	<p>Desumere il vero morale (p.53) Deduzir o verdadeiro moral</p> <p>Tanto em língua italiana, como em língua portuguesa, quando o substantivo moral é masculino, segundo a acepção que consta na seleção bibliográfica, refere-se à condição psicológica, estado de espírito, e quando é feminino refere-se ao conjunto de princípios e valores. Dado que Foscolo faz inúmeras menções aos sentimentos e sensações ao longo do ensaio, infere-se que “morale” foi utilizado no sentido de ânimo, como no exemplo em que diz “O movimento moral do animal humano está na</p>

¹⁰⁹ VERO. In: *Grande dizionario Hoepli italiano*. Milano: Hoepli, 2015. Disponível em: http://www.grandidizionari.it/Dizionario_Italiano/parola/V/vero.aspx?query=vero. Acesso em: 5 de jan. de 2016.

	oscilação perene da esperança e do temor”. Nesse caso Foscolo relaciona o movimento moral ao movimento de prazer e dor, ou de alegria e tristeza.
concorso (p.60)	<p>Ogni concorso di parole parla per conseguenza al raziocinio per mezzo del significato primitivo, alla fantasia per mezzo delle idee concomitanti, e all’orecchio per mezzo de’ suoni. Or questo valore risulta dal concorso de’ grandi scrittori, e dai vocabolari, che sono depositari di questo concorso.</p> <p>Cada afluência de palavras fala, por consequência, ao raciocínio por meio do significado primitivo, à fantasia por meio das ideias concomitantes, e aos ouvidos por meio dos sons. Então esse valor resulta da afluência dos grandes escritores e dos vocabulários, que são depositários dessa conjuntura.</p> <p>A palavra “conjuntura” foi utilizada ao final da frase por portar, além do significado de conjunção ou afluência de determinados elementos, o significado de situação, ou de algo que existe em decorrência de uma associação de elementos.</p>
pianta (p.56)	<p>pianta per principio delle sue declamazioni</p> <p>planta por princípio de suas declamações.</p>

	<p>No dicionário Tomaseo consta como uma das acepções de piantare: “Piantare un principio nel discorso, che sia fondamento di ragionamenti seguenti”.</p> <p>Em dicionários de língua portuguesa podemos encontrar acepções semelhantes que levam à mesma compreensão, como “fazer penetrar” ou “infundir”, como nos exemplos: plantou o cristianismo (no coração dos irmãos; era um sujeito que plantava ódio (no coração de todos) – ou a acepção de “fazer surgir”; “erigir”; “construir.</p>
beltà (p.61)	<p>beldade</p> <p>na atualidade é pouco usado no sentido de beleza não humana, e neste caso a palavra refere-se à beleza da língua, mas em dicionários consta: “qualidade do que é belo; beleza <a b. de uma paisagem”.</p>

Repetições de vocábulos

Por fim, é importante, ainda, dar atenção a algumas repetições de vocábulos utilizadas por Foscolo, pois a frequência de algumas palavras nos dão pistas do engajamento político do autor, como também da sua aproximação ao romantismo.

PALAVRA	FREQUÊNCIA
patria	7 vezes
nazione(i)/ nazionale	20 vezes
persuasione ou eloquenza	6 vezes
ingegno	3 vezes
ragione/ ragionamento/ ragionevolmente/ ragionare/ raziozinio	23 vezes
intelletto/ intellettuale	10 vezes
sentimento(i)	14 vezes
passione(i)/ appassionando	22 vezes
sensazione	4 vezes
utile/ utilità/ utilmente	15 vezes

A frequência das palavras da tabela no ensaio de Foscolo demonstram a relevância das mesmas para o texto em questão e para o próprio autor. Primeiramente, atento para as repetições de “patria” e “nazione”, bem como de “pesuasione”, “eloquenza” e “utile/ utilità/ utilmente”: a frequência dessas palavras em um ensaio sobre a literatura expressam que o autor relaciona essa, a literatura, com a utilidade à pátria. A frequência dessas palavras, então, revelam ou fortalecem a afirmação do engajamento literário do autor.

É interessante também notar como o fato de Foscolo estar inserido em um momento cultural transicional, entre o neoclassicismo e o romantismo, se manifesta na frequência do uso de palavras como “intelletto/ intellettuale”, “ingegno”, “ragione/ ragionamento/ ragionare/ ragionevolmente/ raziozinio”, ou de outras como “sentimento”, “sensazione”, “passione/ appassionando”. O uso dessas palavras em um

mesmo ensaio sobre a literatura figuram Foscolo ora em um movimento cultural-literário ora em outro, ora dando maior ênfase ao intelecto e a razão ora aos sentimentos e emoções.

Há um último ponto que entendo ser interessante ressaltar, acerca da palavra “Genio”, utilizada por Foscolo na última página do ensaio (FOSCOLO, 1933, p. 75). O termo consta comumente nos dicionários como sinônimo de “ingegno”, cito, contudo, uma diferenciação entre os termos que aparece no Dizionario Etimologico, mais especificamente no verbete *genio*:

[...] sinônimo de Talento e *Engenho*. Porém o Gênio se distingue de *Engenho*, porque apesar deste e daquele serem congênicos, neste é a atitude do intelecto que compreende, raciocina e com justeza combina as ideias para trazer úteis resultados, e é faculdade que não pode ser separada da abundante memória, da fantasia tranquila, da moderada vivacidade de sentimento: aquele por sua vez, ou seja, o gênio, é faculdade criativa do intelecto, faísca vivificadora, que pressupõe o engenho acoplado à grande fantasia e forte paixão, em que não somente recorda e vê, mas exalta e recompõe as ideias e, mirando o belo e o sublime, se apaixona, e a paixão em outros transfunde¹¹⁰.

Destaco dessa distinção que o termo *gênio* se relaciona mais com *fantasia*, *paixão* e *criação*, enquanto que o *engenho* está mais

¹¹⁰ “[...] sinonimo di Talento e Ingegno. Però il Genio va dall’Ingegno distinto, perche sebbene l’uno e l’altro sieno congeniti, questo è l’attitudine dell’intelletto a comprendere, ragionare e con giustezza combinare le idee, per trarne utili risultati ed è facoltà che non può essere disgiunta da molta memoria, da fantasia tranquilla, da moderata vivacità di sentimento: quello invece, ossia il genio, è facoltà creatrice dell’intelletto, scintilla vivificatrice, che presuppone l’ingegno accoppiato a grande fantasia e forte passione, onde non solo ricorda e vede, ma esalta e ricompone le idee, e mirando al bello e al sublime si passiona e la passione in altri trasfonde”. (tradução minha)

próximo ao *raciocínio*, à *memória* e aos *úteis resultados*. A diferença na significação dos termos também pode ser notada no ensaio, não em vão Foscolo utiliza o termo *Gênio* ao final de seu texto sobre a literatura, como que em uma conclusão, e o contrapõe às palavras *religião*, *cientistas* e *artífices*. Depois de exaltar no ensaio a importância do pensar, do sentir e do vivenciar, o termo resume o que Foscolo espera do literato, que não sacrifique o *Gênio*:

Quem cumpre com todos os deveres da sua arte, de modo que seja considerado ornamento e vantagem pelos seus concidadãos; sobe tão alto, que o olho da inveja não chega a amaldiçoá-lo; ele somente pode sacrificar com religião o próprio Gênio no santuário da arte sem a infeliz necessidade de profaná-lo nos convites das academias, onde o temor e a vaidade aprofundam trocas de panegíricos, nem de prostituí-la aos altares do poder e da riqueza, as quais frequentemente coroam de ouro os cientistas e artífices, mas dos louros imortais jamais. (FOSCOLO, 1933, p. 75)¹¹¹

Os termos *engenho* e *Gênio*, dessa forma, demonstram a aproximação de Foscolo ao neoclassicismo e ao romantismo, donde no primeiro movimento há uma forte presença do racional e do científico, então está mais próximo à significação de *engenho*, e no segundo movimento há uma preponderância do sentimento, e portanto relaciona-se ao *Gênio*.

¹¹¹ “Chi adempie a tutti i doveri dell’arte sua, sì ch’egli sia riputato di ornamento e di vantaggio a’ suoi concittadini, quei sale sì alto, che l’occhio dell’invidia non giunge a malignarlo; quei solamente può sacrificare con religione al proprio Genio nel santuario dell’arte senza l’infelice bisogno di profanarlo ne’ convitti delle accademie, ove il timore e la vanità profondono scambievoli panegirici, nè di prostituirla agli atrii della possanza e della ricchezza, le quali spesso coronano d’oro gli scienziati e gli artefici, ma del lauro immortale non mai”. (tradução minha)

3.2.3 Sobre as notas

Na tradução, constam quatro notas que concernem às citações de Rousseau, Plutarco, Petrarca e Virgílio feitas por Foscolo. As notas foram elaboradas para dar a referência da origem dos textos para os leitores brasileiros que queiram se aprofundar nos temas ou nos autores tratados. Todas estão dispostas como nota de rodapé para dar o acesso imediato da informação ao leitor interessado, sem, contudo, interferir imediatamente no texto.

As citações de Rousseau, de Plutarco e de Petrarca estão escritas em português no corpo do texto da tradução, pois, no texto de partida, estão em língua italiana. A citação de Virgílio, por sua vez, não foi traduzida, pois Foscolo a utiliza em latim, além disso, a presença da língua latina na tradução assinala a relação de Foscolo com a literatura e línguas clássicas e indica se tratar de um texto antigo, já que o latim deixou de ser usado no Brasil com a mesma frequência que anos atrás.

As citações de Rousseau e de Plutarco foram traduzidas por mim a partir da citação que consta no ensaio, no entanto, há na nota de rodapé, para a citação de ambos os autores, uma tradução já publicada para o português: a de Rousseau foi feita por Néelson Jahr Garcia e a de Plutarco foi feita por Miguel Milano. Optei por deixar no corpo do texto as traduções feitas por mim a partir da citação que consta escrita no ensaio de Foscolo, porque há diferenças significativas entre a citação de Foscolo e as traduções publicadas no Brasil, o que pode advir por diferentes textos fontes ou por alterações proposicionais de Foscolo. Fato é que no trecho que em Foscolo aborda o estilo e cita Plutarco, na tradução de Miguel Milano não está escrito explicitamente neste trecho que o texto trata sobre o *estilo* – “Quanto a mim, parece-me que, em

geral, toda esta contenda, e desmedida inveja de quem fala e escreve melhor que os outros” –, enquanto que a citação que se encontra no ensaio diz mais claramente e utiliza a palavra *estilo*: “La gara e l’emulazione d’imitare lo scrivere e lo stile degli altri a me” [A disputa e a emulação em imitar o escrever e o estilo dos outros para mim] (p. 65 da dissertação). Da mesma forma, entendo que a citação que Foscolo faz de Rousseau e a tradução já existente de Néelson Jahr Garcia também são significativamente diversas (p.56 da dissertação) . Embora no corpo do texto eu tenha optado por deixar a tradução feita a partir do texto de fonte de Foscolo, as traduções já publicadas estão em nota de rodapé.

Para a citação do verso de Petrarca, que se encontra ao longo do ensaio de Foscolo, utilizei a recente tradução de José Clemente Pozenato, publicada em edição bilingue pela editora Unicamp em 2014, pois o texto de partida da tradução é muito semelhante do utilizado por Foscolo. Sobre esse trecho, a nota de rodapé traz somente informações sobre a obra do texto de partida, o livro “Rerum vulgariarum fragmenta”, mais conhecido como “Canzoniere” e as informações da edição brasileira e tradução (p.65 da dissertação).

Por fim, há uma última nota esclarecedora, sobre o vocábulo *boccaccescos* (p.62 da dissertação), dizendo que o termo refere-se a Boccaccio. Penso que referência a Boccaccio é mais imediata para os leitores italianos que para os leitores brasileiros, já que o autor é menos popular no Brasil.

Vimos neste capítulo o referencial teórico utilizado para a tradução, baseado em teóricos como Berman (2002; 2012) e Meschonnic (2010), e questões que surgiram no decorrer do processo tradutório e as respectivas escolhas tradutórias. As escolhas procuraram

priorizar a oralidade, marcar com italianismos o texto em português bem como conservar algumas particularidades da escrita de Foscolo, sem, contudo, deixar de prezar pela forma culta do português brasileiro utilizado na atualidade, e com isso, a tradução tentou incorporar um *modo de dizer*, o ritmo ou a letra do texto de partida

CONCLUSÃO

Diante do desafio de traduzir o ensaio *De' principj della letteratura*, por se tratar de um texto escrito no início do século XIX, com uma linguagem não corrente para a atualidade, pontuações incomuns e de teor literário e filosófico de difícil apreensão, procurei ancorar-me na compreensão do tempo político e cultural no qual Foscolo viveu e em teóricos, como Berman (2002; 2012) e Meschonnic (2010), que tratam o texto literário não só como contenedor de palavras, mas possuidor de ritmo e poética, características que significam o texto e o tecem em um todo textual. Neste espaço de finalização do trabalho, portanto, retomo o caminho percorrido nesta dissertação para em seguida apresentar as principais conclusões advindas do estudo e da prática de tradução.

Para tornar compreensível o conjunto de conceitos e ideias utilizados por Foscolo e elucidar seu modo e propósitos de escrita, no primeiro capítulo, inseri Foscolo no contexto político e cultural da Itália recém passada pela Revolução Francesa. Nessa ocasião, Foscolo absorveu características tanto do moderno quanto do clássico. Em sua literatura, a influência dos antigos valores gregos e latinos se expressou através do resgate das formas filosóficas e artísticas da época clássica, em outras palavras, por meio da métrica, da harmonia, da beleza e do olhar voltado ao plano terreno e ao homem, Foscolo discutiu sobre questões morais e políticas, voltando a sua escrita à *razão do coração*. Já em relação aos valores modernos, através dos preceitos iluministas, Foscolo respaldou sua escrita no materialismo e no racionalismo, sem

deixar de priorizar as vivências e os sentimentos, e com isso refletiu sobre as questões políticas, linguísticas e literárias do seu tempo. A união dessas características é justamente o que aproxima Foscolo do movimento literário *neoclássico*.

Por outro lado, e apesar de ter sido um exímio defensor dos clássicos e um crítico dos “modernos”, Foscolo aproximou-se da estética romântica, tanto pela sua vivência aturbulada quanto pela sua obra repleta de elementos que denotam o sentimentalismo e a valorização do “eu”. Por esse motivo, procurei compreender a obra de Foscolo a partir da intersecção entre características literárias neoclássicas, ou iluministas, e características do movimento romântico, que aliás, na Itália esteve ligado à questão da pátria, tema caro à Foscolo. Saliento, portanto, que esses dois movimentos, apesar de possuírem características próprias, trazem semelhanças, principalmente em autores como Foscolo, cuja literatura se encontra em uma zona limítrofe. Esclareço a semelhança entre os movimentos lembrando que tanto o neoclassicismo como o romantismo voltam-se aos sentimentos, no entanto, no primeiro isso foi expresso através do sensismo e da comunicação das emoções, que teve, todavia, o racional para colaborar com o governo das paixões e com a fuga do pessimismo, enquanto que no segundo as emoções se apresentam intensas, favorecendo à formação de uma atmosfera melancólica. Em ambos os movimentos literários, o homem está ao centro das formulações e da compreensão do universo, mas no primeiro, parte das experiências próprias e do estudo dos exemplos da história e no segundo, se atém somente aos próprios sentimentos e paixões, através dos quais conhece seu entorno e realiza suas aspirações. Portanto, mesmo que a crítica literária geralmente não

vincule esse período da história italiana ao romantismo, pode-se notar, na literatura foscoliana, características marcantes desse período, como uma retórica não vazia, a valorização do *eu* e a existência de uma tendência objetiva e realista, que observa e descreve a realidade, e, paralelamente, de uma tendência subjetiva, que se volta à expressão do imediatamente sentido. Por esses aspectos, pode-se concluir que Foscolo, se não foi o primeiro, foi um dos primeiros românticos da Itália.

Outro ponto a se destacar é que Foscolo, ao elaborar as aulas *pavesi*, buscou transmitir valores literários que contêm, em seu centro, a eloquência, um importante instrumento de utilidade à pátria. Para Foscolo, somente através da linguagem persuasiva era possível construir a referência de uma história italiana com grandes escritores e heróis, e desse modo, construir uma identidade nacional, que era uma das preocupações do romantismo italiano.

Compreendendo que o *modo* literário, baseado na bela língua, na eloquência e na história, estava no cerne dos princípios sobre a literatura, busquei, para elaborar a tradução, um embasamento teórico em Berman (2002; 2012) e Meschonnic (2010), que abordam o texto como um discurso, não dissociando forma e conteúdo. Seja para Berman, seja para Meschonnic, o sentido do texto se constrói através da maneira como se entrelaçam as ideias, através do modo como o texto é tecido pelo autor. Nesse sentido, o tradutor deve buscar esse *modo de dizer*, pois é aí que está a poética literária.

Busquei na tradução do texto de Foscolo, portanto, trazer para a língua de chegada esse modo de dizer, a partir da minha particular

leitura e estudos realizados acerca do autor, do contexto histórico e literário do texto de partida e do atual uso da língua portuguesa no Brasil. Entendo, portanto, que a tradução apresentada nesta dissertação é *uma* tradução, porque é uma leitura particular e situada, e não pretende ser única. Espero que este ponto final abra o diálogo e o olhar para a literatura de Foscolo e possa colaborar com os estudos sobre autor no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro; [19--].

ASOR ROSA, Alberto. *Storia europea della letteratura italiana: v.II*. Torino: Giulio Einaudi, 2009.

BATTI, Karina. *A representação da morte em Ultime lettere di Jacopo Ortis: um olhar sobre o materialismo foscoliano*. 2015. 47 f. Trabalho de conclusão de curso – Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012.

BETTARELLO, Italo. A poética de Foscolo. *Homenagem a Ugo Foscolo*, boletim n. 20. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1979.

CAMPANA, Andrea. *Ugo Foscolo: Letteratura e politica*. Napoli: Liguori, 2009.

CITTANA, Giuseppe. *La poesia di Ugo Foscolo: saggio critico*. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1920.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *A gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

D'ORSI, Angelo. *Il nostro Gramsci: Antonio Gramsci a colloquio con i protagonisti della storia d'Italia*. Roma: Viella, 2011.

DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana*. Torino: Einaudi-Gallimard, 1996.

FERRONI, Giulio. *Storia e testi della letteratura italiana: v. VI*. Milano: Mondadori Università, 2003.

FORENZA, Eleonora. Ugo Foscolo: icona della retorica nazionale. In: D'ORSI, Angelo. *Il nostro Gramsci: Antonio Gramsci a colloquio con i protagonisti della storia d'Italia*. Roma: Viella, 2011.

FOSCOLO, Ugo. *La chioma di Berenice*. Milano: Genio, 1803.

_____. *Lezioni, articoli di critica e di polemica (1809-1811)*. Firenze: Le Monnier, 1933.

_____. *Opere di Ugo Foscolo: volume primo*. Napoli: --, 1860.

_____. *Opere di Ugo Foscolo: volume secondo*. Napoli: --, 1860.

_____. *Opere edite e postume di Ugo Foscolo: Epistolario, raccolto e ordinato da F.S. Orlandini e da E. Mayer; vol.2*. Firenze: Le Monnier, 1854.

_____. *Opere edite e postume di Ugo Foscolo: Prose letterarie; vol.4*. Firenze: Le Monnier, 1850.

_____. *Opere edite e postume di Ugo Foscolo: Prose politiche*. Firenze: Le Monnier, 1850.

_____. *Opere edite e postume di Ugo Foscolo: Saggi di critica storico-letteraria, vol. 2*. Firenze: Le Monnier, 1862.

- GIBELLINI, Cecilia. *Ugo Foscolo*. Milano: Mondadori Education, 2012.
- GIUNTI EDITORE. *Parola chiave: dizionario di italiano per brasiliani*. Tradução Carlo Dastoli, [et al.], revisão da tradução Ivone Benedetti, Letizia Antunes, Silvana Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira, Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A contribuição italiana para a formação do Brasil*; organização e tradução de Andréia Guerini. Florianópolis: NUT/NEIITA/UFSC, 2002.
- LEFEBVRE, Georges. *A Revolução Francesa*. Tradução de Ely Bloem de Melo Pati. São Paulo: IBRASA, 1966.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Tradução de Anoir Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- LUCRECIO. *A natureza das coisas*. Tradução de Antonio José de Lima Leitão. Lisboa: Typ de Jorge Ferreira de Mattos, 1851.
- MARONIS, P. Vergili. *Aeneidos: liber VI*. Cambridge: University Press; London: Cambridge Warehouse. 1878.
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- OUSTINOFF, Michël. *Tradução: história, teorias e métodos*. Tradução de Marcio Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.
- PALLAVERI, Daniele. *Ugo Foscolo*. Livorno: Vigo, 1892.
- PALUMBO, Matteo. *Foscolo*. Bologna: il Mulino, 2010.

PERRY, Marvin. *Civilização ocidental: uma história concisa*. Tradução de Waltensir Dutra, Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PETRARCA, Francesco. *Il Canzoniere*. Venezia: Girolamo Tasso, 1844.

_____. *Cancioneiro*. Tradução de José Clemente Pozenato. Campinas: Ed. Unicamp, 2014

POZZI, Mario; MATTIODA, Enrico. *Introduzione alla letteratura italiana: Istituzioni, periodizzazioni, strumenti*. Torino: UTET, 2010.

PLUTARCO. *As vidas dos homens ilustres de Plutarco*. Tradução de Miguel Milano. São Paulo: Ed. das Américas, 1962.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as Ciências e as Artes*. Tradução de Néelson Jahr Garcia. --: Ridendo Castigat Mores, --.

_____. *Emílio: ou da educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SIMONI, Karine. *As contribuições de Ugo Foscolo para a Teoria e a Crítica Literárias*. 2009. 252 f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2009.

VERDENELLI, Marcello. *Foscolo: una modernità al plurale*. Roma: Anemone Purpurea, 2007.

VICENTINI, Marzia. *Foscolo e le discussioni linguistiche del settecento*. 1992. Tese apresentada para o Concurso de Professor Titular na Área de Literatura Italiana – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1992.

VOVELLE, Michel. *França revolucionária (1789-1799)*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

BAKER, Mona. *Routledge Encyclopedia of Translation*. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2005

BENEDETTI, Ivone. *Dicionário Martins Fontes italiano-português*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

BERARDI, Roberto. *Dizionario di termini della critica letteraria*. Firenze: Felice Le Monier, 1994.

BIBLIOTECA ITALIANA. Disponível em <<http://www.bibliotecaitaliana.it/>>

DEVOTO, Giacomo; OLI, Gian Carlo. *Dizionario della lingua italiana*. Firenze: Le Monnier, 1971.

DIZIO: DIZIONARIO E TRADUTTORE. Disponível em <<http://dizio.org>>

DIZIONARIO DEI MODI DI DIRE DELLA LINGUA ITALIANA (org. Monica Quarta). Hoepli editore, disponível em <<http://dizionari.corriere.it/dizionario-modi-di-dire/>>

DIZIONARIO DEI SINONIMI E CONTRARI. RCS libri. Disponível em <http://dizionari.corriere.it/dizionario_sinonimi_contrari/>

DIZIONARIO DELLA LINGUA ITALIANA. (org.) Tommaseo/Bellini. Disponível em <<http://www.dizionario.org/index.php?dizionario-italiano>> (versão digitalizada somente até a letra G)

DIZIONARIO DELLA LINGUA ITALIANA. (org.) Il Sabatini Coletti.
Disponível em <http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/>

DIZIONARIO GARZANTI LINGUISTICA. Disponível em:
<<http://www.garzantilinguistica.it/ricerca/>>

GRANDE DIZIONARIO ITALIANO. (org) Gabrielle Aldo. Hoepli.
Disponível em: <<http://www.grandidizionari.it>>

INFOPÉDIA. Dicionários Porto editora. Disponível em
<<http://www.infopedia.pt/>>

INTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LESSICOGRAFIA DELLA CRUSCA IN RETE. Vocabolario degli
accademici della Crusca. 4 edizione. (1729-1728). Disponível em
<<http://www.lessicografia.it/>>

MASTROFINI, Marco. *Teoria e prospetto o sia dizionario critico de' verbi italiani conjugati specialmente degli anomali e malnoti nelle cadenze*. Milano: Giovani Silvestri, 1830.

TRECCANI VOCABOLARIO, SINONIMI, ENCICLOPEDIA E
BIOGRAFIE. Disponível em <<http://www.treccani.it/>>

VERBOS ITALIANOS. (org) Enrico Olivetti. Disponível em <
<http://www.italian-verbs.com/os-verbos-italianos.htm>>

VOCABOLARIO DEGLI ACCADEMICI DELLA CRUSCA.
Disponível em <http://vocabolario.sns.it/html/_s_index2.html>

VOCABOLARIO ETIMOLOGICO DELLA LINGUA ITALIANA.

(org.) Ottorino Pianigiani. Disponível em < <http://etimo.it> >